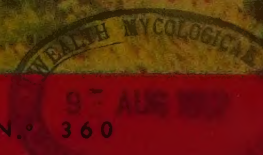
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXXII • FEVEREIRO DE 1957 • N.º 360

// Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de Novembro, 111 - 15.° and.

Ano XXXII | FEVEREIRO DE 1957 | Número 360

Sumário

NOSSA CAPA:

"Cafèzais novos em terras velhas". Êste foi um *slogan* que lançamos há vários anos, e que se vai firmando e ampliando a cada dia. Novas regiões, por todo o país, se integram, contìnuamente na "experiência de Campinas". O clichê da capa reproduz parte de um dos cafèzais do sr. Ottoni Ferreira Barbosa, em Alfenas, Sul de Minas, plantado em velhíssima terra de pasto cheio de cupins, o que só se tornou possível graças ao emprêgo de todos os processos da moderna técnica agronômica: sementes selecionadas, curvas de nível, restauração do solo à base de leguminosas, cobertura da terra, aplicação de composto, calcário e adubos minerais. Esta foto é de 1952. Atualmente, estão os cafèzais do sr. Barbosa em plena produção, com elevado rendimento e produto de excelente tipo e bebida, fornecendo sementes e técnica aos lavradores interessados em melhorar sua cafeicultura.

PARA OBTER *cafés finos*

Instale imediatamente na sua fazenda um

SECADOR MOREIRA

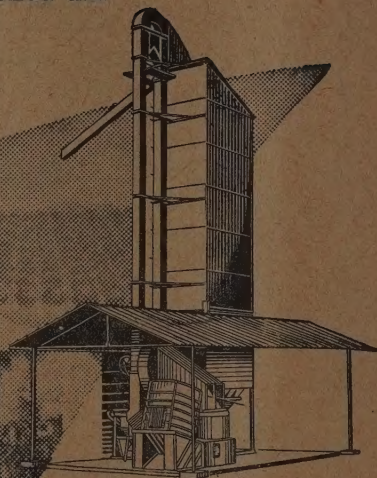
no qual, o café é secado com perfeita igualação e despejado diretamente na tulha definitiva.

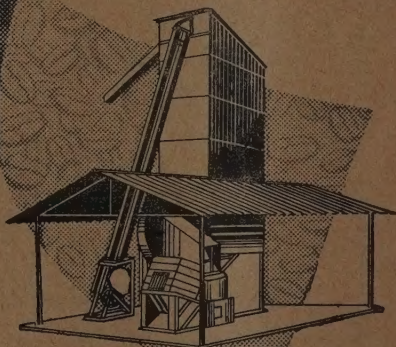
- Serviço fácil, rápido, eficiente e MAIS ECONÔMICO, empregando apenas um operário.

- As larvas e ovos da broca são totalmente destruidos.

No passado o lavrador esteve sujeito ao "bom ou mau tempo"; hoje êste problema fundamental, de que depende o lucro, está superado com o emprêgo do SECADOR MOREIRA. Mesmo com o "bom tempo", a secagem no terreiro, fica muito mais onerosa, devido ao número de empregados que exige.

o SECADOR MOREIRA assegura um serviço rápido, possibilitando a entrega do café, nas melhores oportunidades do mercado.

Siga o exemplo dos mais adiantados fazendeiros que, como os compradores e comissários de café preferem o SECADOR MOREIRA para seu próprio uso.

SECADOR MOREIRA
Mod. 101-B
Fôrça motriz 5 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1 m3 - Capacidade 50 sacos de 100 litros (cada carga)

SECADOR MOREIRINHA
Mod. 102-B
Fôrça motriz 3 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1/2 m3 - Capacidade 75 sacos de 100 litros (cada carga)

Dispensa construção para abrigá-lo

Entrega imediata ***Montagem gratuita***

Máquinas Moreira S.A.

R. da Moóca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) Caixa Postal 2100
End. Telegr. "SECADORES" - S. Paulo

Promotion

Prioridade e financiamento supervisionado para o café

J. TESTA

No Brasil, presentemente, não se sabe a que acudir: tudo é necessário e urgente. Em parte porque muita cousa se achava descurada, desde longa data, e em parte devido ao acelerado desenvolvimento do país, nos últimos tempos, o que obriga as soluções a andarem correndo atrás dos problemas que se vão criando. Portos, estradas de ferro e de rodagem, pesquisa e refinação de petróleo, centrais elétricas, siderurgia, máquinas, abastecimento... não se sabe a que acudir.

Desejando pelo menos dar um planejamento, uma esquematização a essas questões, determinou o sr. Presidente da República, depois de as fazer estudar por comissões de técnicos, sua ordenação em planos ou objetivos a que determinou ''metas'' e tratou de lhes estabelecer verbas e formas de execução.

Que atenção foi dada ao café nesses objetivos? — Parece que nenhuma especial, pois um alvo a alcançar, uma prioridade, não lhe foi atribuida, não obstante as atenções que lhe têm sido dispensadas, e que se traduzem por uma política segura de exportação, de financiamento e de preços, com um mínimo de ''conversas' e de agitações do mercado. Tudo isso é excelente, não há dúvida, mas não constitui qualquer ''meta'' a alcançar, nem estabelece, para o grande produto, um tratamento preferencial. Muito ao contrário, faz o café o papel do irmão rico, tendo que fornecer cambiais que permitam acudir aos irmãos ''gravosos'', e à industrialização, e as dívidas externas... Aliás, como poderia ser de outra forma? Justa ou injustamente, que outro produto poderia fornecê-los? Onde buscar recursos, a não ser no café?

* * *

Mas, exatamente porque, afinal, se tem que reconhecer tudo isso é que se chega, pela mesma ordem de idéias, a reconhecer que merece o café uma prioridade absoluta na seriação dos nossos problemas. É axiomático: se é êle que nos dá tudo, se é dêle que, pràticamente, vivemos, se a sua ruina nos arruinaria a todos, logo é essencial que o coloquemos a salvo de quaisquer acidentes afim de que, à sua sombra, tenhamos tempo de ir construindo um sólido arcabouço baseado em outros produtos e outras riquezas.

Trocando em miudos tôda a infinita discussão que se tem mantido sôbre os mais variados aspectos do problema cafeeiro (escolha do terreno, semente selecionada, defesa contra a erosão, tratos culturais, adubação, irrigação, colheita, secagem, beneficiamento, transporte, armazenamento, propaganda e conquista de mercados, financiamento, contrôle de embarques, defesa de preços, etc., etc.,) pode-se reduzir tudo a algumas grandes linhas: num certo aspecto tem-se de considerar a ação do poder público ou dos particulares; e, de outra parte, deve-se levar em conta o que depende apenas do dinheiro e o que, além dêste, exige também técnica.

Em última análise, vem quase tudo a girar em torno do dinheiro, e essa é a razão por que os lavradores são quase sempre acusados de imediatistas, visando apenas o financiamento com o que, dizem êles, ficam em condições de resolver os outros problemas. Nem todos os observadores de conjuntura cafeeira têm, entretanto, essa opinião, havendo muitos a afirmar que certos lavradores não são suficientemente esclarecidos para resolver, mesmo com dinheiro, os problemas da técnica, ou suficientemente práticos e seguros de sua lavoura para bem empregar os financiamentos que lhes sejam atribuidos, ao envés de os distrair para fins suntuários.

* * *

Ora, se realmente examinarmos o assunto em profundidade, somos obrigados a reconhecer que, dentre as três etapas básicas do café — produção, comercialização no país, e exportação —, o dinheiro pràticamente só lhe tem servido na segunda, isto é, desde o ponto em que o café está colhido, ou quase, até chegar aos portos de embarques. Nessa etapa há financiamentos do poder público, por intermédio dos bancos oficiais e há o financiamento dos bancos particulares, dos comissários e comerciantes. Antes disso, porém, na etapa da produção, que é vital, que é onde se póde conseguir *maior rendimento* e *melhor qualidade*, qual o auxílio? — Muito pequeno. E na terceira etapa, a da propaganda, que cabe mais especìficamente ao poder público, que se tem feito? Também muito pouco, à parte o mercado dos Estados Unidos e, esporàdicamente, o da Europa.

Pouco depois de sua fundação, recolheu o Instituto de Café do Estado de São Paulo ao Banco do Estado, o numerário destinado ao financiamento das lavouras, para que êste o aplicasse, o que sòmente foi feito em escala muito reduzida. O mesmo que faria, depois, o Departamento Nacional do Café, com as verbas de que dispunha. É o que se faz até hoje. Ainda agora, vemos o saldo dos ágios cambiais aplicado em outros setores, por certo dignos de auxílio, mas que não são cafeeiros. O cacau já teve, há pouco, seus benefícios; a borracha dispõe de grandes verbas e assistência bastante ampla; igualmente o açúcar. Quinhentos milhões de cruzeiros foram há pouco destinados pela SUMOC ao refinanciamento da lavoura do país, mas apenas a de subsistência. E, nos 17 bilhões de cruzeiros aplicados pela Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil aos setores agrícola e pecuário em 1956, não teve o café prioridade e nem mesmo preponderância.

O que se torna necessário é que ao café seja concedido um financiamento não de emergência, de entre safra, porém básico, com tôdas as condições de um financiamento reestruturador da lavoura, capacitado a melhorar a produção, em *rendimento* e em *qualidade*.

Se ao cafeicultor assistem razões de sobra para insistir por uma assistência mais ampla e mais completa, e se às entidades governamentais cabe o incontestável direito de a conceder sob uma forma não mais imediatista, como até aqui, mas realmente criadora, não vemos outra modalidade senão a do crédito supervisionado. Não seria tão fácil organizá-lo, mas não nos parece impossível, desde que fosse submetido, desde o início, a regulamentos práticos e funcionasse de modo totalmente desburocratizado. Mister seria, inicialmente, um planejamento geral da política cafeeira, feito o que se daria ao lavrador uma assistên-

cia técnica e financeira eficiente, para que seu cafèzal fosse formado dentro das regras mínimas estabelecidas e fosse o café tratado, colhido e beneficiado rigorosamente dentro de especificações padronizadas, simples, práticas, eficientes, capazes de nos reconduzir à liderança da economia cafeeira mundial. Ao lavrador que assim agisse caberiam as facilidades e auxílios prèviamente especificados, e que seriam fornecidos automàticamente. Aos outros, os que não desejassem se enquadrar no planejamento (caso fosse êle facultativo) ficaria livre a produção fora dos cânones técnicos, mas sem quaisquer vantagens do poder público.

É uma sugestão, a que aqui lançamos, que poderá ser desaprovada, mas também poderá ser melhorada com as idéias práticas dos que possam fornecê-las.

Produzir cafés bem cuidados, limpos e de bom aspecto, dá pouco mais trabalho que produzir cafés maus. Muito pouco aparelhamento se exige, a mais, para a produção de cafés finos. O que é necessário é, principalmente cuidado, atenção, capricho.

E o ágio sôbre os bons cafés compensa, de sobra, êsses cuidados, além do fato de que, nos tempos de superprodução, os cafés que *sobram* não são, por certo, os de boa qualidade e bom aspecto.

Planejamento da fazenda de café

III — TENDÊNCIAS DA EMPRÊSA CAFEÍCOLA

(*continuação*)

O. T. MENDES SOBRINHO
(Engenheiro-agrônomo)

Os cafeicultores vêm tentando contornar a falta de mão de obra com a introdução do trato mecânico das lavouras. Como estas geralmente não se encontram preparadas para esse gênero de trabalho, o risco de acelerar a erosão do solo tende a aumentar, considerada a topografia mais ou menos acidentada e a exaustão da matéria orgânica.

Procura-se corrigir um mal agravando outro, maior, que a formação dos cafèzais em linhas rígidas, morro abaixo, vinha provocando. De certa forma os implementos motorizados resolvem precariamente o trabalho das capinas mas não constiuem solução para a apanha do café. Esta continua a ser feita a mão e, por isso, a crise de braços atinge seu estado mais agudo na colheita.

O déficit de mão de obra assalariada na agricultura não pode ser suprido com emigrantes européus ou orientais. É recente o fracasso das últimas tentativas de se trazerem famílias de italianos para colonos das fazendas de café. Forçoso é não ignorar que os excedentes demográficos da Europa são o produto de uma cultura superior à nossa e, consequentemente, de nível educacional e de aspirações mais elevadas que as da maioria dos empregadores rurais que os aguardam e, portanto, os conflitos serão inevitáveis.

O momento reclama operários especializados para as atividades rurais, como tratoristas, operadores de máquinas agro-industriais, artífices, etc., e colonização verdadeira, cientificamente orientada. A "Holambra", no município de Jaguariuna (SP), havendo superado a fase experimental, já pode ser apontada como exemplo concreto de colonização dirigida vitoriosa.

A auto-suficiência e a monocultura praticadas pelos cafeicultores terão de ceder lugar à exploração comercial da fazenda mediante processos industriais. Onde a lavoura de café se apresenta com feição de agricultura predatoria, terá de organizar-se em èmprêsa, para a exploração racional dos recursos mesológicos por meio da aplicação da moderna técnologia.

Não basta que a fazenda seja mista, no sentido local (café e gado para estrume), nem policultora, como é simplistamente entendida (café do fazendeiro e cereais de colonos, cultivados em palhadas, pelos mesmos processos de há meio século). As atividades agropecuárias deverão ser levadas a efeito em fazendas planejadas, quer sejam as do sertão ou as velhas. Nas primeiras, a esquematização antecipará a derrubada da própria mata e, nas últimas, a reorganização que as enquadrará na nova ordem técnico-econômica e imperativo de sobre-vivência.

A mudança da economia agrária colonial para a agrária industrial

não se eximirá de conflitos; a massa de cafeicultores relutantes com o ajustamento à nova ordem sucumbirá economicamente e a resultante imediata será a passagem da propriedade a outras mãos e a mobilização do lavrador para outro grupo ocupacional (1). Mas a produção nacional lucrará com o processo seletivo dos valores humanos, o onus dos preconceitos rotineiros, vêm apelando para a agronomia, que responde com sementes selecionadas, normas.

Campinas, outra vez centro da cafeicultura, é exemplo da afirmativa. É o foco irradiador do sistema da exploração industrial do cafeeiro por produtores que até ontem desconheciam o "pé de café" e, sem para o estabelecimento do moderno cafèzal, tornando realidade novas lavouras em velhas terras.

(1) Paralelamente ao retorno da cafeicultura à zona velha, novo destino vai sendo dado a muitas das antigas fazendas de café, sobretudo àquelas que se acham à margem das rodovias asfaltadas. Nelas verifica-se o desenvolvimento de um processo de ocupação agrícola dos terrenos outrora povoados de cafeeiros. Dois métodos de exploração caracterizam a invasão hortícola, liderada pela cultura do tomateiro: *de conta própria*, em pequenos lotes, em que a tradicional propriedade cafeeira vai sendo fragmentada, ou *de parceria*, em imóveis não alienados. Em qualquer das modalidades a emprêsa tem a forma de unidade familiar de produção. Quer na fazenda loteada ou na de parceria, denuncia-se um fenômeno sociológico de mobilização ocupacional do fazendeiro. No primeiro caso verifica-se a típica mudança de mãos, do domínio e posse da terra, de que falamos, ocasionando profunda alteração na estrutura agrária; no segundo, o cafeicultor permanece proprietário, mas assume a posição quase de espectador da conquista da "terra cansada", pela técnica, e a de participante de uma renda pouco justa, porque se alija até da função de gerência da emprêsa. Tanto loteador como parceiro locador, quase invariàvelmente se transferem para a cidade. As lavouras de legumes a que estamos nos referindo são do tipo industrial, praticadas segundo elevado padrão técnico por japonêses, italianos e respectivos descendentes.

IV — NECESSIDADE DE PLANEJAMENTO

O rápido diagnóstico da cafeicultura brasileira, começando pela de São Paulo, é uma tentativa para ressaltar a necessidade de uma reforma de base nos métodos de uso da terra para a exploração econômica com o cafeeiro.

O planejamento das fazendas avulta como medida preliminar ao estabelecimento de novas empresas cafeicultoras, e também para a indispensável reorganização das antigas propriedades.

Culturas economicamente paralelas à do café, lavouras subsidiárias, exploração pecuária, aproveitamento d'água para irrigação, reflorestamento, fontes de matéria orgânica para manutenção ou rejuvenescimento da fertilidade da terra, rotação de culturas, defesa contra a erosão, são têrmos da mesma equação e elementos a se harmonizar para o traçado do arcabouço de uso do solo.

As normas técnicas ditadas pela agronomia local à cafeicultura só poderão aplicar-se integralmente, com vantagens econômicas, nas fazendas planejadas. Capinas e operações culturais complementares mecanizadas,

são tècnicamente admissíveis em plantações racionalmente estabelecidas.

As enxadas-rotativas, herbicidizadores mecânicos e outros implementos tirados a trator, só poderão transitar pelas entre-linhas das plantações, sem perigo de aceleramento da erosão, nas lavouras estabelecidas segundo o contorno do terreno.

A herbicidização ou combate às ervas más do cafèzal, por meio de aspersão com soluções de agentes tóxicos, acha-se em experimentação entre nós. Dentro de algum tempo deixará o terreno da pesquisa e surgirá como o mais poderoso fator da barateamento do custo de produção de café. A capina química não só dispensará a enxada manual, como as rotativas, as "mulas mecânicas", etc.

As carpas se transmutaram em pulverizações periódicas do "mato" e, quer nos aparelhos motorizados ou carregados às costas do operador, se traduzirão no indispensável aumento da produtividade do trabalho no cafèzal.

A tradicional "colônia" da fazenda, composta de grupos de famílias, porporcional ao número de cafeeiros, e as "turmas de empreiteiros", para as limpas do cafèzal, serão substituidas por reduzida equipe de operadores de máquinas. O número de casas de moradias se restringirá a um mínimo, correspondente ao de operários indispensáveis. A montagem das fazendas exigirá menor imobilização fundiária, aliviando o custo de produção pela redução das taxas de conservação, de depreciação, e de juros do capital.

Não obstante o caráter de lavoura mecanizável, com o recurso da herbicidização, a apanha continuará a ser manual porque ainda não foi inventada a colhedeira de café. Contudo, as operações mais onerosas da cafeicultura poderão resolver-se mecânicamente.

Racionalizada a fazenda com o planejamento a ser proposto, perderá a cafeicultura o ranço de "plantação colonial", podendo comparar-se a qualquer emprêsa frutícola de exploração intensiva, como a dos citros, a da vinha, e outras de clima temperado.

Mas poderão arguir: — Como, se a colheita do café continuará sendo manual?

A interrogativa pode ser respondida com outras perguntas: — Desde quando a viticultura deixou de ser racional mesmo com a apanha manual das uvas? Desde quando se dispensou a colheita manual do figo, da pera? E onde está a máquina de colher laranjas, maçãs, melancias, legumes, etc.?

Não se perca de vista que essas culturas são racionalmente praticadas nos E. U. A., que a tôda hora desejamos tomar como paradigma. Lá elas têm cunho de explorações industriais, levadas a cabo pela civilizada classe rural norte-americana.

Pensamos que o problema da colheita do café poderá ser resolvido fàcilmente, por meio do concurso do trabalhador nacional.

O "colhedor avulso" ou "volante", já é uma realidade nos Estados de São Paulo e Paraná, mesmo em fazendas colonizadas. Sua ação ali é supletiva e se destina a apressar a colheita; na fazenda do futuro ele constituirá elemento temporário indispensável.

Nas áreas industriais e adjacências tornar-se-á cada vez mais difícil o aliciamento do colhedor avulso. A elevação do custo de vida difìcilmente permitirá a existência de uma po-

pulação obreira que só encontre trabalho ou seja ocupada durante três a quatro meses no ano. A nosso ver o caso poderá ser solucionado com base nas migrações internas do país.

É dos nossos dias o doloroso quadro dos "retirantes" do sertentrião brasileiro premidos pela hostilidade do próprio meio demandando o sul como medida de salvação. A intensificação do fluxo espontâneo dos nordestinos nos famigerados "paus de arara" após a abertura da Rio-Bahia simboliza o tumulto e a desorganização de uma grande força que disciplinada e amparada seria útil a si mesma e menos vexatória ao país: organizada a migração dos desditosos "flagelados" eles constituiriam os "colhedores avulsos" encaminhados anualmente para as plantações do sul retornando à terra natal após realização de proveitoso trabalho e auferindo retribuição financeira capaz de garantir-lhes melhor padrão de vida.

O estabelecimento de agências de aliciamento na origem, por meio das quais se estabeleceriam contratos de locação de serviços, e uma cadeia de postos de alimentação e de repouso ao longo do trajeto de ida e volta, seriam providências indispensáveis à garantia do bom êxito e rítimo normal à migração reversível.

A maioria das colheitas na faixa do café tem lugar de abril a setembro: a maturação do arroz, do milho, do algodão, da mamona, do feijão da sêca, do café, dos citros, da cana de açúcar, sucede-se na ordem citada.

O varão nordestino poderia encontrar trabalho durante esses seis meses no sul, tornando-se um especialista nas apanhas manuais das nossas lavouras.

A sistematização do mecanismo do deslocamento da mão de obra masculina, do nosso setentrião, para as colheitas , na faixa do café, representará importante subsídio ao atenuamento das consequências das sêcas naquela área do país. A fome, que é o trágico e doloroso corólario do drama que se vem repetindo, ficaria parcialmente neutralizada porque o ganho dos colhedores seria um recurso à compra de alimentos encaminhados de outras partes do Brasil.

No planejamento da fazenda de café, quer seja a do sertão à se abrir ou a velha a se reorganizar, não se deve perder de vista o problema do alojamento do pessoal necessário à apanha. Na nova propriedade cafeeira, isenta do colonato, haverá acentuada desproporção entre o pessoal fixo para tratar o cafèzal e a tarefa da colheita. Mesmo nos pequenos sítios, com as características de exploração familiar de conta própria, o número de árvores a colher excederá a capacidade da família do proprietário.

A futura prática de combate ao "mato" com herbicidas concorrerá ainda mais para o alargamento da relação *homem/cafeeiro*, e para uma modificação na atitude do fazendeiro relativamente ao problema da mão de obra.

Os quadros I e II, organizados com dados originais (1), embora sujeitos a alterações, encerram números que constituem novos termos ao equacionamento do problema cafeeiro em furo não remoto; sobretudo àqueles que possuem fazendas a modernizar e que não desejam quedar-se estáticos à evolução dos fatos econômicos-sociais.

Na rotina da nossa cafeicultura um homem, também designado por "uma enxada" (2), trata em média 2.500 pés de café por ano; o tempo médio necessário a cada capina é de 15 a 20 dias efetivos (150 a 200 horas), iniciando a carpa pela sementeira e terminando com "mato" sementado; o

esforço físico do carpidor é crescente porque vai deparando com vegetação cada vez mais madura, quanto a concorrência ao cafeeiro é também progressiva; têm-se verificado, na prática, que até mais ou menos o décimo dia a partir da sementeira a concorrência do mato ao pé de café é imperceptível; o quadro II revela que o tempo gasto para herbicidizar 1.000 cafeeiros plantados em nível equivalentes a uma capina é pràticamente 30 vêzes menor que o necessário para varar uma carpa a enxada; nas experiências de combate ao mato com herbicidas, conduzidas presentemente na Estação Experimental Central do Instituto Agronômico de Campinas, os primeiros resultados são animadores na extirpação das ervas daninhas até 5 cm de altura (observação confirmada nos ensaios da Estação Experimental de Limeira); o tamanho da vegetação sensível ao herbicida é que funcionará como regulador da relação *homem cafeeiro*, porque embora 1.000 pés sejam herbicidizados no máximo em 16 horas e levem 200 horas para serem capinados a enxada na plantação em quadro, não se conclua que um homem poderá tratar 30 vêzes mais cafeeiros com o recurso das pulverizações; a nosso ver, a capacidade de combater as ervas más do cafèzal passará de um homem/2.500 pés para um homem/7.500 pés, isto porque o herbicida é eficiente até dez dias a partir da sementeira; levando-se em conta uma margem de segurança, somos de parecer que o aumento do rendimento do trabalho conferido pelo herbicida não deve ser estimado além de três vêzes. Exemplificando, pensamos que uma família capaz de tratar a enxada 10.000 cafeeiros, terá sua capacidade elevada para 30.000 pés; há a considerar os trabalhos complementares da lavoura, como adubações, culturas subsidiárias, trato de gado e animais de custeio, que também absorvem tempo do cafeicultor.

O capinador do cafèzal, sejá o enxadeiro, o tratorista ou o herbicidizador, personifica a mão de obra direta na emprêsa cafeeira. As capinas tomam, possìvelmente, 80% do tempo útil do capinador do cafèzal, representando a maior parcela do custeio da cultura. Os dados dos quadros I e II, analisados à luz do moderno conceito de produtividade nos sugerem as seguintes conclusões:

a) A enxada é um instrumento manual, limitante do rendimento do trabalho na tradicional fazenda de café, não permitindo senão índices muito baixos de produtividade.

b) O pulverizador de emulsão herbicida é uma máquina — representa progresso técnico — capaz de elevar consideràvelmente o rendimento da mão de obra na capina do cafèzal.

c) A baixa produtividade corresponde um elevado custo de produção: avalie-se como o nosso principal produto de exportação vem sendo onerado pelo trabalho braçal das capinas.

d) Se é verdade que do gráu de produtividade do trabalho resulta o nível do salário do operário, avalie-se como é problemático o bem estar do proletário da cafeicultura e como poderá ser elevada a remuneração do herbicidizador em relação ao do enxadeiro.

Se a medida da produtividade da mão de obra na indústria, melhor organizada que a agricultura, constitui problema, representa, na emprêsa agro-pecuária, tarefa bem mais complexa. Não é, contudo, impossível.

O combate hormoquímico das ervas más e a elevada média de colheita por árvore ou por unidade de área, no cafèzal moderno, tornam viável duas modalidades de produtividade: a do

trabalho e a da produção. O volume das safras e a facilidade do trato mecânico da futura lavoura cafeeira representarão avanços técnicos tão evidentes que, possìvelmente, dispensarão estatísticas para julgá-los. A olho nú poderão ser apreciados.

O aumento da produtividade do trabalho é a ordem universal de avanço, na contenda da produção, e da melhoria do bem estar do trabalhador. A cafeicultura brasileira, sobretudo, empenhada numa competição decisiva, vê-se diante do seguinte dilema: produzir mais café, de melhor qualidade, por preços reduzidos ou perder a luta em que se acha empenhada. E o alicerçamento do Brasil industrial — quer dizer da nossa emancipação econômica — em desenvolvimento ainda não pode prescindir dessa fonte de divisas representada pela exportação da extraordinária rubiácea.

O quadro I revela, outrossim, acentuadas diferenças entre as áreas sujeitas à invasão de mato em cafèzais comuns e as plantações estabelecidas segundo modernas normas técnicas.

O quadro II fornece dados preliminares acêrca do custo do contrôle das ervas daninhas pelos herbicidas, em confronto com as despesas de capinas a enxada; estas, além de mais onerosas, não extirpam o mato e se repetem por tôda a vida do cafèzal, enquanto a herbicidização tenderá pràticamente, à extinção da vegetação concorrente.

Quadro I — Áreas recobertas pela "saia" do cafeeiro e áreas descobertas, sujeitas à infestação do mato, em cafèzais plantados em quadro e em nível, e tempo gasto para aplicação de herbicidas nesses cefèzais.

CARACTERÍSTICA DOS CAFÈZAIS				ÁREAS POR 1.000 PÉS (1)			TEMPO GASTO PARA UMA PULVERIZAÇÃO DE: (3)	
Sistema de plantação	Variedade	Idade	Compasso (2)	Recoberta pela "saia"	Descoberta	Total	Um Cafeeiro	1.000 pés
		anos	cm	m2	m2	m2	seg	horas
Em quadro	Bourb. Verm.	23	352 x 352	4.500	7.900	12.400	57	15,8
Em nível	Mundo Novo	4	350 x 250	4.750	4.000	8.750	31	7,7

(1) Para o cálculo da área de recobrimento do chão pela "saia" do cafeeiro, encontramos as seguintes dimensões médias: raio da circunferência da "saia" do cafeeiro da var. Bourbon Vermelho, de 23 anos — 120 cm; idem, idem do cafeeiro da var. Mundo Novo, de 4 anos — 125 cm.

(2) O compasso de 352 x 352 cm. do cafèzal velho corresponde à medida arcaica de 16 x 16 palmos.

Observação: — Levantamentos realizados pelos engs.-ags. H. J. Scaranari e A. Tosello, do Instituto Agronômico de Campinas (SP), revelaram as seguintes dimensões médias para o raio da "saia" de cafeeiros de 12-13 anos, em cafèzais representativos de "boas" lavouras: Lins SP — 120 cm; Cornélio Procópio (PR) — 140 cm.

(3) O pulverizador usado foi do tipo de costas, capacidade de 10 litros brutos, equipado com 1 bico em leque n.º 80.15; aplicação a 50 cm do solo, com faixa pulverizada de 60 cm.

Quadro II — Comparação do tempo gasto e do custo provável do combate ao mato de 1.000 cafeeiros, em um ano.

Sistema de plantação	Tempo gasto para efetuar a capina: (1)		Quant. de herbicida gasta (2)	Custo de 5 operações (Trato de um ano)				
				A enxada		Com herbicida		
	a enxada	com herbicida		Mão de obra (3)	Total	Mão de obra	Herbicida (4)	Total
	horas	horas	litros	Cr$	Cr$	Cr$	Cr$	Cr$
Em quadro	± 200,00	—	—	2.500,00	2.500,00	—	—	—
Em quadro	—	15,8	25			395,00	937,50	1.332,50
Em nível	—	7,7	12			187,50	450,00	637,50

V — ORIENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO

Em nosso planejamento não cogitaremos da restauração da lavoura, como é entendida costumeiramente. Cuidaremos da substituição do cafèzal, por ser medida mais econômica. Procuraremos demonstrar que a formação de nova cultura é tarefa mais fácil, mais racional que a restauração da velha, em cujo empenho cafeicultores teimosos se deixam absorver, às vêzes por tôda sua existência profissional, na tentativa, quase sempre em vã, de elevar de alguns sacos em côco a produção.

Conforme verificamos no decorrer dêste trabalho, em "Produção da Tradicional Propriedade Cafeeira", a desalentadora média de 18,8 sacos de

(1) Para o cálculo do tempo da capina com enxada tomamos a média corrente de 2.500 cafeeiros por enxadeiro-ano, com um rendimento diário de 120 pés, da sementeira ao mato maduro, dia de 10 horas, em cada carpa.

(2) A emulsão herbicida foi empregada na base de 3 cc m2.

(3) O custo da mão de obra da capina a enxada é de Cr$ 500,00 por mil pés, por carpa, corrente na zona de Campinas SP; o do herbicidizador calculado na base de Cr$ 50,00 por jornada.

(4) Para o cálculo do custo do herbicida, baseamo-nos nos dados fornecidos pelo eng.-agr. O. Rodrigues, da Seção de Citricultura do Instituto Agronômico de Campinas, o qual vem ensaiando, há dois anos, o contrôle hormoquímico de ervas más em laranjal, na Estação Experimental de Limeira (SP). Nas formulas empregadas, tanto para aplicações gerais como para "catações" de mato, entraram: oleo Diesel; fortificador Premerge (DNOSBT = "dinitro-ortho-secondary-butilphenol); Dry emulsion (emulsionante; água em proporções variáveis. O custo da emulsão, aos preços correntes, tem sido de Cr$ 0,75/litro ou Cr$ 0,0225/m2).

---

(1) Experiências de contrôle do mato com herbicidas estão sendo levadas a efeito nas Estações Experimentais do Instituto Agronômico, de Santa Elisa e Limeira. Os dados referentes ao custo dos herbicidas nos foram fornecidos pelo colega O. Rodrigues, da Seção de Citricultura do Agronômico, a cujos cuidados estão afetas as experiências de Limeira, em laranjais; os números referentes ao tempo gasto em cafèzal obtivemos, com a colaboração do eng.-agr. H. J. Scaranari, em provas levadas a efeito em talhões de cafeeiros da Estação Experimental Central de Santa Elisa, em Campinas.

2) Na giria rural da faixa do café, entende-se por *"uma enxada"* um enxadeiro adulto, assim como uma moça ou um rapazola são reconhecidos como *"meia enxada"*; por isso é hábito contratar-se uma família de colonos pelo número de *"enxadas"* que a compõem.

café em côco por mil pés, verificada na safra paulista colhida em 1954, abrange, por força, a maioria dos cafèzais de São Paulo. Essa média, ou mesmo o dobro dela, desencorajará qualquer cafeicultor de persistir agarrado ao velho toco de cafeeiro, se se der ao trabalho de equacionar o seu problema tomando para termos o valor da terra, o das benfeitorias, o preço da mão de obra, o das utilidades para a lavoura, os juros do capital, as taxas de depreciação e as despesas de conservação das benfeitorias e do material agrário e, finalmente, o valor do produto. Haverá de considerar ainda a possibilidade da correção dos erros de origem da formação da lavoura, da atenuação da desarmonia entre as peças da fazenda e do estabelecimento de práticas conservacionistas da terra contra o mau uso.

A figura 4 (*) é a representação gráfica do arcabouço de uso do solo na modernização de uma antiga fazenda de café.

No planejamento têm de ser encarados os dois casos de que falamos: a reorganização da antiga fazenda e o planejamento da futura propriedade cafeeira.

Em qualquer deles a medida preliminar será o breve reconhecimento das condições locais: tipo, relevo e estado de conservação do solo; águas; ocorrências de áreas pedregosas; extensão apaulada; forma de utilização dos terrenos para o estabelecimento de um arcabouço de uso da terra. Fundada numa estrutura conservacionista, encarando água para irrigações, reflorestamento e pastagens, será esquematizada a exploração econômica da fazenda de café.

No planejamento da nova propriedade tomaremos por base uma unidade produtora de 20.000 cafeeiros e tudo o mais que se relacionar à exploração dos mesmos, como edifícios, instalações, vedos, pomares comerciais, lavouras subsidiárias, pastos, e atividades pecuárias correlatas. A nossa chácara de café constituirá unidade autonoma de produção e poderá também ser tomada como seção de uma grande emprêsa agropecuária. Esta, provàvelmente, será a forma para a qual tenderá a cafeicultura paulista, à medida que a industrialização se intensificar. A diversificação da exploração rural, no mesmo imóvel, associando café, fruticultura, olericultura, pecuária intensiva, será uma dupla resultante da valorização imobiliária e da dos produtos da terra.

A feição de economia industrial da cafeicultura planejada terá a caracterizá-la uma alta produtividade do trabalho e consequente abaixamento do custo de produção. Os cafeicultores que evoluirem à nova ordem não só sobreviverão às consequências das superproduções e quedas de preços resultantes, como desfrutarão de boa situação em tempos de harmonia entre oferta e procura, e de privilégio; quando a última sobrepujar a primeira. A pecuária, a fruticultura e a exploração cafeeira, colocarão o fazendeiro ao abrigo dos riscos que corre a monocultura, embora racionalizada, porque o café é produto dependente da competição internacional.

(*) Trabalho em colaboração, executado pela S. C. E. do DEMA, em Campinas, e Seção de Café do Instituto Agronômico. Obsequio do eng.-agr. Mario Borgonove, chefe do S. C. E. de Campinas (S. P.).

No planejamento da fazenda de café, ou na reorganização das antigas propriedades cafeeiras, é imperioso livrar as primeiras a expurgar as últimas dos defeitos das velhas plantações.

VI — REORGANIZAÇÃO DA ANTIGA FAZENDA DE CAFÉ

Sob esse título as fazendas poderão ser reunidas em dois grupos:

a) fazendas que possuem cafèzais;

b) antigas fazendas de café que não mais possuem cafèzais.

No primeiro caso, o mais comum, terão de ser considerados os seguintes pontos fundamentais à reorganização da propriedade:

1.º) arrolamento dos recursos naturais, do estado da lavoura e das instalações; 2.º) inventário do capital fundiário e do de exploração; 3.º) levantamento da conta das despesas da exploração; 4.º) estatística da produção; 5.º) valor da receita.

No segundo caso — antigas fazendas sem cafèzal — nas quais se deseja restabelecer a exploração cafeeira, ter-se-á de proceder quase da mesma forma. Todavia, trataremos do primeiro grupo, que reflete a situação geral do velho Brasil cafeeiro.

Antes de entrar nos detalhes da reorganização da fazenda de café desejamos esclarecer que nossas considerações são de ordem geral, a fim de que, em certos casos, não venham a ser tomadas como erros de apreciação. Temos presente o conceito de que os princípios de economia rural têm de ser interpretados de acôrdo com fatores estritamente locais. E a experiência nos tem ensinado que cada fazenda constitui um complexo de particularidade e, por isso, os respectivos problemas técnico-econômicos são específicos. Assim, o método que tentaremos estabelecer deverá ser aplicado às condições de cada caso e segundo critério de cada um, nunca perdendo de vista as determinantes mestras da economia agrária regional.

Desejamos, outrossim, conceituar os seguintes termos aplicados ao cafèzal, porque não raro, são indistintamente usados para indicar coisas diversas, provocando certa confusão:

REPLANTAÇÃO — prática por meio da qual se procederá à supressão das falhas ou à eliminação individual dos cafeeiros decadentes, substituindo-os por covas completas no mesmo local;

MANUTENÇÃO DO CAFÈZAL — processo mediante o qual se procurará manter a produção econômica das boas lavouras;

RESTAURAÇÃO OU REJUVENESCIMENTO — processo pelo qual se tentará restabelecer a produção remuneradora de um cafèzal, lançando mão da refertilização do solo, modernização de práticas agrícolas e da própria REPLANTAÇÃO;

SUBSTITUIÇÃO DE CAFÈZAL — processo mediante o qual se praticará a eliminação de uma lavoura ou talhões de árvores deficitárias, substituindo-as por nova plantação, seguindo modernas especificações técnicas: sementes selecionadas, plantio em nível, espaçamentos, adubações e variedades adequadas.

Dissemos, linhas atrás, que o nosso planejamento para a reorganização das velhas fazendas não comporta RESTAURAÇÃO de cafèzais, por ser mais racional e econômico SUBSTITUIR plantações decadentes por novas lavouras. A observância desse critério apresenta três vantagens

fundamentais ao sucesso da emprêsa cafeícola: 1.º) possibilidade de planejamento da propriedade; 2.º) escolha da variedade de café; 3.º) aplicação de modernos processos na exploração. Estas condições são extensivas à nova fazenda a se abrir na zona velha ou no sertão.

VII — ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DA FAZENDA S. PEDRO EM EMBIRUÇU

2.º) Produção de café — O proprietário da fazenda pesquisada forneceu-nos dados precisos referentes às safras, desdobrados por talhões e por períodos agrícolas, com os quais construimos os quadros III e IV: o primeiro referente à produção bruta e o segundo às médias por mil cafeeiros.

3.º) Produtos diversos — sôbre os outros produtos, como leite, gado, milho, arroz e estêrco de curral, comercializados ou consumidos na propriedade, conseguimos dados exatos, de uns, e muito próximos da realidade, de outros. Não tivemos dúvida em aproveitar estes últimos, porque as diferenças por ventura existentes não são significativas e dificilmente alterarão os resultados finais. O volume dessa produção e os respectivos preços válidos na fazenda estudada constam do quadro V.

4.º) Conta das despesas efetivas — Conseguimos dados reais, desdobrados por títulos, dos anos agrícolas 1953/54 e 1954/55. Entretanto, com a mesma precisão não foi possível obter elementos referentes aos quatro primeiros exercícios do sexênio estudado. À falta de tais elementos para o cálculo de média ponderada das despesas do custeio anual, recorremos ao processo de ajustamento por regressão ao biênio médio. Tivemos então de construir uma tabela do inflacionamento dos gastos de custeio nos seis anos estudados (quadro V). Nela constam os pesos dos acréscimos dos custos de mão de obra e de utilidades empregadas na cafeicultura. O processo usado foi o da dedução dos acréscimos, por meio dos pesos, das despesas reais do custeio dos últimos dois anos, ajustando o custeio do biênio médio por inflação.

Nos títulos em que entram despesas de material e de mão de obra, como adubação, beneficiamento etc., os acréscimos foram multiplicados pelos respectivos pesos na proporção em que cada despesa entrou no total e divididos pela soma dos pesos. Exemplificando com usinagem do café: admitindo-se três meses de atividades com a máquina de benefício, seriam dispendidos, com força motriz, Cr$ 1.500,00 (Cr$ 500,00 x 3) e com pessoal Cr$ 4.500,00 ...... (Cr$ 1.500,00 x 3); sendo de 1:3 a proporção nos acréscimos, teremos:

$$\frac{1(0)+3(50\%)}{4} = \frac{150}{4} \quad 37\%,$$

porcentagem equivalente ao inflacionamento do custo do preparo do café, para venda ou embarque; subtraindo-se essa taxa do título correspondente ao custeio do último biênio ajusta-se por regressão, item igual do biênio médio.

Fazenda São Pedro do Embiruçu, conta das despesas efetivas (DE), em milhares de cruzeiros, do último biênio agrícola 1953/55 (reais) e do biênio médio 1951/53, deflacionadas por meio dos pesos constantes do quadro V.

QUADRO III — Fazenda São Pedro do Embiruçu, produção bruta de café, sacos em côco de 100 litros, com 42 kg., períodos agrícolas 1949/50 a 1954/55, safras de 1950 a 1955.

TALHÕES				PRODUÇÃO — SAFRA DE:						
Por ordem de produção	Nomes	Idade anos	N.º de cafeeiros	1950	1951	1952	1953	1954	1955	Total
1.º	Pereira	65	11.500	350	506	295	360	603	625	2.739
2.º	Mota	45	7.200	240	432	160	510	375	700	2.417
3.º	Limeira	65	10.000	260	200	249	295	325	450	1.779
4.º	Venda	30	7.500	370	301	180	240	225	350	1.666
5.º	Olaria	45	3.200	100	191	65	258	160	275	1.049
6.º	Invernada	20	2.100	60	100	40	105	35	150	490
	Somas: —		41.500	1.380	1.730	989	1.768	1.723	2.550	10.140

QUADRO IV — Fazenda São Pedro do Embiruçu média de produção de café, (sacos em côco com 100 litros e peso de 42 kg., por mil pés), períodos agrícolas de 1949/50, a 1954/55, safras de 1950 a 1955.

TALHÕES				MÉDIA ANUAL P/ TALHÕES						
Por ordem de medidas	Nomes	Idade anos	N.º de cafeeiros	1950	1951	1952	1953	1954	1955	Média p/ mil pés p/ talhão nos biênios:
1.º	Mota	45	7.200	33,3	60,0	22,2	70,8	52,0	97,2	55,9
2.º	Olaria	45	3.200	31,2	59,6	20,3	80,6	50,0	87,9	54,6
3.º	Pereira	65	11.500	30,4	44,0	25,6	31,3	52,4	54,3	39,6
4.º	Invernada	20	2.100	28,5	47,6	19,0	50,0	16,6	71,4	38,8
5.º	Venda	30	7.500	49,3	40,1	24,0	32,0	30,0	46,6	37,0
6.º	Limeira	65	10.000	26,0	20,0	24,9	29,5	32,5	45,0	29,7
Médias anuais ponderadas			41.500	33,3	41,7	23,8	42,6	41,5	61,4	40,7

QUADRO VI — FAZENDA SÃO PEDRO DO EMBIRUÇU: VOLUME FÍSICO D
VÁLIDOS NA FAZENDA, VALOR MÉI

PRODUTOS	VOLUME FÍSICO NOS ANOS AGRÍCOLAS (1)					
	1949/50	1950/51	1951/52	1952/53	1953/54	1954/55
(2) *Café* s/benef. 60 kg	365	465	320	595	600	790
Leite itros	30.000	30.000	30.000	30.000	30.000	30.000
(3) *Bovinos* novilhas e vacas	—	—	—	10	—	16
(4) *Milho* s/60 kg	200	200	250	250	280	300
(5) *Arroz* s/casca 60 kg	50	50	60	60	60	60
(6) *Estêrco de curral* toneladas	240	240	240	240	240	240
Valor médio por biênio:						

(1) Dados fornecidos pelo proprietário da Fazenda São Pedro do Embiruçu.
(2) O rendimento de café beneficiado é muito variável de um ano a outro, em la
(3) Refere-se a gado da raça holandesa p. p. c.
(4) A fazenda pesquisada geralmente não vende milho, que é consumido pelos anim
(5) A pequena produção é consumida na casa do fazendeiro e o excedente vendido na
(6) O estêrco é debitado ao cafèzal e seu preço varia com o custo da mão de obra.

A PRODUÇÃO, RENDA BRUTA, EM CRUZEIROS, CALCULADA PELOS PREÇOS
IO DA PRODUÇÃO NO BIÊNIO 1951/53

PREÇOS UNITÁRIOS ALCANÇADOS NA FAZENDA, EM CRUZEIROS, NOS ANOS AGRÍCOLAS (1)						Valor médio da produção por biênio em Cr$
1949/50	1950/51	1951/52	1952/53	1953/54	1954/55	
800,00	1.200,00	1.350,00	1.550,00	2.300,00	2.400,00	1.856.750,00
1,50	1,80	2,00	2,50	2,50	3,00	133.000,00
6.000,00	6.000,00	8.000,00	10.000,00	12.000,00	15.000,00	120.000,00
65,00	70,00	120,00	145,00	160,00	175,00	63.783,00
110,00	105,00	270,00	450,00	460,00	380,00	34.783,00
50,00	65,00	65,00	70,00	80,00	110,00	35.200,00
						2.243.516,00

vouras velhas.

ais e entregues aos colonos.
própria fazenda.

TÍTULOS DESPESAS DE CUSTEIO (1)	Despesas reais do biênio 1953-55	Despesas deflacionadas do biênio médio 1951-55 (11)
a) Irrigação (*) (2)	66,4	66,4
b) Adubação (**)	220,8	208,0
c) Combate as pragas (3)	19,0	18,5
d) Colonos	149,5	100,00
e) Jornaleiros	162,0	81,0
f) Mensalistas	61,0	30,5
g) Colheita e seca	122,1	89,1
h) Benefício	8,4	5,3
i) Sacaria	8,0	8,0
j) Culturas subsidiárias (4)	70,0	35,0
k) Força e luz	12,0	12,0
l) Animais (5)	181,0	132,5
m) Despesas gerais (6)	86,4	52,0
n) Café em formação (7)	47,0	47,0
o) Administração (8)	102,0	51,0
p) Conservação	40,0	23,0
q) Impostos	4,4	4,4
r) Despesas financeiras (9)	67,0	67,0
DESPESAS DE REEMBOLSO (10)	1.326,0	1.030,7
s) Depreciação:		
Capital fundiário	153,9	92,9
Capital de exploração	198,8	118,9
Soma:	1.678,7	1.242,5

(1) Despesas realizadas (efetivamente desembolsadas).

(2) A irrigação começou em 1953 e o custeio corresponde ao combustível, lubrificantes e mão de obra; os ônus resultantes das depreciações e juros do capital constam do item s.

(3) Extinção de formiga; polvilhamento com BHC; repasse, a Cr$ 4,00 por litro de café catado para combate à broca e ao bicho mineiro.

(5) Despesas com o gado produtor de estêrco e leite e com a tropa de trabalho.

(6) Taxa de 8% sôbre as despesas do custeio dos itens a a 1.

(7) Como parte do programa de substituição do cafèzal estão sendo formados 4.600 cafeeiros mediante especificações técnicas cujas despesas deveriam ser levadas à conta do capital; entretanto, propositadamente onerámos o custeio, porque na antiga fazenda de café a lavoura nova deverá ser formada à custa da velha, ou de rendimentos de outras culturas.

(8) Ordenado e gratificação anual do preposto do fazendeiro.

(9) Juros de dinheiro tomado ao Banco do Brasil S/A., através da Carteira Agrícola — empréstimo sob penhor de safra e despesas de registro de contrato, fiscalização etc.

(10) Despesas não desembolsadas — adequadamente denominadas de "reembolso" pelo economista luso E. A. Lima Bastos, em "A Propriedade

Rústica" — correspondem a taxas de depreciação: sôbre o Capital Fundiário — culturas permanentes formadas 3%, construções 5%; sôbre o Capital de Exploração — máquinas industriais 15%, máquinas agrícolas e veículos 25%, animais 10%.

(11) Na conta do biênio médio as taxas foram computadas sôbre o capital inflacionado, por meio da alta aplicação da Tabela organizada pelo eng. Aldo Mário de Azevedo, (op. cit.).

(*) O custo médio anual da irrigação no biênio 1953/55, em 80 dias de 12 horas de trabalho, correspondente a 3 regas de 30 mm. em cada estiagem, para os 41.500 cafeeiros, desdobra-se como segue:

combustível — 9.600 l de óleo Diessel, posto na fazenda a Cr$ 1,50	Cr$	14.400,00
lubrificantes — 380 l de Mobiloil 30 (20) 1,50 horas) a Cr$ 18,00	Cr$	6.840,00
mão de obra — 240 serviços a Cr$ 50,00	Cr$	12.000,00
juros sôbre o capital — 10% de Cr$ 250.000,00	Cr$	25.000,00
depreciação do material em 10 anos — 10% de Cr$ 250.000,00	Cr$	25.000,00
reparos	Cr$	5.000,00
Soma:	Cr$	88.240,00

O custo total da irrigação no biênio foi de Cr$ 2,12 p/ cafeeiro ano.

(**) O cafèzal da Fazenda São Pedro do Embiruçu vem sendo intensamente refertilizado, sobretudo com estêrcos orgânicos, há mais de 10 anos. O programa de adubações executado no período agrícola 1954/55 ilustra o esfôrço do proprietário da fazenda, no afã de restaurar cafeeiros velhos e de sustentar a média p/ mil pés, como se poderá verificar:

estêrco de curral: aplicação em 15.000 pés — Cr$ 2,00	Cr$	30.000,00
adubação verde — 10.000 pés a Cr$ 0,50	Cr$	5.000,00
palha de café inclusive comprada) 150.000 pés a Cr$ 2,50	Cr$	37.500,00
farinha de ossos — 41.500 pés — 12 t a Cr$ 2.650,00	Cr$	31.800,00
KCl — 41.500 pés — 6 t a Cr$ 3.300,00	Cr$	19.800,00
salitre do Chile, 2 aplicações, 10 t a Cr$ 3.122,00	Cr$	31.220,00
mão de obra — 210 serviços a Cr$ 50,00	Cr$	10.500,00
Soma:	Cr$	165.820,00
Custo da adubação por cafeeiro:	Cr$	4,00

5.º RENDA BRUTA — Compreende as receitas provenientes da venda das safras do café, do leite e das crias do gado holandês no sexênio estudado. Foram também computados, aos preços correntes na própria zona, os produtos consumidos na fazenda, como os destinados ao consumo doméstico do fazendeiro, as forragens e o estêrco animal empregado na lavoura. Com esses dados organizamos o quadro VI.

c) — *Apuração de rendimentos*

1.º — *Apuração do Lucro Industrial no Biênio 1951/53*

Resumo dos dados finais à apuração do L. I. no biênio 1951/53:

	Cr$	Cr$
RENDA BRUTA		
Representada pelo valor médio da produção bienal (quadro VI)		2.243.516,00
Despesas efetivas deflacionadas, do biênio médio 1951/53		1.242.500,00
Juros normais s/o valor do Capital de Exploração, deflacionado (1) ao nível do biênio 1951/53: 10% de Cr$ 764.842,00		76.484,20
Juros normais s/Capital Fundiário (1)		
Sôbre o alor do Fundiário Básico (Terra) deflacionado ao nível do biênio 1951/53: 6% de Cr$ 1.112.280,00	66.736,80	
Sôbre o valor do Fundiário Produtivo e Auxiliar (culturas permanentes e construções) deflacionado ao nível do biênio 1951/53: 10% de Cr$ 2.513.394,00	251.339,40	318.076,20
Despesas condicionais (2)		
Encargos s/as Despesas Efetivas (biênio 1951/53: 15% de Cr$ 1.242.500,00		186.375,00

(1) Procedemos à regressão dos valores de 1954/55 aos níveis de 1951/53, aplicando a taxa de desvalorização do cruzeiro de 13,4% ao ano (Aldo Mario Azevedo, *o. cit.*).

(2) Encargos de Exploração representados por uma taxa de 15% incidente sôbre o montante das Despesas Efetivas, sendo 10% a título de remuneração do empresário-proprietário e 5% para cobertura de eventual risco.

LUCRO INDUSTRIAL NO BIÊNIO 1951/53 LI = RB — (DE + JNCE + JNCF + DC) = Cr$ 2.243.516,00	— (Cr$ 1.242.500,00 + Cr$ 76.484,00 + Cr$ 318.076,20 + Cr$ 186,375,00) = 420.080,60.

NO ANO MÉDIO DO BIÊNIO MÉDIO

Cr$ 420.080,60 ÷ 2 = Cr$ 210.040,30

2.º — *Diversas formas de rendimento no biênio* 1951-53

Deduzindo-se da Renda Bruta (RB) as Despesas Efetivas (DE) e dos restos sucessivos respectivamente, os juros Normais do Capital de Exploração (JNCE), os juros Normais do Capital Fundiário (JNCF) e as Despesas Condicionais (DC), apuram-se os seguintes rendimentos:

RENDIMENTO LÍQUIDO

RL = RB — DE = Cr$ 2.243.516,00 — Cr$ 1.242.500,00 = Cr$ *1.001.016,00*

RENDIMENTO FUNDIÁRIO

RF = RL — JNCE = Cr$ 1.001.016,00 — Cr$ 76.484,20 = Cr$ *924.531,80*

LUCRO BRUTO

LB = RF — JNCF = Cr$ 924.531,80 — Cr$ 318.076,20 = Cr$ *606.455,60*

LUCRO INDUSTRIAL OU LUCRO PURO

LI = LB — DC = Cr$ 606.455,60 — Cr$ 186.375,00 *Cr$ 420.060,60*

OBSERVAÇÃO — Os encargos, riscos e remuneração do empresário proprietário — Cr$ 188.145,00, amortização do capital melhoramentos e material agrário — Cr$ 223.600,00, juros s/ o capital da emprêsa — Cr$ 666.373,14, somam Cr$ 1.078.118,14.

Ano médio do biênio médio:
Rendimento Líquido = Cr$ 1.001.016,00 ÷ 2 = Cr$ 500.508,00
Rendimento da Propriedade = Cr$ 924.531,80 ÷ 2 = Cr$ 462.265,90
Lucro Bruto = Cr$ 606.455,60 ÷ 2 = Cr$ 303.227,80
Lucro Industrial = Cr$ 420.080,60 ÷ 2 = Cr$ 210.040,30

O Lucro Industrial representa:
um juro de 2,9% s/ valor total do imobilizado na Fazenda São Pedro do Embiruçu;

um juro de 3,5% s/valor do capital fundiário básico, produtivo e auxiliar (terra, culturas permanentes e construções).

O Rendimento Líquido representa:

um juro de 80,4 sôbre as Despesas Efetivas.

Embora o L. I. na emprêsa agrícola corresponda a um juro baixo em relação ao montante do investimento, o R. L. tem de ser representado por uma taxa alta, que ponha a emprêsa ao abrigo dos riscos resultantes da variação climática. Para que a emprêsa agrícola pesquisada demonstre segurança econômica-financeira, o L. Industrial deverá representar um juro sôbre o investimento total, ao redor de 10%, taxa essa equivalente ao dôbro do rendimento de dinheiro depositado em estabelecimentos oficiais a 5% ao ano, capitalizados semestralmente.

Se se alegar que é baixo por causa da inflação, poder-se-á contra-argumentar com duas assertivas: a inversão de dinheiro em terras tem sido entre nós uma das formas mais seguras de emprêgo de capitais: a valorização imobiliária, rural ou urbana, cresce quase na mesma proporção em que o cruzeiro se deprecia. E' o conceito de desvalorização da terra pela perda da fertilidade vem sendo desmentido entre nós, não obstante o alardeamento do desgaste do solo pela erosão. São os fatos que o provam: terrenos dos mais usados em nosso Estado, marginais à via Anhanguera, como os de Valinhos, e até os de Jundiaí, que nunca gozaram a fama dos massapés, do salmourão ou da terra roxa, são transacionados por preços não só desconhecidos como até há pouco inimaginaveis. Na área diretamente beneficiada por aquela auto-estrada, no municipio de Campinas, os lotes para pequenas chacaras estão sendo comercializados francamente na báse de Cr$ 20,00 a Cr$ 30,00 por metro quadrado. Verifica-se corrida para as compras equivalentes a Cr$ 480.000,00 e Cr$ 726.000,00 por alqueire de 24.200 m2. E é oportuno observar que dêsse chão inquinado de erodido, os nossos admiraveis agricultores nipo-brasileiros estão arrancando a golpes de trabalho, orientados pelos nossos agronomos, receitas de milhão de cruzeiro por alqueire e por ano, numa eloquente afirmação de que não é a terra que está cansada e de que a agricultura brasileira racional está nos seus albores.

OBSERVAÇÃO — Os encargos *não desembolsados pelo empresário-proprietário da Fazenda São Pedro do Embiruçu*, à apuração do Lucro Industrial, em um exercício médio do último sexenio, totalizaram Cr$ 792.735,00, como se poderá ver pela relação seguinte:

Riscos e remuneração do proprietário	186.375,00
Amortização de melhoramentos e material agrário	211.800,00
Juros sôbre o capital representado pela fazenda	394.560,00
Soma:	792.735,00

VIII — ESTUDO DA REORGANIZAÇÃO DA FAZENDA SÃO PEDRO DO EMBIRUÇU

Dissemos em outra parte dêste trabalho, que "o proprietário da fazenda pesquizada se capacitou de que é mais econômico e mais racional reorganizar a fazenda substituindo cafèzais diversificando a exploração, apoiando-a em

mais de uma cultura permanente e em atividade pecuária intensiva do que persistir na vulnerável monocultura cafeeira"... Nessas condições, valendo-se da assistência técnica propiciada pela Secretaría da Agricultura, planejou a reorganização da sua propriedade. Há dois anos vem executando o esquema do ajustamento técnico da sua emprêsa às atuais condições econômico-sociais. Revelando senso prático, desde logo voltou suas vistas para os recursos naturais da fazenda, decidindo-se pelo aproveitamento da água como fator da maior importância na formação das novas lavouras permanentes: a estiagem se apresenta como o mais sério empecilho ao êxito da nossa agricultura, sobretudo a praticada nas chamadas terras velhas, exauridas de húmus.

QUADRO VII — Fazenda São Pedro do Embiruçu, variação do Rendimento Líquido e do Lucro Industrial, em função da média de produção de café.

Referência	*Valor da terra em alq.-1.000 Cr$*	*Capital Fundiário 1.000 Cr$*	*Média de produção saco côco por 1.000 pés*	*Rendimento Líquido*		*Lucro Industrial*	
				1.000 Cr$	*Juro que representa s/Despesas Efetivas %*	*1.000 Cr$*	*Juro que representa s/todo capital fundiário*
B	30	7.308,0	80,0	1.290,1	169,4%	631,9	8,7%
A	30	6.063,0	40,7	500,6	80,4%	210,0	3,5%
C	30	4.818,0	18,8	— 291,6	— 53,2%	Nihil	Nihil

OBSERVAÇÃO — Os números em negrito, Referência **A**, retratam a situação da Fazenda São Pedro do Embiruçu, segundo a apuração da pesquisa; no arrolamento do capital fundiário o cafeeiro velho foi estimado ao preço corrente de Cr$ 60,00 p/ unidade.

Os números da Referência **B** refletiriam a situação da Fazenda estudada, caso os cafèzais antigos houvessem sido substituidos por novos, com média de 80 sacas em côco por mil pés; em tal caso, o capital fundiário aumentaría em consequência do maior valor do cafeeiro — Cr$ 100,00 p/pé.

Os números da Referência **C** reproduziriam a situação da fazenda pesquisada caso a média de produção fosse igual à do Estado de São Paulo no período estudado; o menor valor do capital fundiário resultaria de uma estimativa de Cr$ 30,00 p/cafeeiro .

Considerando o caso da Referênia **C**, o prejuízo de Cr$ 291,00 na apuração do Rendimento Líquido seria invisível; primeiro, porque a praxe entre os tradicionais cafeicultores é a supressão de despesas e serviços à medida que a produção diminui ao invés de modificação nos métodos da exploração; segundo, porque, não havendo contabilidade na maioria das fazendas, não há computo de taxas de depreciação e de juros sôbre o capital: a terra, há dezenas de anos, custou Cr$ 2.000,00 ou Cr$ 5.000,00 p/ unidade de superfície, hoje continua valendo o mesmo, e se foi herdada não valerá nada, até o momento da venda ou do loteamento, quando então os preços atingem cifras astronômicas.

Incluida a irrigação por aspersão no planejamento, iniciou os melhoramentos pelas obras de açudagem das águas que enriquecem o imóvel; paralelamente, deligenciou junto à Carteira Agrícola do Banco do Brasil para a obtenção de financiamento e câmbio para importação de material hidráulico da Itália; simultaneamente, organizou o viveiro de mudas de café com sementes selecionadas : a produção de estêrco constitui rotina na fazenda, há mais de um decênio.

Conjugados os elementos básicos de sucesso às novas plantações permanentes em "terra velha" — água/estêrco/boas mudas — iniciou em 1953 a substituição dos cafèzasi; o local escolhido para a primeira "faixa de café" recaiu em uma área reflorestada com eucalípto, não só por constituir terreno refertilizado pelo antigo bosque como por se achar ao abrigo da formação de geada, e também por causa da conformação amena, bastante favorável ao plantio em linhas de nível. Na estação chuvosa de 1954 foram plantadas as primeiras 4.700 covas e no começo do corrente ano (1955) abertas mais 7.000, para receberem as mudas na época adequada. A substituição prosseguirá até o limite de 30.000 cafeiros, ficando o número de pés e a área da lavoura reduzidos, em relação à atual, respectivamente de 11.500 pés e 29,55 ha. A diminuição da superfície é uma consequência não só da limitação do número de árvores, como adensamento da plantação.

Coetaneamente à execução do esquema da reorganização, o cafèzal velho vai sendo beneficiado com a irrigação, que o auxilia a manter a média de 40 sacas em côco por mil pés, de cujo resultado financeiro depende a realização dos melhoramentos.

A diversificação da produção agrícola inclui a exploração de outras culturas permanentes, cuja escolha recaiu nas plantas cítricas e na videira. A produção comercial de laranjas, de limões e de uvas tem a aconselhá-las a boa situação da fazenda, do ponto de vista do transporte, e as possibilidades da colocação das frutas no mercado interno e no de exportação. Os pomares deverão contar 5.000 laranjeiras e limoeiros 10.000 videiras, a serem formados em áreas remanescentes do antigo cafèzal.

No setor pecuário o plano prevê a elevação do número de bovinos de 40 para 60 cabeças e a modificação do regime de criação de 1/4 para 2/3 de estabulação; a modificação objetiva maior produção de estêrco e de leite e liberação de terreno para cultivo de forrageiras, visto o preço elevadíssimo dos concentrados para composição da ração. Uma granja avícola com 2.500 poedeiras completará a parte animal: a galinocultura terá por fim garantir um suprimento mínimo de fertilizante fosfo--azotado, tendo em conta o disparatado custo dos similares minerais.

O planejamento prevê um prazo de quatro anos para a substituição de todo o cafèzal e plantação dos pomares e de oito a dez anos para que a produção atinja rítmo normal.

Ilustramos este item da reorganização da fazenda estudada com as seguintes peças:

a) Quadro VIII — Esquema do planejamento de uso do solo.

b) Síntese do desenvolvimento do esquema de reorganização, até o respectivo término, concretizada em cinco relações: 1) Formas de uso do solo; 2) Produção; 3) Despesas; 4) Renda bruta; 5) Apuração de rendimentos.

c) Esquema de despesas para a formação de 1.000 cafeeiros em terra velha.

d) Esquema de despesas para a formação de 1.000 videiras.

e) Esquema de despesas para a formação de 1.000 plantas citricas.

f) Esquema de despesas para a montagem, povoamento e manutenção de uma granja de 2.500 poedeiras.

g) Bases de financiamento do Banco do Brasil S/A, para melhoria das fazendas.

OBSERVAÇÃO: Os custos de mão de obra, o das utilidades e o da produção, constante dos esquemas, foram calculados aos níveis do ano agrícola 1954/55.

Elimine as falhas de seu cafèzal. De nada vale possuir centenas de alqueires plantados, se em cada alqueire há numerosas falhas.

Cada falha constitui um *deficit*.

Cada falha é um roubo.

---

a) — QUADRO VIII — Fazenda São Pedro do Embiruçu, esquema das formas de uso do solo, da situação antiga, da situação futura e diferenças para mais ou para menos nos tipos de uso da terra.

Formas de uso do solo	*Situação antiga*		*Situação planejada*		*Diferença relativa para + ou para —*
	Área	*% s/total*	*Área*	*% s/total*	
	ha		ha		
Cafèzal	52,75 (1)	35,16	23,20 (2)	15,45	— 19,70
Pomar comercial de citros	—	—	22,50 (3)	15,00	+ 22,50
Pasto	50,00	33,33	28,74	18,90	— 14,43
Palhada (4)	24,20	16,10	21,78	14,51	— 1,59
Capineira	7,26	4,84	19,36	12,90	+ 8,06
Cana forrageira	—	—	9,68	6,50	+ 6,50
Capim Guatema a	—	—	2,42	1,60	+ 1,60
Mandioca (forragem)	—	—	4,84	3,22	+ 3,22
Mata	7,26	4,84	7,26	4,84	+ 4,84
Açude para irrigação	—	4,11	2,42	1,62	+ 1,60
Reflorestamento	6,15	1,62	3,36	2,24	— 1,87
Sede, colônia, pomar, doméstico	2,42		2,42	1,62	1,62
Vinhedo	—		2,42	1,62	+ 1,62
TOTAL	150,04	100,00%	150,04	100,00	—

(1) Área correspondente a 41.500 cafeeiros, ocupando cada pé 12,25 m2 e mais 5% em carreadores comuns.
(2) Área correspondente a 30.000 cafeeiros, ocupando cada pé 7,70 m2 e mais 5% em carreadores de nível.
(3) Corresponde à área destinada a 5.000 pés de citros, ocupando cada árvore 42 m2 e mais 7% em caminhos de nível.
(4) Designação paulista à área destinada à avicultura.

b) *Fazenda São Pedro do Embiriçu, sintese do desenvolvimento do esquema da reorganização da propriedade até o respectivo término, compreendendo:*

1.º) Evolução das formas de uso do solo.

FORMAS DE USO	*ÁREAS DE USO EM HECTARES*				
	1955-56	1956-57	1957-58	1958-59	1959-60
Sede, colônia, pomar	2,42	2,42	2,42	2,42	2,42
Açudes	2,42	2,42	2,42	2,42	2,42
Vinhedo	—	1,41	2,42	2,42	2,42
Capineira — (Guatemala)	—	1,41	2,42	2,42	2,42
Reflorestamento	6,15	3,36	3,36	3,36	3,36
Mandioca (forragem)	—	4,84	4,84	4,84	4,84
Mata natural	7,26	7,26	7,26	7,26	7,26
Cana forrageira	—	9,68	9,68	9,68	9,68
Capineira (catingueira)	7,26	19,36	19,36	19,36	19,36
Palhada (avicultura)	21,78	21,78	21,78	21,78	21,78
Pomar de citros	—	10,00	22,50	22,50	22,50
Cafèzal	52,75	30,00	23,20	23,20	23,20
Pastagem	50,00	35,09	28,74	28,74	28,74
SOMAS:	150,04	150,04	150,04	150,04	150,04

OBSERVAÇÃO: — As fontes de produção ficarão acrescidas de 20 vacas de leite e 2.500 poedeiras, além dos pomares.

2.º) *Produção, estimativa do volume físico*

ANOS	*Café*	*Leite*	*Ovos*	*Bovs.*	*Mil.*	*Arroz*	*Estr.*	*Uvas*	*Citros*
	s.b./60k	litros	cx/30dz	cab.	s/60k	s/cas.	t	cx	cx
1955-56	500	30.000	—	10	300	60	250	—	—
1956-57	600	30.000	—	10	300	60	250	—	—
1957-58	650	45.000	1.250	15	300	60	280	—	—
1958-59	660	50.000	1.250	20	300	60	300	150	400
1959-60	700	50.000	1.250	20	300	60	350	450	2.500
1960-61	900	50.000	1.250	25	300	60	350	3.300	6.000
1961-62	1.000	50.000	1.250	25	300	60	350	3.300	12.000
1962-63	1.200	50.000	1.250	25	300	60	350	3.500	15.000
1963-64	1.000	50.000	1.250	25	300	60	350	3.500	20.000
1964-65	1.200	50.000	1.250	25	300	(60	350	4.000	20.000

3.º) *Despesa, estimativa em 1.000-Cr$, calculada ao nível dos custos do período agrícola 1954-55, inclusive despesas de reembolso (depreciação de benfeitorias e do capital de exploração)*

ANOS	Café (1)	Bovs. (2) tropa	Aves (3)	Crs.	Cits. (4)	Vin. (5)	Divs. (6)	Total
1955-56	518	96	—	40	—	—	529	1.183
1956-57	624	96	372	40	03	108	581	1.014
1957-58	713	120	348	40	136	122	543	2.022
1958-59	813	120	348	40	48	34	563	1.967
1959-60	744	120	348	40	48	115	598	2.013
1960-61	813	120	348	40	55	200	650	2.226
1961-62	660	120	348	40	75	200	650	2.093
1962-63	455	120	348	40	75	200	650	1.888
1963-64	450	120	348	40	75	200	650	1.883
1964-65	450	120	348	40	75	200	650	1.883

(1) Despesas com o trato do cafèzal velho e sua total substituição, por etapas.

(2) Inclui custeio e despesas de reembolso correspondentes a mais de 20 novilhas holandesas p. p. c., a serem adquiridas em 1957-58, a Cr$ 15.000,00 por cabeça.

(3) Despesas com a formação de 2.500 poedeiras, respectiva manutenção e construção de 500 m2 de galinheiro.

(4) Despesas com a formação e manutenção de um pomar de citros, sendo: 2.000 pés plantados em 1956-57 e 3.000 pés a serem plantados em 1957-58.

(5) Despesas com a formação e manutenção de um vinhedo de 10.000 pés, sendo 5.000 plantados em 1956-57 e 5.000 em 1957-58.

(6) Compreende despesas não especificadas na relação acima: energia elétrica, despesas gerais, impostos, despesas financeiras e despesas de reembolso (depreciação do capital fundiário produtor e auxiliar e do capital de exploração); as despesas de reembolso variarão com o aumento do capital de exploração (gado e aves); as despesas financeiras flutuarão com o montante do dinheiro tomado para penhor da safra e formação dos pomares.

OBSERVAÇÃO: — Embora a estimativa abranja um período de 10 anos, consideramos os valores estáticos na base do ano agrícola 1954-55, porque a marcha da inflação é imprevisível e tanto envolverá a despesa como a receita.

4.º) *Renda bruta, estimativa em 1.000-Cr$ ao nível dos valores do período agrícola*

ANOS	*Café*	*Leite*	*Ovos*	*Bovinos*	*Milho*	*Arroz*	*Estêrco*	*Uvas*	*Citros*	*Total*
1955-56	1.200	90	—	150	53	23	28	—	—	1.554
1956-57	1.440	90	—	150	53	23	28	—	—	1.784
1957-58	1.560	135	650	225	53	23	63	—	—	2.709
1958-59	1.584	150	650	300	53	23	65	18	40	2.883
1959-60	1.680	150	650	300	53	23	71	54	250	3.231
1960-61	2.160	150	650	375	53	23	71	396	600	4.478
1961-62	2.400	150	650	375	53	23	71	396	1.200	5.318
1962-63	2.880	150	650	475	53	23	71	420	1.500	6.122
1963-64	2.400	150	650	375	53	23	71	420	2.000	6.141
1964-65	2.880	150	650	375	53	23	71	480	2.000	6.682

Valor dos produtos para a estimativa: — Café beneficiado, Cr$ 2.400,000 p/ saco; leite, Cr$ 3,00 p/ litro; ovos, Cr$ 520,00 p/ cx de 30 duzias; novilhas e vacas holandesas, Cr$15.000,000 p/ cabeça; milho, Cr$ 175,00 p/ saco de 60 kg; arroz, Cr$ 380,00 p/ saco de 60 kg. em casca; estêrco de curral, Cr$ 110,00 p/ tonelada; idem de aves, Cr$ 1.200,00 p/ tonelada; uvas, Cr$ 120,00 por cx de 8 kg; citros,.... Cr$ 100,00 p/ caixa.

OBSERVAÇÃO: — Embora a estimativa abranja um período de 10 anos, consideramos os valores estáticos, na base do ano agrícola 1954-55, por que a marcha da inflação é imprevisível e tanto envolverá a receita como a despesa.

5.º) *QUADRO IX — Fazenda São Pedro do Embiruçu, estimativa da apuração dos rendimentos em 1.000-Cr$, durante a execução do plano de reorganização da propriedade, cálculos nos preços do ano agrícola 1954-55*

ANOS	Renda Bruta	Despesas Efetivas	RENDIMENTO LÍQUIDO		CAPITAL		RENDIMENTO FUNDIÁRIO	
			Números Absolutos	% s/ Despesas Efetivas	Exploração	Fundiário	Números Absolutos	% s/ Cap. Fundiário
	Cr$ 1.000	Cr$ 1.000	Cr$ 1.000		Cr$ 1.000	Cr$ 1.000	Cr$ 1.000	
1955-56	1.544	1.183	361	30,5	1.279	5.832	233	4,0
1956-57	1.784	1.914	— 130	— 6,8	1.927	6.420	—	—
1957-58	2.709	2.022	687	34,0	2.228	6.857	464	6,8
1958-59	2.883	1.967	916	46,6	2.230	6.612	693	10,5
1959-60	3.231	2.013	1.218	60,5	2.230	7.080	995	14,1
1960-61	4.478	2.226	2.252	101,2	2.230	7.034	2.029	28,8
1961-62	5.318	2.093	3.225	154,1	2.230	7.034	3.002	42,7
1962-63	6.122	1.888	4.234	224,3	2.230	7.034	4.011	57,0
1963-64	6.141	1.883	4.258	226,1	2.230	7.034	4.035	57,4
1964-65	6.682	1.883	4.799	254,9	2.230	7.034	4.576	65,1

OBSERVAÇÃO: — O capital fundiário se conservou estático relativamente à tendência inflacionária nacional: as flutuações verificadas para mais representam crescimento apenas vegetativo, resultante da inversão de dinheiro na formação de novas lavouras permanentes e construção dos galinheiros; as reduções no valor correspondem à eliminação de cafeeiros velhos.

O aumento do capital de exploração equivale ao custo da formação de 2.500 poedeiras e à compra de vacas de leite.

Resumos e Transcrições

O café indiano

Notícias de Nova Delhi, publicadas no Café Vert de agôsto de 1956, referem-se a vários problemas da indústria cafeeira na Índia.

Uma nova política de expansão cafeeira iniciou-se em 1940 pela criação do Conselho de Café. Hoje esse Conselho é deveras poderoso e os efeitos da política adotada se fazem sentir pelo crescente progresso na produção e qualidade do café indiano.

Quatro são os estados produtores de café: Mysore, Goorg, Madras e Travancore-Cochin, com uma produção total de 16.300 toneladas de café Arábica e 8.000 de Robusta em 1954-55. São conhecidos quatro tipos principais de café e denominados "Plantação, "Cereja Arábica", "Cereja Robusta e "Robusta Pergaminho", cada um deles compeendendo cinco divisões.

Todo o café é comercializado pelo Conselho do Café. Os produtores se obrigam a entregar tôda a produção, conservando apenas as sementes para plantio e o café para consumo pessoal. O conselho possui grande número de entrepostos para receber o café em todas as zonas cafeeiras. É o Conselho que determina a quantidade de café a exportar, ao consumo interno, a ficar de reserva e á propaganda do produto. É constituido por representantes dos lavradores, comerciantes, consumidores e do govêrno dos Estados produtores.

O govêrno indiano está procurando aumentar o plantio até atingir uma produção de 35.000 toneladas, sendo a produção atual de cêrca de 30.000 toneladas. Para isto uma intensa propaganda se faz para se adotar plantio intensivo, uso de sementes selecionadas e estabelecimento de centros de benefício do produto e centros experimentais. Os novos plantios serão feitos em terras virgens e também em sòlo já cultivado com o cafeeiro. Pensa-se em estabelecer 320 campos experimentais de demonstração.

A realização do programa prevê gastos elevados, mas espera-se que o aumento de produção e melhoria da qualidade irão compensar de sobejo os gastos iniciais.

(De "O Estado de S. Paulo", 5-12-56)

Não obstante algumas estimativas para a presente safra mundial de café sejam algo exageradas, o que se tem em vista, dentro das possibilidades, é uma safra apenas média. Depois de alguns anos, todavia, o panorama pode modificar-se e, apesar da melhoria do consumo, chegar-se a contar com excessos na produção mundial.

Nessa hora, os cafés que irão *sobrar* serão os piores: os de mau aspecto, de mau sabor, os cafés cheios de detritos: paus, pedras, terra, verdes, prêtos, podres.

Produzir bom café é, pois, não apenas de interêsse nacional, como também individual.

O despolpamento, para a produção de cafés de alta qualidade

José Homem de Mello

"Volta mais uma vez a assumir visível intensidade entre nós a campanha de cafés despolpados coisa que poderá ser executada com êxito em uma boa parte do Estado de São Paulo. Nos idos de 1939 foi lançada uma campanha de despolpamento que se levada a bom têrmo, seria sem dúvida a tábua de salvação de nossa lavoura cafeeira. Assim é que foram instalados aqui mais de 800 despolpadores, sem contar as custosas usinas do Departamento Nacional do Café. Mas passando bem pouco tempo, nem se falava mais na questão. Havia, entretanto, razões para que tal acontecesse, isto é, para que a febre do despolpamento tivesse fim tão prematuro.

Mercê da falta de uma orientação precisa, da falta do necessário conhecimento do assunto, os lavradores visando antes de mais nada beneficiar-se dos prêmios da isenção da cota de sacrifício e do embarque preferencial, atiraram-se desordenadamente ao despolpamento. E o resultado foi tão desastroso, que os cafés despolpados valiam menos que os de terreiro, eram macerados de água suja e tão mal secos que ao chegarem a Santos, já começavam a branquear; eram cafés mal preparados, fermentados no chão do cafèzal e, em certos casos, tirados da própria tulha para os tanques de maceração. E dessa forma, coisa alguma a não ser completo fracasso se poderia esperar da história do despolpamento preconizado pelo D. N. C. há vinte e sete anos.

Nem tudo se perdeu, porém, em meio a essa situação, caotica. De toda essa confusão alguma coisa se aproveitou. Isso porque um reduzido grupo de lavradores continua a despolpagem. Esses procurando corrigir os erros e aprendendo à própria custa, conseguiram clarear diversos pontos que não constavam e nem constam ainda em qualquer publicação especializada. Felizmente, nós pertencemos a êsse grupo, a essa minoria que não abandonou a prática do despolpamento. E, assim, as observações que iremos expôr nesta despretenciosa palestra nada mais representam do que o resultado de vinte e seis anos de experiência sôbre o despolpamento do café em nosso meio.

Todo o sucesso nesse despolpamento está alicerçado em cinco pontos básicos: 1) Clima e maturação tardia e desigual; 2) Colheita de cereja; 3) Degomagem, correteio e água limpa; 4) Sêca; 5) Benefício e captação manual.

CLIMA

Sòmente nas chamadas zonas frias do Estado de São Paulo, Bragantina, Sorocabana e em algumas poucas fazendas sombreadas, é que poderemos obter apreciável quantidade de café cereja, nos meses de maio, junho, julho até meados de agôsto, já que nas outras zonas êsse café séca prematuramente, e de uma só vez, impossibilitando a obtenção de um volume ponderável de café despolpável.

Sucede também que na Mogiana e Paulista o café é fino por natureza, pois a colheita se processa no início do inverno, época em que geralmente não chove. E dessa forma, torna-se possível evitar que o café sofra fermentações na roça e no terreiro e sua bebida se apresente suave.

Na Noroeste e Araraquarense a maturação é também precoce, e a boa bebida poderá ser obtida em maior quantidade, desde que os trabalhos da colheita e do terreiro se cerquem dos preciosos cuidados. Em todas estas zonas o café é, de comum, mais miudo do que o proveniente das "zonas frias" nas quais as árvores são mais enfolhadas.

Diante pois dessas considerações, chega-se à firme conclusão de que onde o café é fino por natureza, não há vantagem alguma em despolpá-lo, restando apenas que se proceda a uma colheita cautelosa e a uma boa preparação de secagem.

A COLHEITA DE CEREJA

O despolpamento é realizado em larga escala em tôda a América Central, México, Colômbia e Equador. E em tôdas essas regiões, em virtude do sombreamento desigual e a colheita é feita em cestas. Não se faz ali colheita de pano. Ela é submetida entretanto a vários repasses, durante os quais são aproveitados apenas os grãos maduros.

Devemos, portanto, seguir o exemplo desses países, colhendo café cereja na cesta e em diversos repasses.

Em nossa fazenda de Itatinga, colhiamos, nos primeiros anos de despolpamento o café no pano, jamais tendo, então, conseguido rendimento superior a 15 por cento, e isso porque efetuamos a colheita integral, a porcentagem de verde em maio e junho atinge de 40 a 50 por cento; ora, como com tal quantidade de verdes o despolpador não pode trabalhar bem, acontece que todo esse café verde, qua mais tarde poderia ser aproveitado para a despolpa, se transforma em farelo, em café baixo, cheio de pretos e ardidos. E então sobrevem o desânimo e com ele o abandono do despolpador, com se a esse coubesse a culpa do desastre, acabando por transformar-se em irremediável prejuízo aquilo que de outra forma deveria constituir palpitante lucro.

A colheita da cereja é, por consequência, o pivot de todo o sucesso do despolpamento, podendo garantir que, em nosso meio, essa colheita em cestas, é perfeitamente exequível. Uma vez iniciada na fazenda, os colonos a preferem, não só por ser mais rendosa em alqueires, o que lhes possibilita maior ganho, mas, também, porque ela torna muito mais suave a difícil operação da "apanha", evita a peneira e as mudanças de pano. Faz vinte anos que em nossa propriedade de Itatinga vimos colhendo café cereja em cestas com magníficos resultados, seja financeiros, seja no que respeita à qualidade do produto obtido.

Para se conseguir uma saca de café beneficiado preferencial são precisos 480 litros de cereja. E numa colheita bem organizada, torna-se possível despolpar de 40 a 50 por cento de seu total, rendimento muito bom para o nosso país, onde, via de regra, as lavouras são ensolaradas.

DEGOMAGEM, CORRETEIO E ÁGUA LIMPA

Outro ponto de capital importância é o que respeita à degomagem, ou sejá, à eliminação da mucilagem. Uma

vez colhido, o café deverá ser separado no lavador, que apartará os grãos maduros de uma pequena porção de boias que deverão ir diretamente para o terreiro. No mesmo dia, procede-se à despolpa. Os cerejas legitimos, contendo no máximo 5 por cento de verdes, serão passados pelo despolpador que, bem regulado, não apresenta nenhuma dificuldade, eis que se trata de máquina muito simples. E, uma vez despolpado, o café apresentará três qualificações que são: Despolpados, verdes e Palha.

A palha deverá ser encaminhada, por água, para uma caixa de acesso fácil e diàriamente transportada para a esterqueira de composto, produzindo-se, assim, excelente adubo; o verde ,ou farelão, deverá ser conduzido, também por água, para o terreiro, a fim de ser sêco com a máxima rapidez; e, finalmente, o despolpado irá para o "correteio", a fim de receber o preparado "Benefaz" que lhe apressará a degomagem.

No correteio, permanece o despolpado de 10 a 12 horas, isto é uma noite, para, na manhã seguinte, ser submetido à lavagem com água limpa.

Durante essa lavagem, que deverá durar o tempo necessário para que o café se livre de tôda a mucilagem, o café será mexido com rodos de madeira.

Vale esclarecer, mais, que no princípio da colheita a lavagem é um pouco mais demorada, e, em julho e agôsto, mais rápida, e, ainda, que um café bem lavado adianta a sêca de dois ou três dias e evita o perigo de qualquer fermentação no terreiro, significando isso que a degomagem precisará ser perfeita, mediante o emprêgo de água limpa e em abundância.

Eis, agora, alguns detalhes sôbre o "correteio", cujo uso se generalizou em todos os países que despolpam o seu café.

O "correteio" é um canal de 30 a 40 metros de comprimento, com 0,80 centimetros de largura e 0,60 centimetros de profundidade, cuja localização deve ser, de preferência, a cavaleiro do terreiro para facilitar a descarga do café.

Divide-se em três partes, por pequenas comportas de taboas, que permitem que, durante a lavagem, se proceda à decantação das impuresas, casquinhas, chocos e mal granados, ficando no canal apenas os despolpados perfeitos.

Posso afirmar, pois, que com o uso adequado do "correteio" se consegue uma perfeita limpeza do café despolpado, o que virá facilitar sobremodo a catação à mão a que irá ser submetido após o benefício.

SECA

Bem lavado e despolpado, o café será espalhado em finas camadas no terreiro e imediatamente remexido com rodos de madeira. É necessário, porém, que o terreiro, para recebê-lo, esteja bem conservado, sem fresta e, preferìvelmente, pixado, já que o calor e o sol não fazem mal ao produto despolpado, como erroneamente se propala.

Se o despolpado, então houver sido bem lavado, ficará completamente enxuto no primeiro dia de sêca, podendo já à noite, ser enceleirado.

Passado o terceiro dia de terreiro, pode-se já fazer pequenos montes, também à noite, e, à medida que a sêca vai adiantando, vai-se aumentantando o tamanho dos montes, que passarão a ser coberto com encerados.

Depois de 12 ou 14 dias de terreiro, o despolpado encontra-se perfeitamente sêco e sem manchas. É, não obstante, boa prática apertar um pouco o ponto de secagem, visto como o café despolpado absorve humidade muito facilmente. E um bom método, aliás simples, de constatar esse gráu de secagem, consiste em pesar uma lata, dessas de querosene, cheia de despolpado, que, quando o peso for de 8 quilos e 700 gramas liquidas, o café estará perfeitamente sêco.

Mal sêco, o café despolpado começa, poucos dias após o benefício, a branquear nos bordos, perdendo, em consequência, muito de seu valor comercial.

Ultimamente, estão sendo fabricados diversos tipos de secadores mecânicos para despolpados. Não temos, porém, a respeito a precisa experiência, pois sempre procedemos à nossa secagem no terreiro, com otimos resultados.

BENEFÍCIO E CATAÇÃO

O café, depois de recolhido à tulha, terá de permanecer em descanso uns 15 ou 20 dias para que a sua sêca se dê por igual, procedendo-se, a seguir, ao seu benefício.

Este deverá ser efetuado com um descascador bem regulado, para evitar marinheiros, e as peneiras menores deverão ser catadas à mão, porque contém sempre pequenos defeitos e, além do mais, porque um café fino necessita de ter apresentação perfeita.

Proteger as florestas e a fauna é um dever de todos nós. O Brasil, país novo, é muito mais desflorestado que as velhas nações da Europa. Nossos rios são tão poluidos e tão devastados por uma pesca irracional, que não há mais peixes. Nossos animais silvestres estão se extinguindo. Nossas madeiras de lei só existem a centenas de quilômetros dos grandes centros. Matar animais ou abater árvores por esporte ou por defeituosa orientação agrícola é mais que um erro: é um crime, que nos custará caro, no futuro, se não nos corrigirmos em tempo.

Para poder competir, na concorrência mundial, precisamos conseguir dois objetivos: *maior produção por cafeeiro* (rendimento) e *melhor qualidade,* à base de colheita, secagem e beneficiamento cuidadoso.

Métodos racionais para a produção de café fino

Em sua edição de novembro último, o 'Tea and Coffee Trade Journal", de Nova York, publicou o seguinte estudo sôbre a Campanha dos Cafés Finos no Brasil, de autoria do sr. John Griffing, membro do Instituto Internacional de Pesquisas Econômicas de Base:

Em 15 de junho do corrente ano, foi inaugurada no Edifício Guinle, na cidade de São Paulo, uma Exposição do Café que tinha em vista a melhoria da qualidade da preciosa rubiácea. Essa Exposição foi uma das manifestações de um movimento destinado a afetar profundamente a qualidade do café brasileiro. Tem esse movimento o seguinte "slogan":

"Cafés finos para o Brasil"!

Começou há um ano, entre os grandes fazendeiros do centro cafeeiro de Catandúva, no Estado de São Paulo. O senador Assis Chateaubriand, fundador e diretor dos "Diários Associados", foi acertadamente escolhido para orador, pondo ele à disposição do movimento a sua grande cadeia de jornais, rádio-emissoras e estações de TV, para a propaganda dos meios e modos mais indicados de produzir melhor café.

A idéia "pegou", contagiante. Centros cafeeiros, uns após outros, começaram a celebrar a sua **"Semana do Café"**, com exposições e reuniões bem planejadas, nas quais especialistas em cafeicultura, do Instituto Agronômico de Campinas, centro de pesquisas agrícolas do Estado de São Paulo, pronunciavam conferências com projeções luminosas, ou faziam demonstrações práticas, tudo visando aos métodos de produzir melhor café.

ANOS DE FARTURA À VISTA

Há boas razões para semelhante despertar. Os fazendeiros de café bem sabem que, com a rotação do inexorável ciclo, os anos de escassez hão de chegar ao seu fim, e o tempo das vacas gordas, e do armazenamento dos excedentes não está longe. Com a desvantagem de uma diferença de preço, já de si desfavorável, devido à baixa qualidade do café, os fazendeiros têm medo do dia em que o seu pobre café nem possa ser objeto de mercado.

Preocupações em torno de uma possível abundância de café nos primeiros anos podem parecer estranhas, dado o fato de estar o Brasil agora, em 1956, fazendo uma das menores safras jamais registradas. Os fazendeiros, porém, calculam o potencial de produção cafeeira pelo número de pés de café plantados, e a fébre do plantio de café continua sem cessar. A super-produção ficou para outros tempos, devido a uma sucessão de desastres. Uma geada em 1953, foi seguida de outra em 1955, e agora, em 1956, uma produção deficiente tem sofrido enormes prejuízos, tanto na qualidade como na quantidade, por causa das pesadas chuvas na época da colheita.

Mas a grande safra de 1955 foi um sinal para aqueles que conhecem o seu café, de safras ainda maiores em caminho. As próprias chuvas, que

foram prejudiciais à presente safra de 1956, cobriram os pés de café com as ricas vestes verdes, que prenuncia muma produção mais favorável para 1957.

CAFEEIROS MAIS PRODUTIVOS

Há várias razões pelas quais a produção dos novos pés de cafés poderá dentro de pouco apresentar-se grande:

1) a maioria dos cafeeiros que estão sendo plantados são de linhagem genéticas superiores, cultivados que foram no Instituto Agronômico de Campinas, sob a supervisão de um quadro dos mais competentes agrônomos da América Latina;

2) os cafés provenientes de linhagens superiores são precoces. Dantes, um pé de café não começava a "pagar" mais do que as suas despesas, durante seis anos, enquanto agora arbustos de dois anos já excederam a média da produção nacional.

3) as novas linhagens genéticas do café, são prolíficas sendo que algumas delas, com bons tratos culturais, alcançaram uma produção de oito a dez vêzes a média nacional;

4) enquanto os velhos cafèzais eram plantados em carreiras, morro abaixo, morro acima, o que favorecia a erosão do solo, os novos cafèzais são plantados em contorno, isto é, "curvas de nível", pondo-se em prática, igualmente, outras e outras normas de conservação do solo.

ESPAÇAMENTO MAIS CERRADO

5) os novos cafèzais guardam menor espaçamento entre as carreiras do que antigamente, com duas a duas vezes e meia o número de pés de café por alqueire de terra. Com menor espaçamento, há redução de despesas de cultivo e de outros gastos com a produção;

6) aplica-se, hoje, ao café maior quantidade de adubos químicos do que outrora. Muitas vêzes, os fazendeiros dedicam-se à indústria de laticínios, criam gado, desenvolvem as pastagens, fazem criação de galinhas, tudo com o objetivo de aplicar o estrume aos seus cafèzais.

7) a prática da irrigação vai se espalhando. E onde ela é feita racionalmente, os riscos da sêca tendem a diminuir.

8) O costume, relativamente recente de misturar as cascas de café com capim e outros detritos orgânicos está sendo aperfeiçoado pelo Instituto de Pesquisas da Corporação da Economia Básica, organização essa criada pelos irmãos Rockefeller. Os cientistas norte-americanos dessa Corporação cooperam com o Instituto Agronômico de Campinas no sentido de tornar mais eficientes as técnicas de produção. Descobriram eles que incorporando matéria orgânica aos cafèzais, é possível aumentar a produção e, o que é igualmente importante, mantê-los em forma sem as terríveis oscilações de colheitas magras, de dois em dois anos.

Já no velho Estado de S. Paulo mais de 200.000.000 de pés de menos de 6 anos começaram a produzir. E esse número está aumentando ràpidamente, e alguns dos novos cafeeiros começam a apresentar produção muito maior que a dos cafèzais do velho estilo.

E um dos mais importantes aspectos dos novos cafeeiros é que a sua alta produtividade torna possível a obtenção dos chamados **"cafés finos"**.

O PROCESSO DE COLHEITA BAIXA A QUALIDADE

Sustentam muitos que a qualidade do café brasileiro é inferior ao da Colômbia e América Central por

causa de condições menos favoráveis de solo e clima, de altitude, ou de humidade. Isto sòmente em parte é verdade. O que se dá é que, no Brasil a baixa produção não torna necessária senão uma única colheita. Infelizmente, e via de regra, há uma sucessão de períodos de inflorescência, resultando daí que o café verde, a cereja ou café em polpa, e o café sêco possam ser vistos nas árvores todos ao mesmo tempo. A época da maturação pode estender-se por mais de dois meses. Antes do amadurecimento, procede-se a **"coroação"**, isto é, capina-se e limpa-se o chão em tôrno de cada pé de café. Depois, as cerejas vão caindo no solo **"coroado"**, à proporção que se secam. As chuvas ocasionais da estação sêca arrastam, de enxurrada, algumas dessas cerejas caidas ao chão, e outras se misturam com a terra, gravetos, pedrinhas e outras impurezas. Ao tempo da coheita, muitas dessas cerejas já ficaram esverdeadas, devido ao bolor, ou mofo. E quando as últimas cerejas chegam, finalmente, à maturação, sofrem elas, então, a **"derriça"**, isto é, os apanhadores, correndo as mãos pelos ramos do cafeeiro, raspam dêles as cerejas que são atiradas ao chão. Depois, são elas abanadas, ou peneiradas, separando-as do cisco. As cerejas secas são lavadas e depois processa-se o seu beneficiamento por via sêca.

Os métodos de colheita variam muito, mas, em geral, quanto maior for o contato das cerejas com a terra tanto mais baixa será a qualidade do café.

O CAFÉ DA COLÔNIA DOS HOLANDESES

Em contraste com os métodos tradicionais de colheita, eu vi os holandeses do núcleo colonial perto de Mogy Mirim, no Estado de São Paulo, colhendo café de arbustos de dois anos e meio, e de alta linhagem genética. Colhiam os colonos as cerejas em cestos, logo que elas iam ficando vermelhas, o que exigia repetidos "repasses". Depois na Cooperativa do Núcleo Colonial, procediam ao beneficiamento do café por via úmida, isto é, ao seu despolpamento por meio da água corrente. Nenhum pé de café dos colonos holandeses de Mogi Mirim tinha mais de três anos de idade, de modo que a Cooperativa comprava cerejas de seis cafèzais vizinhos, podendo, portanto, despolpá-las continuamente, noite e dia, numa média de dez toneladas diárias. O chefe do Núcleo Colonial, sr. Hageboom, declara com orgulho:

— "Podemos fazer embarques de café beneficiado, do pé para o pôrto de Santos, distante 220 ks. em menos de 36 horas".

PROPAGA-SE A COLHEITA DE CAFÉ EM CEREJA

Bom número de fazendeiros progressistas que aplaudem a campanha nacional de cafés finos, estão treinando os seus empregados na colheita de café em estado de cereja, o que exigirá de 3 a 4 "repasses". Há os que colhem café sòmente em cereja, mas há também os que fazem apenas parcialmente. Como é natural, a colheita múltipla sòmente é praticável com cafeeiros de alta produtividade.

A média nacional é de 360 gramas, aproximadamente, de café em cereja por pé. Colher tão pequena quantidade em mais de uma "passagem" seria anti-econômico. Mas com uma produção, digamos de três quilos por pé (o que ficou repetidamente provado como sendo possível), a colheita do "cereja" compensa bem, não só

pelos seus preços vantajosos, e pelo aumento de produção, como também pela certeza de mercado.

Uma das autoridades mundiais em beneficiamento de café, o sr. H. Elliot Foote, que vive a braços com problemas que o caso apresenta, no Haití, em São Domingos, em El Salvador, alem do Brasil, é quem dirige atualmente as pesquisas programadas pelo IBC, em prol da melhoria do café. As experiências do sr. Foote demonstram que além de ser de qualidade melhor, o café colhido em "cereja', caso seja beneficiado por via úmida, e com rapidez, aumenta a produção em cêrca de 10%.

Certa vez, o sr. Foote pôs-se a pesquisar cafés naturalmente inferiores. Visitou 13 diferentes localidades da Zona da Mata, de onde vêm as piores partidas de café "Rio". Em todos os casos em que o café havia sido colhido em cereja, e beneficiado por via úmida, o sr. Foote obteve qualidade igual a dos melhores cafés do Brasil, e pouco inferior aos melhores cafés da América Central.

Um eminente brasileiro está promovendo a campanha dos **"cafés finos"**.

— **"Não esperamos"**, declarou êle, **"atingir o nosso objetivo num ano, nem talvez em cinco. Vamos ver, porém, o que acontecerá dentro de dez anos"**...

A produção de cafés finos exige completo abandono de muitas das praxes tradicionais. Significa também um novo treinamento dos empregados em fazendas de café. E essa campanha não terá êxito com fazendeiros absentistas. Há porém, grande número de fazendeiros que aceitam a idéia, e muitos deles possuem talhões de cafeeiros de alta produtividade com que dar inicio à obra.

Seja lá como for, o movimento está lançado, e com uma dupla inspiração. À frente dele, está o atrativo de melhor produção e melhores preços, enquanto atrás, empurrando-o para frente, vem o espectro da ruína para aquelès que teimam em resistir à transformação, quando os dias de abundancia estão a caminho.

(Da revista norte-americana "Tea and Coffee", de novembro p. p.).

(Do "Diário de São Paulo", 23-12-56)

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

AR PARADO E SAÚDE

Nos locais cujas portas e janelas permanecem fechadas, o ar não se renova, é parado, quente e úmido. O organismo nesses ambientes oferece pouca resistência às infecções.

Aumente a resistência do organismo, permanecendo em locais bem arejado — SNES —

O café em El Salvador

O Centro Nacional de Agronomia de El Salvador se dedica a vários estudos referentes ao cafeeiro. Recentemente, foi objeto de uma comunicação (Turrialba vol. 5, 1955) a ocorrência de duas moléstias conhecidas por "morte descendente dos ramos" e "mal de macana". Durante a limpeza do cafèzal com um tipo de foice usado na região, é comum o ferimento do colo da planta e daí a infecção por um tipo de "Cephalosporium", ocasionando o "mal de macana". As vêzes as plantas morrem. O fungo também tem sido isolado de brotos novos do cafeeiro, bem como da planta ''Crotalária vitalina'' usada como sombra temporaria do café. E provavel que esporos do fungo sejam transportados pela água, dos ramos novos para a base do tronco, penetrando no tecido vascular pela região com o ferimento. Este fungo é o "C deformans".

A morte descendente dos ramos é ocasionada pela espécie "Cephalosporium omnivorium", a qual não está associada à infecção na base da planta. Ocorre, todavia, em varias plantas citricas, atacando tecidos tenros como extremidade de ramos. Esta especie de "Cephalosporium" é nova e vem seguida de sua descrição.

(De "O Estado de S. Paulo", 5-12-56)

O QUE REPRESENTA O ENSINO PRIMÁRIO SUPLETIVO

Rubens Falcão

Quando se celebra o primeiro decênio de funcionamento dos cursos de ensino primário supletivo para alfabetização de adultos, vale a pena registrar alguns aspectos do que representa essa Campanha do Govêrno no sentido de eliminar do Brasil a chaga da ignorância, tão nociva ao nosso conceito no exterior e tão prejudicial ao nosso desenvolvimento econômico no interior. Muito se tem conseguido nesse terreno no período que se recorda com júbilo. Ganha o Brasil em valores positivos numerosos elementos que antes constituiam um pêso morto pela sua reduzida capacidade econômica e insignificância social. No ano findo, dizem os dados oficiais que funcionaram 9 687 escolares e 88 Cursos de Iniciação Profissional, com um total de duzentos e seis mil alunos. Para nutrir êsses núcleos de aproveitamento dos nossos patrícios sem recursos para educar-se e instruir-se à altura da importância do nosso País, gastou o Estado........ Cr$43.538.859,00, distribuída essa verba pelos serviços administrativos, material escolar, alimentação, professorado, e essas várias aplicações demonstram o pouco que coube a cada um dêsses setores para a sua eficiência funcional.

Mas o mais interessante, como documento esclarecedor, é a verificação do baixo custo de cada aluno, dividido o montante dêsse dinheiro pelos duzentos e seis mil indivíduos que buscaram os cursos primários para o aprendizado das letras e os centros de iniciação profissional para o adextramento em dìversas profissões de sua escolha. Cada aluno-adulto não chegou a custar ao Erário trezentos cruzeiros!... Só êses fato merece consignação auspiciosa, para que se tenha a certeza de que a conquista de elementos válidos para o exercício de atividades úteis e produtivas dependerá menos de dinheiro do que de vontade dos dirigentes em cumprir, como vêm cumprindo, um programa da mais alta trancedência, como é êsse da alfabetização de muitas centenas de milhares de brasileiros.

São Pedro e os cafés finos

José Procópio LIMA AZEVEDO
(Da Associação Rural de Londrina)

Agora é moda falar em cafés finos. É de bom-tom entre os pais da pátria aconselhar aos cafeicultores produzir cafés finos como uma medida de salvação nacional. Muitos chegam aos detalhes e recomendam tais e tais coisas. Ninguém porém parece ter-se lembrado da parte mais transcendental na produção de cafés finos no Brasil — o tempo: Quando São Pedro não quer, não se produz café fino. Haja vista êste ano. Com tôda a campanha que vêm fazendo através de todos os veículos de propaganda, inclusive a televisão, estamos colhendo uma das das piores safras do país, embora também uma das menores. O maior obstáculo para se produzir cafés finos é o mau tempo. Se chover fora da época, adeus! Cafés ordinários.

Como ilustrativo exemplo, do que afirmamos vamos analisar o período de 1936/1956 de 21 anos e ver como se comportou o tempo durante a colheita:

ANOS DE SÊCA

1936 — 1940 — 1944 — 1949 — 1952 — 1955 *

ANOS DE CHUVA

1937 — 1941 — 1948 — 1954 — 1956

ANOS NORMAIS

1933 — 1939 — 1942 — 1943 — 1945 — 1946 — 1947 — 1950 — 1951 — 1953

* Em São Paulo e Minas. No Paraná as chuvas não foram excessivas, mas a safra estragou-se em grande parte devido à má granação motivada pela sêca do verão de 1954/55.

Temos assim resumindo: Anos de sêca, 6 — cafés finos. Anos de chuva, 5 — cafés baixos. Anos normais, 10 — cafés finos e baixos. Donde se conclui que para 2 anos normais tivemos 1 de sêca e 1 de chuvas.

É sabido que nos anos de sêca até os fazendeiros mais descuidados produzem cafés finos. Ao contrário nos anos de chuva nem mesmo os lavradores caprichosos escapam de produzir cafés ordinários, e sòmente nos anos normais a produção está de acôrdo com o trabalho de cada produtor. Em nosso país a cultura do café é extensiva, ao sol, a colheita uma só e há por isso grande volume de café para ser tratado ao mesmo tempo. Os fazendeiros não podem possuir instalações capazes de secar todo o café em 30 ou 60 dias. Mesmo porque a secagem mecânica ainda está longe de ser perfeita, e quando chove anormalmente no inverno nem com monumentais instalações poderá o lavrador salvar tôda sua safra. É inconteste que o pior inimigo dos cafés finos é o tempo, mas pode-se perfeitamente prevê-lo como razoável antecedência e com isto salvar nos anos normais, muito café do estrago.

O govêrno na qualidade de grande interessado em mais divisas, que dê o bom exemplo, fazendo instalar serviços de informação e previsão do tempo como existe nos países mais adiantados do mundo. Não esse serviço dûbio, que só fala no condicional e que o mais das vêzes anuncia o tempo da vespera, mas um serviço sério em que se possa realmente confiar. Muito à propósito a FÔLHA DA MANHÃ publicou na sua edição dominical de 7 de outubro reportagem telegráfica, em que diz a certa altura falando dos E. U. A. "Este projeto tornou possível realizar previsões de tempo exatas para um período de 48 horas". Não precisamos de mais.... O aparelhamento moderno pode ser comprado — a técnica pode ser aprendida e o nosso pessoal humano se não é melhor também não será pior que o dos outros povos. Desnecessário pois, falar em pátria, para que se produzam cafés finos.

Depois da desassombrada atitude do sr. Josá Maria Whitaker suprimindo os preços mínimos — quando então se vendiam ao govêrno os cafés baixos à preços de finos — tornou-se prejuízo violento não tratar bem das colheitas Já existe na mesma zona diferença de valor de 50% entre cafés finos e baixos.

Permitindo São Pedro, auxiliado por um bom serviço de previsão do tempo e espicaçado pelo medo de quebra na sua renda já minguada pelo confisco cambial, o lavrador brasileiro produzirá cafés finos sem dúvida nenhuma.

Produzirá ou perecerá!

O preço dos cafés "robusta", da África, é bem inferior aos nossos. Em compensação, o preço dos "milds", da América Hispânica, é bem superior, mas também é superior a qualidade.

Não temos o preço dos *robusta* e nem a qualidade dos *milds*, e por isso estamos perdendo terreno. Urge que consigamos reduzir o preço e melhorar a qualidade ou, pelo menos, apresentar tipos melhor preparados e conseguir maior rendimento por cafeeiro.

Banho diário

Banhar-se é o principal meio de manter a pele limpa e saudável. Além disso, o banho tem, sôbre a pele e vários órgãos, efeito tônico e estimulante e, sôbre o sistema nervoso, ação calmante.

Inclua entre seus hábitos pessoais o de tomar banho diàriamente. — SNES.

DECRETO N.° 26.968, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1956

Abre no Patrimônio do Instituto do Café do Estado de São Paulo, administrado pela Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda, um crédito especial de ...... Cr$ 10.000.000,00.

JÂNIO QUADROS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1.º — Fica aberto na Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda, administradora do Patrimônio do Instituto de Café do Estado de São Paulo, um crédito especial de Cr$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), destinado a ocorrer às despesas de subscrição do aumento de Cr$ 23.000.000,00 (vinte e três milhões de cruzeiros) paraCr$ 33.000.000,00 (trinta e três milhões de cruzeiros) do capital social da Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo.

Parágrafo único — O valor do presente crédito será coberto com os recursos provenientes de "superávits" de exercícios anteriores devidamente aprovados em Balanços gerais do Patrimônio do Instituto do Café do Estado de São Paulo.

Artigo 2.º — Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, 10 de dezembro de 1956.

JÂNIO QUADROS

Carlos Alberto Carvalho Pinto

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Govêrno, aos 10 de dezembro de 1956.

Carlos de Albuquerque Seiffarth — Diretor Geral.

(Do "Diário do Executivo", 11-12-56)

Convênios entre o Estado e o I.B.C.

No gabinete do governador do Estado, presentes os titulares das pastas da Fazenda, prof. Carvalho Pinto, e da Agricultura, sr. Jáime de Almeida Pinto, além dos srs. Paulo Guzzo, presidente do Instituto Brasileiro do Café; Luiz Fortunato Moreira Ferreira, chefe de escritório do I. B. C. em São Paulo; Pedro Siqueira Campos, da Superintendência dos Serviços do Café; e Luiz Piza Sobrinho, José Cassiano Gomes dos Reis e Geraldo Mélo Peixoto, membros da

Junta Administrativa do I. B. C., e Newton Ferreira de Paiva, diretor do I. B. C., foram assinados dois convênios entre o govêrno do Estado e o Instituto Brasileiro do Café. Por um deles, o I. B. C. retorna à fiscalização do comércio do café destinado ao consumo interno e que é exercida junto às torrefações, moagens e aos centros distribuidores do produto. Beneficia-se a lavoura cafeeira não só por assistir um aproveitamento útil de elementos atualmente disponíveis do I. B. C., como, ainda, passa a contar com 20% do produto de arrecadação da taxa, à ser entregue por aquêlé Instituto ao govêrno do Estado, para efeito da melhoria do café destinado ao consumo.

Pelo outro convênio, o Estado de São Paulo, que vinha exercendo gratuitamente a fiscalização do regulamento federal de embarque do café exportável, usando para êsse efeito larga rêde de armazens e depósitos da Superintendência do Café, passa a perceber; por tais encargos, uma compensação correspondente a Cr$ 2,00 por saca de café depositada.

Os convênios, alcançados graças à compreensão e espírito de justiça do presidente do I. B. C. e da Junta Administrativa dêsse órgão proporcionará ao Estado, para aplicação exclusiva na lavoura cafeeira, cêrca de 18 milhões de cruzeiros. Além disso, o I. B. C. mantém a cessão, gratuitamente, de quatro armazéns para completar a rêde estadual aplicada à realização dêsses serviços.

A íntegra dos têrmos dos convênios entre o Estado e o I. B. C. é a seguinte:

TÊRMO DE ACÔRDO celebrado entre o Govêrno do Estado de São Paulo e o Instituto Brasileiro do Café.

O Govêrno do Estado de São Paulo, representado neste ato pelo Governador Jânio Quadros e o Instituto Brasileiro do Café, nêste documento designado a seguir, pela sigla I. B. C. e representado pelo seu Presidente e Diretor, doutores Paulo Guzzo e Newton Ferreira de Paiva, respectivamente, tendo em vista o que estabelece o § I do artigo 4.º do Regulamento aprovado pela Resolução n. 68, da Junta Administrativa do I. B. C., e ainda a deliberação da mesma Junta, em sua sessão de 23 de novembro do corrente ano (J. Ad. 56-561), estabelecem convênio mediante as seguintes condições:

I — O Govêrno do Estado de São Paulo suspende a execução dos serviços de fiscalização dos cafés para consumo interno que vem executando de longa data em seu território e sem ônus para o I. B. C.

II — Os encargos relacionados com esta medida passarão, a partir de 1.º de janeiro de 1957, ao I. B. C. que adotará tôdas as providências úteis, dando ao seu Escritório em São Paulo a autonomia e as atribuições necessárias à execução de tôdas as medidas constantes do referido Regulamento.

III — Das importâncias recebidas em virtudes da cobrança da taxa de Cr$ 10,00 (dez cruzeiros) por saca de café, de 60 quilos, para consumo (artigo 24 da Lei n. 1.779, de 22 de dezembro de 1952), o I. B. C. entregará mensalmente ao Banco do Estado de São Paulo S. A. 20% (vinte por cento) à conta do Govêrno do Estado, que se obrigará a aplicar a importância obtida em campanha de melhoria dos cafés destinados ao consumo interno.

IV — Continuarão na posse e administração do Governo do Estado de São Paulo, sem qualquer ônus para o mesmo, os armazéns do I. B. C. localizados em Marilia, Presidente Prudente, Chavantes e Catanduva, cabendo ao referido Govêrno a conservação dêsses imóveis.

V — Êste acôrdo terá a duração de um (1) ano, automàticamente prorrogado por igual período, desde que não haja renúncia, por qualquer das partes, antes dos 3 (três) últimos meses.

a) Jânio Quadros
a) Paulo Guzzo
Newton Ferreira da Silva"

"TÊRMO DE ACÔRDO que fazem o Instituto Brasileiro do Café, nêste documento designado, a seguir, pela sigla I. B. C. e representado pelo seu Presidente e Diretor Doutores Paulo Guzzo e Newton Ferreira de Paiva, respectivamente, e a Superintendência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo, mencionada a seguir pela sigla S. S. C. e representada pelo Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo., Professor Carlos Alberto de Carvalho Pinto, para a execução no território dêste Estado das atribuições do referido Instituto, relativas ao transporte e à liberação do café destinado à exportação e ao comércio inter-estadual, nos têrmos da legislação vigente, mediante as seguintes condições:

— Pelo seu Presidente devidamente autorizado por deliberação da sua Junta Administrativa em sua sessão de 23 de novembro do corrente ano e nos têrmos do disposto no parágrafo único do art. 26 da Lei n. 1.779, de 22 de dezembro de 1952, o I. B. C., pelo presente ACÔRDO, transfere à S. S. C. a execução, no território paulista, das suas funções executivas referentes ao contrôle e à fiscalização dos embarques, transportes, armazenamento, encaminhamento e liberação (disciplinados pelos chamados "Regulamentos de Embarques") do café produzido ou transportado pelo território dêste Estado com destino aos portos de Santos, Angra dos Reis e Rio de Janeiro.

II — O presente ACÔRDO terá a vigência de dois (2) anos, prorrogável automàticamente por outros períodos consecutivos de igual duração, salvo o caso da denúncia para a sua rescisão, ao fim de qualquer período, mediante aviso prévio de uma das partes à outra, com seis (6) meses de antecedência.

III — Na execução das funções que ora lhe são transferidas, a S. S. C. obriga-se a observar e a fazer observar tôda a legislação em vigor, inclusive as portarias, resoluções, avisos e comunicados atinentes àquelas funções, devendo, nos casos omissos, consultar ao I. B. C. quanto à forma de solucioná-los.

IV — O armazenamento do café até a época de seu encaminhamento, tanto por vias férreas como por estradas de rodagem, para os portos referidos na cláusula I, onde se processará sua liberação, será feito nos chamados "Armazéns Reguladores", disponíveis, sob administração da S. S. C. Êsse armazenamento será pago pelo I. B. C. à S. S. C., à razão de Cr$ 2,00 (dois cruzeiros) por saca, sem distinção de procedência do café e qualquer que seja sua permanência nos referidos armazéns.

V — A responsabilidade decorrente dos danos causados por incêndios, inundações, tempestades ou quaisquer outros riscos relativos aos cafés depositados nos referidos armazéns Reguladores e sôbre êste imóveis, ficará a cargo do I. B. C.

VI — Os serviços do pessoal encarregado da fiscalização e contrôle dos transportes, do armazenamento, da verificação dos tipos e qualidades do café destinado aos mercados de exportação, bem como os chamados serviços de escritório, assim como os de chefia e direção, atualmente mantidos pela S. S. C., continuarão a ser prestados como vem sendo feito até o presente, sem ônus para o I. B. C.

VII — Qualquer dúvida ou divergência suscitada na execução do presente ACÔRDO, será submetida à decisão da Junta Administrativa do I. B. C.

São Paulo, 17 de dezembro de 1956.

a) **Paulo Guzzo**
a) **Newton Ferreira de Paiva**
a) **Carlos Alberto de Carvalho Pinto".**

(Do Diário do Executivo", 18-12-56)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Departamento Nacional de Educação
Campanha de Educação de Adultos

Há dez anos assim aconteceu

Jaci Rêgo Barros

Tal como quantidade constante, na expressão rìgidamente matemática, a grande massa de população analfabeta sempre pesou na grande balança simbólica dos problemas sociais brasileiros.

Ao correr do tempo, muitos se preocuparam com o magno problema e com a sua solução.

O caso, entretanto, não era o de ataques parciais e de soluções, também parciais, dependentes de uma providência acertada aqui e de outra bem orientada mais adiante. Assim não o era, porque um caso de amplitude, como o do analfabetismo entre nós, deveria ser atacado por um trabalho de ordem geral, envolvendo, por isso mesmo, todo o território nacional.

Mas não nos devemos esquecer de que estamos em uma República Federativa, e que, em tal caso, se partem e se repartem atribuições entre a União, os Estados, os Municípios e os particulares.

A alfabetização das massas iletradas, portanto, deveria gravitar em tôrno de um eixo que possibilitasse uma eficiente movimentação a todos fazendo entrosar em seu sistema. E, para boa sorte da educação dos adolescentes e adultos analfabetos, que, lamentàvelmente, sobem a milhões em nossa terra, tôda uma programação de grandes mestres foi posta em funcionamento nos campos da prática, resultando essa obra magnífica que se chama Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

E há dez anos assim aconteceu, ainda em dias da dirigência do Prof. Lourenço Filho, sendo, por isso mesmo, instalada uma nova ordem de trabalhos educacionais, a Educação de Adolescentes e Adultos, tarefa patriótica que não estancará enquanto houver um brasileiro por alfabetizar em nosso País.

O progresso da agricultura

Apesar de ainda predominarem os métodos atrasados de produção na agricultura de S. Paulo, é inegável o progresso que se vem notando de uns anos para cá, mediante o emprêgo de certos elementos da técnica agronômica moderna. Mesmo em uma cultura tradicional como a do café, onde os métodos rotineiros estão mais arraigados, já surgem numerosos núcleos de exploração agrícola adiantada, dispersos pelo território do Estado, servindo de modelos que ràpidamente vão sendo imitados. Muitos já são os cafèzais plantados com sementes selecionadas, alinhados em nível e bem defendidos de erosão, com 4 a 5 mil pés por alqueire, em lugar dos 1.500 a 2.000 das lavouras antigas, adubados racionalmente e os quais, mesmo em terras cansadas ou de qualidade inferior, estão produzindo por unidade de superfície tanto ou mais do que os bons cafèzais do Norte do Paraná, formados à moda antiga. Exemplos de lavouras que, aos quatro ou cinco anos, dão colheitas de 60 arrobas por mil pés ou 300 arrobas por alqueire, se estão tornando comuns em terras que se considerariam há poucos anos, impróprias para o plantio de café. Cafèzais velhos estão sendo destruidos para em seu lugar se formarem novos cafèzais de acôrdo com a técnica moderna. A idéia de que o café para dar bem, precisa do "bafo do sertão" foi desmentida pela agronomia. A outra grande cultura comercial de S. Paulo, o algodão, apresenta também acentuados sinais de progresso. Foi a primeira que aqui se desenvolveu com certa base científica, especialmente pela utilização de sementes selecionadas. Hoje são muitos os agricultores que empregando a técnica moderna de cultivo, mesmo em condições climáticas desfavoráveis, obtêm produção elevada — 300 arrobas por alqueire e até mais; portanto, muito superiores á média do Estado. Alguns elementos importantes da técnica, como o combate a pragas, espaços estreitos entre as plantas, as semeaduras em época adequada, são amplamente usados. Acentua-se, também, entre os agricultores de algodão a preocupação de defender a terra contra a erosão, já sendo pouco comuns as lavouras com as fileiras orientadas morro abaixo. Embora utilizem-se eles ainda de processos rudimentares, a maioria já compreende a importância do problema. Estarão assim, dispostos a empregar processos mais adiantados, se porém orientados e assistidos convenientemente. A própria cultura de milho que é muito mais de substância do que comercial e a qual, portanto, não sofre pressão tão forte dos mercados no sentido do aperfeiçoamento, deno-

ta também tendência para o progresso. A procura crescente de sementes selecionadas e de sementes híbridas é sistemática. Outro aspecto importante da agricultura paulista é a tendência para a diversificação. Mesmo nas zonas onde predomina a monocultura (café, algodão, arroz) começam a desenvolver-se novas culturas como as do amendoim, mamona, batata, rami, soja, frutas, etc., baseando-se em muitos elementos da técnica agronômica. Diversificando-se a agricultura, abrem-se-lhe novas perspectivas de progresso técnico, mediante o emprêgo de rotação de culturas, de culturas em faixas, de adubação verde etc. Assim, em qualquer setor da nossa agricultura, como no seu conjunto, observa-se tendência para o aperfeiçoamento técnico. A disposição dos agricultores difere profundamente da que predominava há não muito tempo.

Atualmente, já não se pode afirmar que a mentalidade dos nossos agricultores é rotineira. Hoje, ela é predominantemente progressista, aberta a inovações. Se estas não são postas em prática de forma mais generalizada, é porque muitas vezes encontram obstáculos de ordem econômica ou porque a assistência técnica é deficiente. Onde esta, por qualquer motivo, é maior, a agricultura é mais adiantada, o que evidência a influência dos agrônomos, especialmente dos agrônomos regionais, e a oportunidade de intensificá-la.

(De "O Estado de São Paulo", 6-12-56)

Substitua progressivamente o seu cafèzal velho e deficitário por um replantio cuidadoso, feito com boas sementes e boa adubação. Defenda o solo da erosão por meio de curvas de nível, cordões, terraços, faixas de vegetação, carpas alternadas.

Colha sòmente os cafés maduros.

Seque e beneficie com cuidado.

CANSAÇO VISUAL

A ilùminação conveniente à imprescindível à boa visão. A má iluminação origina numerosos defeitos da vista, é responsável pela incapacidade progressiva para as atividades manuais ou intelectuais.

Evite o cansaço visual e, conseqüentemente, certos acidentes de trabalho, procurando realizar seus afazeres em ambientes convenientemente iluminados. — SNES.

Plantio intensivo de café

Hélio José Scaranari

A OBTENÇÃO de alto rendimento por área constitui um dos principais problemas áqueles que se dedicam á experimentação. Em se tratando do cafeeiro, boa parte desse objetivo já foi obtida. São notáveis por exemplo, os resultados alcançados no melhoramento dessa planta existindo, atualmente, linhagens bem produtivas, as quais estão sendo distribuidas aos nossos lavradores. Também o uso de espaçamentos menores, comprovado que foi sua possibilidade de emprêgo sem prejuízo á lavoura, já se generalizou. Comparando-se com os cafèzais antigos, planta-se hoje quase que o dobro de cafeeiros na mesma área, graças aos resultados experimentais obtidos. Outras práticas referentes ás adubações orgânicas e químicas, irrigação, conservação do solo etc, têm contribuido para que os cafèzais que agora estão sendo plantados, produzam elevadas colheitas.

Contudo novos sistemas de plantio estão sendo propostos visando, ainda, o melhor aproveitamento do terreno, a fim de se conseguirem elevadas produções. Assim, W. H. Cowgill, na Guatemala, lançou a modalidade de plantio em renque, em faixas, e a pleno sol. Sabe-se que nesse país todos os cafèzais são sombreados. De acôrdo com o sistema proposto, os cafeeiros são plantados em nível, em número variável de linhas, de acôrdo com a declividade do terreno, e separadas de um metro, ficando os cafeeiros a 0,50 m nas linhas. Entre dois conjuntos de linhas é deixada uma faixa de reserva com igual largura, a qual é cultivada com leguminosas. A finalidade das faixas é possibilitar futura rotação da cultura cafeeira, visto ser provável uma menor duração dos cafeeiros plantados sem sombreamento naquele país. Os resultados alcançados até o presente, são promissores, pois as produções por hectare são maiores do que aquelas obtidas nas lavouras plantadas pelo método comum na região.

Em nosso meio, o sistema de plantio em renque está sendo experimentado, por ser uma método que provàvelmente possibilitará a obtenção de bons rendimentos nos primeiros anos de cultivo. Um ensaio mais recente de plantio em renque, com café Mundo Novo, em comparação com o sistema usual de plantio, foi instalado na fazenda São Quirino em Campinas, visando esclarecer, além da questão da produção, o desenvolvimento e longevidade dos cafeeiros Mundo Novo plantados por este método. Neste ensaio o espaçamento entre linhas permaneceu fixo, de quatro metros, em vista da necessidade do cultivo com trator. A distância entre plantas nas linhas varia de dois, um e meio metro.

Pode-se imaginar, todavia, uma nova maneira de melhor aproveitamento da área e com possibilidades de se obterem, logo nos primeiros anos, colheitas bastante elevadas por unidade de área, sem comprometer a duração do futuro cafèzal. Trata-se de plantar cafeeiros entre as linhas da plantação definitiva e num espaçamento mais reduzido.

O espaçamento atualmente indicado para a instalação de um cafèzal nas terras velhas do Estado de São Paulo é de dois metros entre plantas nas linhas e três metros entre linhas. Quando se empregam tratores nas capinas do cafèzal definitivo, as ruas deverão ser mais largas, isto é, distanciadas de três e meio à quatro metros. Nestas condições, durante os primeiros anos, verifica-se que uma boa área de terreno fica livre. O aproveitamento dessas áreas poderá ser realizado com o plantio de uma linha de café em renque, à uma planta por cova, e distanciada de 0,50 m ou de um metro, uma da outra. Esta plantação extra, seria explorada apenas até a terceira produção, para ser, então, totalmente eliminada. Por esta ocasião, a plantação definitiva já deve ter tomado corpo, de modo a cobrir boa parte da área entre linhas. Dai por diante os tratos culturais poderão ser feitos mecanicamente, como já se havia planejado. Os cafeeiros intercalares provàvelmente não competirão com os definitivos.

Adotando-se, por exemplo, o espaçamento de quatro metros por dois metros para os cafeeiros definitivos, plantados a quatro pés por cova, serão necessárias 5.000 mudas para o plantio de um hectare. Empregando-se a distância de um metro entre plantas, na plantação intercalar temporária, haverá um acréscimo de 2.500 mudas em igual área. Nesta plantação a abertura das covas em sulcos feitos por subsoladores irá redúzir o custo da sua formação.

As produções das linhas extras de cafeeiros, somadas ás dos cafeeiros definitivos, contribuirão para um aumento do rendimento da área assim plantada, cobrindo, logo de início, as despesas com o excedente de mudas e sua respectiva adubação.

A adoção deste método poderia ser experimentada em uma área reduzida, tornando possível observações locais mais pormenorizadas sôbre o desenvolvimento da lavoura e sua produtividade.

(De "O Estado de S. Paulo", 5-12-56)

O plantio do café deve ser racionalizado desde o início: escolha do solo, do clima e da semente. O modo de plantio e o de alinhamento devem ser os mais indicados pela moderna técnica agronômica. Evitar as queimadas. Defender o solo contra a erosão. Adubar racionalmente. Irrigar, se possível. Colhêr e secar cuidadosamente. Com tôdas essas medidas ter-se-á boa média de produção, um café de qualidade, cafeeiros sadios e duráveis, solo sempre fértil, cafeicultura rendosa.

Os cafèzais pardos

Lauriston POUSA BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

Não se trata, como pode parecer, de uma nova doença ou praga do cafeeiro. É entretanto, coisa muito mais séria que uma simples infecção bacteriana ou do que mera infestação de novo inseto daninho... Formam essa enorme e sombria mancha cêrca de quinhentos milhões de cafeeiros, dispersos aqui e acolá, por todo este Estado essencialmente cafeeiro, por este São Paulo sempre destacado como o "verdadeiro habitat da rubiácea", cafeeiros que já não pagam mais, com sua pingue produção, sequer as despesas de trato rotineiro e de colheita. São talhões que chamavamos, há cinco anos atrás, de "decadentes" e hoje, com mais propriedade, de deficitários". E o são, de fato. Consoante dados divulgados pela Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura, as despesas de trato (simples trato de rotina, sem a adoção de muitas medidas técnicas de restauração) e de colheita, estão ficando, por mil cafeeiros, em mais ou menos Cr$ 13.000,00, em São Paulo. Nossa produção média, por mil pés, não passa de 9 sacas beneficiadas e a daqueles talhões da "mancha parda" não atingirá talvez 5 sacas, que ao preço de Cr$ 2.000,00 para o produtor mostra berrantemente onde está a ferida de nossa cafeicultura...

Esses talhões estão, por assim dizer, distribuidos na proporção de 30 a 40/ em todas as propriedades cafeeiras do Estado e de nada vale apontar as causas (bastante conhecidas) de sua decadência; o importante é evidenciar que eles só por si já dão prejuízo enorme e, mais do que isso, estão aí a consumir mão de obra e outros recursos que deviam se dirigir exclusivamente para os bons talhões, para aqueles que mereciam mais ampla recuperação, enquanto é tempo e enquanto podem aguentar com as despesas extras que essa recuperação envolve. Com a precária organização da maior parte de nossas fazendas (organização que há trinta anos era satisfatória, quando a terra era mais ou menos virgem), com o extorsivo preço dos fertilizantes e maquinária, com braços operários tão escassos, porém de péssima qualidade (selecionados negativamente por obra e graça do desenvolvimento artificial dos centros urbanos e pela inadevertência dos donos de terras em negar ao trabalhador agrícola condições de vida decente) e, sobretudo, com um financiamento oficial (o de custeio, pelo Banco do Brasil) primário e irracional, que estimula a quantidade de cafeeiros, sem se interessar pelo valor agrícola dos mesmos (quanto mais pés de café mais dinheiro...); Com uma política cafeeira a prazo de sorvete e uma sistematização cambial que evidentemente não pode agradar aos cafeicultores, aí estão os homens do café, em São Paulo, de mãos atadas, sendindo e espreitando a horrenda "mancha parda", porém sem nada fazer, sem nada poder fazer para eliminá-la, para destruí-la, para substituí-la, como é indispensá-

vel, por lavouras novas, formadas segundo os métodos modernos, altamente lucrativas e solução completa e definitiva para a crise, como o demonstrou a famosa "experiência de Campinas".

E o que é realmente importante é substituir os talhões deficitários, sem mais perda de tempo. A nosso ver, é esta a única saida decente para a crise agrícola em que nos metemos. Não se o fará contudo, como consequência da abolição do chamado "confisco cambial" do café. A história tem demonstrado que um preço muito bom, para o café, produz carros de passeio, produz apartamentos, produz piscinas — mas não produz lavouras agronômicas, racionais e não produz, igualmente, melhores condições de vida para o trabalhador rural, senão em têrmos e em algumas honrosas exceções. De outra parte, o "confisco" é um mal, criado pelos governos passados e mantido por este, porém acabou por tornar um "mal necessário". Não viverá o país dois anos sem o confisco do café. O que para muitos está errado, não é tanto o confisco, em si, mas a base exagerada e injusta, para a lavoura, em que é ele realizado. Uma abolição parcialíssima que fosse, no sentido de dar ao café, e especialmente ao café de qualidade, um melhor preço em cruzeiros, seria um começo de solução. Os atuais preços do café são indiscutìvelmente irrisórios.

Também não chegaremos a resultado prático algum se teimarmos em distribuir dinheiro à lavoura, dispersivamente como o vimos fazendo, sem contrôle e a prazo curto, estimulando a manutenção de cafeeiros decrépitos ou exaustos e (o que é pior) a formação desordenada de novas lavouras "de sementes" e "em quadrado", candidatas a precoce deficitarismo. E é isso que o primário sistema de crédito do Banco do Brasil está promovendo. Nem se pretenda que, com meia duzia de vibrantes recomendações técnicas ou com o isolado esfôrço dos agrônomos da Secretaría da Agricultura de São Paulo, vamos trazer nossa cafeicultura atualmente trôpega a um nível de produtividade condizente com os imperativos do mercado internacional do café. Nível de produtividade e, principalmente, de qualidade do produto. Isoladamente, dinheiro e assistência técnica pouco valem.

Congregados, todavia, resolverão cabalmente o problema dos extensos cafèzais decadentes e dos talhões deficitários. Não é outra coisa que vimos preconizando há mais de três anos, para a solução da crise agrícola do café: um financiamento racional, controlado *agronomicamente*. Em outras palavras, dar dinheiro ao cafeicultor, a longo prazo, mas superintender tècnicamente sua aplicação. Financiar com um fim certo e planejado, dentro de um esquema adrede estabelecido, que seria o de substituir, paulatinamente, por novas lavouras "de Campinas", os piores talhões de cada propriedade, na base de 1/5 por ano do total dos talhões escolhidos para serem eliminados. Amortização a partir do 6.º ano, para liquidação ao décimo ano do contrato. Tal sistema de crédito cumpriria a um só tempo dois papéis decisivos: 1.º) — Dar ao cafeicultor os recursos financeiros que necessita para se decidir a fazer coisa bem feita, em sua fazenda.

2.º — Fazer com que o cafeicultor faça "a marcha da produção" para a sua fazenda, por ver que o poder público, emprestando dinheiro a largo prazo, está realmente interessado no café.

Os recursos então economizados dos talhões fracos, seriam concentrados

na recuperação dos bons talhões, daqueles que ainda estão dando dinheiro ao lavrador. E as novas lavouras, após o terceiro ou quarto ano de vigência do sistema, passariam a ser a chave da solução da crise, sabido que tais lavouras produzem normalmente e sem oscilações 80 a 100 arrobas por mil pés, isto é, café a baixo custo de produção em área bem menor (cêrca da metade) possibilitando e induzindo mesmo a colheita da cereja, ao despolpamento, ao café fino que o mercado exige.

Para que o govêrno central se resolva a vir decididamente ao encontro das aspirações da lavoura, fornecendo dinheiro junto cóm técnica, de maneira organizada, é mister que os cafeicultores pensem e passem a agir em função de reivindicações agrícolas, que são as definitivas para sua sobrevivência, e não como vêm fazendo muitos voltados exclusivamente para reivindicações de "preços".

Parece mesmo que os CAFEEIROS PARDOS que sombreiam, qual um fantasma, o panorama paulista, encontrarão o combate que merecem: recentemente, duas vozes abalizadíssimas se colocaram a serviço de uma remodelação cafeeira, com base no financiamento agronômico: uma, a do ilustre presidente da Sociedade Rural Brasileira, sr. Pisa Sobrinho; outra a do deputado Pais de Barros Neto, sugerindo, "mutatis mutandi", o financiamento de substituição que vimos preconizando há três anos. Chame-se a esse combate homens como Carlos Whately, Dario Meireles, Borba de Morais, Giraldes Filho e tantos outros que formam aquele conjunto de tradicionais cafeicultores que sabem, melhor que ninguém, que a melhor defesa do lavrador é uma lavoura vigorosa, de alta produtividade.

(De "O Estado de São Paulo", 5-12-56)

A boa colheita e a boa secagem do café são as operações que, principalmente, influem na qualidade e no tipo. A variedade do café tem menor importância nêsse ponto, bem como o trato. O que principalmente importa para um bom tipo e uma boa qualidade são a colheita e a secagem.

Colheita no ponto, e feita no pano ou em cestas, é a mais recomendável. Secagem cuidadosa, impedindo umidade, fermentações, insolação demasiada. Catação rigorosa de todos os detritos. Boa separação na máquina de beneficiamento.

Eis alguns dos cuidados que lhe devem ser dispensados afim de que possamos vencer *pela qualidade.*

Há fatôres naturais que influem na produção dos *cafés de bebida.* Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto expontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

O QUE DIZEM, DE NOSSAS PUBLICAÇÕES, OS SEUS LEITORES

(Continuação)

.... Estamos interessados em receber de novo o importante Boletim da Superintendência dos Serviços do Café assim como conseguir números atrasados, dada a organização da nossa "Biblioteca do Café" e a grande utilidade dos referidos Boletins."

(Roberto Galeano y Somoza, bibliotecário, FEDERACIÓN CAFETALERA CENTRO AMERICA MEXICO-EL CARIBE)

.... "Tomamos a liberdade de pedir a V. S. o favor de nos beneficiar com a remessa dos Boletins da Superintendência dos Serviços do Café, que muito admiramos e estimamos."

(Werner Hollmann, Fazenda "CHIngúri", VILA NOVA, ANGOLA, ÁFRICA)

.... "Tive oportunidade de ler algumas publicações da Superintendência dos Serviços do Café, as quais muito me agradaram."

(José Luiz Andrielli, Pirassununga Estado de S. Paulo.

.... Valho-me da oportunidade para apresentar a V. S. os meus calorosos aplausos pelo magnífico trabalho que vem promovendo no campo da literatura técnica agronômica".

(Abílio Belo Pereira, Escola Superior de Agricultura de VIÇOSA, Minas Gerais)

.... "Cumpre-me agradecer sinceramente a remessa do Boletim, apresentando à Diretoria e colaboradores cumprimentos pela ótima apresentação e distribuição da matéria de interêsse coletivo."

((José Sebastião da Paixão Chefe de Subestação Experimental de POMBA Ministério da Agricultura)

.... "É com prazer que me dirijo a V. S. para comunicar meu novo endêreço, a fim de que eu possa continuar a receber sua publicação, a qual leio sempre com especial interêsse."

(Haroldo F. Artuso, Yatay, 238 BUENOS AIRES)

.... "Da mesma forma autorizamos essa revista, tão bem dirigida por V. S., a publicar o referido artigo, em separado."

(WALTER LAZZARINI, Instituto Brasileiro do Café, RIO DE JANEIRO)

.... "Sou agronômo. Trabalho como auxiliar na Estação Experimental de União dos Palmares. Desde meus tempos de estudante leio o Boletim da Superintendência dos Serviços do café, e tendo guardado muito artigos nêle publicados, de grande interêsse para mim."

(Geraldo Gomes de Barros, União dos Palmares, ALAGOAS)

.... "Dirigímo-nos a V. S. a fim de solicitar números da sua importante publicação "Boletim da Superintendência dos Serviços do Café."

(Sociedade Cooperativa Anonima de Cafeteros de Nicaragua, MANAGUA, C. A.)

.... "Apresento a V. S. os meus profundos agradecimentos pelo recebimento mensal da tão útil, agradável e preciosa revista, que é o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café."

(Osvaldo A. Marques, PIRACICABA, Estado de S. Paulo)

.... "O Boletim da Superintendência dos Serviços do Café é uma revista muito interessante, com informações ótimas e de grande proveito, ainda mais que sou agronômo regional e atendo a um municipio onde se planta café."

(Walfredo Stroberg, Caas Rural, SENGÉS, PARANÁ, BRASIL)

.... "Agradecendo a remessa dos Boletins, comunico a V. S. que desejo continuar recebendo tão útil publicação."

(Jac Benbassat SÃO PEDRO, S. PAULO-BRASIL)

.... "Foi com a máxima satisfação que recebi o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, e espero continuar recebendo, pois tem sido êle de grande valia na orientação e fornecimento de dados referente à produção do Café."

(Júlio Skalski, Agrônomo Regional, São Mateus do Sul, Estado do Paraná)

.... "Venho agradecer sinceramente a gentileza da anotação do meu nome, como pessoa interessada, para o fim de receber o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, solicitando a continuação da remessa dêsse excelente Boletim."

(Agr. Wilson Corrêa Ribas, chefe da Estação Experimental de São Roque, São Paulo, BRASIL)

... "Como agricultor, é para mim de inestimável valor o Boletim que traz em seu texto magníficos trabalhos de tanto interêsse para a nossa cafeicultura."

(João Aguiar, Jacarèzinho, PARANÁ)

... "Conhecedores que somos das atividades dessa Superintendência, principalmente no que concerne à divulgação de estudos e trabalhos agrícolas, entre os quais a meritória publicação do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, ocorreu-nos a lembrança de obter, por intermédio dêsse Departamento, os elementos de que necessitamos."

Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Escritório de Curitiba, PARANÁ

... "Pelo Boletim da Superintendência dos Serviços do Café tenho tomado conhecimento dos assuntos referentes à cultura do café, de grande interêsse dada a minha profissão de agrônomo."

(Ary Salibe, Rua Governador Pedro de Toledo, 1 775 PIRACICABA)

.... "É o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café de muito interêsse para mim e teria muitíssimo prazer em poder recebê-lo regularmente."

(Eduardo Diaz de Cossio, 5 de Mayo, 20-107-109, MEXICO, D. F.)

... "Agradeço-vos a valiosa colaboração enviando-me, mensalmente, o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, que me tem prestado bons esclarecimentos."

(José Lino Rifeiro Filho, Chefe da 8.ª Zona Agrícola em MURIAÉ, M. GERAIS)

... "Há vários dias, numa fazenda vizinha, encontrei o precioso Boletim da Superintendência dos Serviços do Café. Achei-o útil tanto na parte agrária como na comercial. Desejaria recebê-lo para que com seus esclarecimentos talvez possa eu tornar-me um bom produtor de café."

(Henrique M. Todo, Cornélio Procópio, PARANÁ)

... "Tenho dispensado aos Boletins dessa Superintendência tôda a minha atenção e, com o máximo prazer, posso afirmar que muito tenho aprendido."

(Alcides Vieira, Rua Firmino Sales, 565 LAVRAS, Minas Gerais)

... "Devido à excelência da publicação, que nos apresenta sempre assuntos de interêsse técnico, novos e permanentes, desejaria continuar a recebê-lo no meu novo enderêço."

(Luiz Rennó Chaves, Varginha, Minas Gerais)

... "Aproveito a oportunidade para comunicar que tenho recebido com regularidade o BOLETIM DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ, que me tem oferecido boas reportagens para os jornais de minha colaboração."

(Olavo Souto Vilaça REZENDE, Estado do Rio de Janeiro)

.... "Venho recebendo com regularidade o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, publicação sempre recebida com agrado por todos aquêles que, como eu, estudam e se dedicam à cultura cafeeira."

(Murido Paiva Carvalho, GAMALEIRA, Minas Gerais)

.... "Agradeço a gentileza da remessa dos Boletins dessa Superintendência, e espero que continuareis a trabalhar em prol do ideal que alimentamos para o melhoramento da cafeicultura em nossa terra."

(Augusto F. Sacramento 855, rua João Pinheiro, CAXAMBÚ, Minas Gerais)

.... "Venho recebendo o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, repositório de artigos de autoria de técnicos especializados, de indiscutível valor, e de dados estatísticos e comerciais de suma importância para a economia cafeeira."

(José Eurico Dias Martins, Presidente da Comissão de Planejamento da Produção, Cuiabá, Mato Grosso)

.... "Sendo principiante em cultura de café e tendo visto o Boletim dessa Superintendência, achei de muito interêsse os seus artigos dos quais se podem obter ótimos ensinamentos. Gostaria, assim, de fazer parte dos seus inúmeros leitores."

(Elísio da Silveira Paes, VILA MARIANO MACHADO, ANGOLA, ÁFRICA)

.... "Apreciei imensamente os trabalhos publicados nos Boletins da Superintendência dos Serviços do Café, e teria muito prazer poder continuar merecendo o recebimento de tão útil publicação."

(Otávio Gomes de M. Vasconcelos, Chefe da Secção Experimental de ITAPIREMA, PERNAMBUCO)

.... "Acusamos o recebimento do "Anuário Estatístico de 1953", cuja gentileza agradecemos. Como sempre, òtimamente apresentado, com amplas e minuciosas estatísticas sôbre o café no Brasil."

PINHO GUIMARÃES S. A., Rua do Comércio, 51, SANTOS

.... "Recebemos regularmente o Boletim dessa Superintendência. Trata-se de uma dádiva preciosa que veio enriquecer a nossa Biblioteca, a qual demos o melhor acolhimento."

Altamir Augusto Lopes, Diretor do Ensino (Associação dos Empregados do Comércio) RIO DE JANEIRO

.... "Tendo em vista os assuntos de suma importância, já divulgados nos Boletins anteriores, gostaria muitíssimo de receber alguns boletins já publicados, em especial, os correspondentes a êste ano, bem como algumas Separatas que encerram obras de real valor."

Gerson Higino de Albuquerque, Escola Naciaonal de Agronomia, RIO DE JANEIRO, D. F.

.... "Necessitando de dois exemplares do seu ótimo Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, venho socorrer-me dos seus bons ofícios junto à direção dêsse conceituado periódico, a fim de que possamos recebê-lo, se possível."

Ugo de Almeida Leme, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" PIRACICABA

.... "Recebi, e registro com prazer, treze separatas técnicas editadas pela Superintendência dos Serviços do Café. Quero e espero merecer sua distinção, incluindo-me entre os que podem auferir conhecimentos ditados pela Secção que o amigo com tanta proficiência"

Antônio Zannetti, Instituto Brasileiro do Café, CURITIBA, PARANÁ

.... "Venho recebendo por parte de V. S. o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café. Declaro-me satisfeitíssimo com esta revista, pois nela é encontrado tudo quanto é técnico, quanto é econômico, em se tratando da cultura do "ouro verde brasileiro."

José Silvério G. Valadares VIÇOSA, MINAS GERAIS

.... "Informamos V. S. que temos recebido regularmente o Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, obra por todos os títulos digna de elogio, pela maneira elucidativa como desenvolve todos os problemas ligados à agricultura, indústria e comércio do café."

Mota & Irmão, Rua São Julião, 23, 2.º, LISBÔA (Portugal)

(Continuará)

Aspectos econômicos

Sob o título "The Economist Intelligence Unit Report", a revista do "Coffee Board of Kenya" vol. 21 1956, acaba de fazer uma apreciação da cafeicultura em Kênia, Uganda e Tanganica e suas possibilidades em face da cafeicultura mundial.

A expansão da cafeicultura nessas três regiões deverá continuar nas próximas duas decadas. Assim Kênia, atualmente com produção de .. 12.000 toneladas de café arábica, passará a uma produção de 30.000 toneladas nestes próximos 20 anos, graças à melhoria dos cafèzais antigos e instalações de novas lavouras pelos nativos. Em Uganda, que produziu 25.000 toneladas em 1951 e cêrca de 50.000 em 1954, a produção esperada será de cêrca de 80.000 nos próximos 20 anos, quase todo de café Robusta. No território de Tanganica com produção de 15.000 toneladas, espera-se aumento em duas regiões. Na de Moshi, com 8.500 toneladas, não será aumentada senão para .... 11.000. A produção de Bukoba atualmente é de 6.000 toneladas de Robusta e 4.000 de arábica, e espera-se um aumento para 30.000 toneladas nos próximos 20 anos. Assim, calcula-se que as três regiões estarão produzindo 151.000 toneladas, ou seja, cêrca de 2.500.000 sacas nos próximos 20 anos.

De acôrdo com a opinião emitida nesse relatório, seria de se esperar um aumento de cêrca de 10% na produção mundial de café nestes próximos 10 anos. Embora o consumo dos E. U. A. tenha sofrido um decréscimo em 1954 em relação ao de 1953, no resto do mundo notou-se um ligeiro aumento. É de esperar que o consumo venha a aumentar nos próximos anos.

Ao que parece, não há duvida de que nos próximos 20 anos haverá consumo para as 50.000 toneladas de café Arábica e 100.000 de Robusta, a serem produzidos na África Ocidental Inglesa, desde que sejam preparados com esmero.

(De "O Estado de S. Paulo", 5-12-56)

O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

N.º 1 017 CARTA SEMANAL 4 de Janeiro de 1957

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

A despeito de certa preocupação quanto à alta dos preços e à restrição do crédito numerosos economistas acham que o atual volume de consumo continuará inalterável durante 1957. O Departamento de Comércio, na semana passada, informou que a maioria dos produtos continuava no mesmo nível de procura no mercado, fato que bem indica que o ano entrante vai ser, nêsse sentido, um ano recorde. O Secretário do Trabalho, por sua vez, acentuando que o ano de 1957 também pode registrar um período recorde quanto ao total do número de empregados e do poder aquisitivo do consumidor em geral, lembrou que a propensão para qualquer maior alta no custo de vida será "cuidadosamente observada". Com o elevado índice da renda individual e o total de empregados, que, atualmente atingem limites sem precedentes, e mais o planejado aumento da capacidade fabril industrial e de novos investimentos em várias indústrias, é de esperar que o consumo de todos os produtos continue em alta escala, como base natural para uma expansão econômica.

Em 1956, o consumo global nacional atingiu um valor aproximado de 267 bilhões de dólares, em mercadorias e serviços, ou sejam 10 bilhões a mais do que no ano anterior. E, até agora, não parece existir razão suficiente que justifique um declínio, nêste ano, no crescente volume que, dêsde 1939, vem se verificando no dispêndio do público consumidor. Um analista do Federal Reserve Bank declara que tudo leva a crêr que haverá um aumento de 5 por cento no dispêndio de consumo em 1957, sendo que, nêsse acréscimo, 1 por cento será atribuido à elevação nos preços. Espera-se também que as despesas governamentais sejam mais altas. Em mercadorias e serviços, os governos federal, estadual e municipal gastaram, em 1956, uns 80 bilhões de dólares, devendo alcançar um total de 85 bilhões em 1957. Quanto ao movimento crediário, pouco tem sido a sua expansão ultimamente, em virtude da elevada taxa de juros, que tem sido a mais alta dêsde 1930. Até o presente, nada se pode afirmar relativamente a alteração nêsse setor.

O ano de 1956 caracterizou-se por uma ascenção quase constante na escala geral dos preços, terminando assim o longo período de relativa estabilidade dominante no mercado, dêsde 1952 até 1955. O índice dos preços por atacado, recentemente publicado pelo Bureau of Labor Statistics revela-se, no momento, muito cêrca do índice recorde registrado em princípios de 1951, e parece ser razoável que um novo recorde nêsse sentido será observado em futuro próximo.

O maior fator que produziu, em 1956, a alta geral no mercado, foi a natural inversão dos papeis na tradicional tendência para manter em escala descendente o custo dos produtos da lavoura e dos produtos alimentícios. Nos

anos anteriores, quando prevalecia a estabilidade dos preços, foi a tendência baixista nos preços dos produtos agrários que compensou a alta nos preços de outros produtos, Parte da alta atualmente verificada pode ser atribuida à situação internacional causada pela questão do canal de Suez. Mas, tanto as perspectivas de perturbações da paz, como a paralização do tráfego no canal, podem vir a ser, em 1957, fatores de menor importância no custo geral dos produtos de consumo.

No Mercado de Valores, o seu encerramento verificou-se sob a mesma incerteza que prevaleceu no movimento das cotações durante tôdo o mês de dezembro. Sobretudo no setor das companhias siderúrgicas, o movimento de vendas foi fraco, depois de conhecida a decisão do govêrno relativamente a impostos que a indústria do aço considera como uma majoração. Nêste momento, parece que os compradores de títulos não encaram o ano de 1957 com o mesmo otimismo externado pelos economistas.

MERCADO DO CAFÉ

Tal como na semana passada, a Bôlsa do Café e Açúcar esteve fechada na segunda e têrça-feira, desta vez devido às festividades do Ano Novo. Ao reassumir as operações, na quarta-feira, o mercado abriu firme, com maior procura, tanto quanto a opções como a cafés físicos. Nêste último setor, notou-se a volta ao mercado de diversos torradores, cuja presença resultou na firmeza de preços para os vários tipos de café. Êsse movimento de compras já era esperado, porisso que os estoques de café em grãos estavam escasseando nos últimos meses. Em verdade, os estoques dos torradores e importadores no mercado americano acham-se atualmente mais baixos do que há um ano, e parece que agora os estoques líquidos nos países importadores em fins de 1956 revelarão um perda em vez de um ganho de 3 a 4 milhões de sacas conforme fôra antes antecipado por alguns analistas.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, último dia útil do ano findo, ambos os contratos mostraram atividade e firmesa. O Contrato B fechou com altas de 7 a 45 pontos e vendas de 222 lotes; o Contrato M cerrou com altas de 25 a 55 pontos, e com vendas de 110 lotes. Os preços de encerramento em ambos os contratos para as posições de março, maio e julho foram quase idênticos.

Na quarta-feira, a Bôlsa fechou irregular, com baixas de 30 pontos e alta de 1 ponto, e vendas de 190 lotes no Contrato B, e também irregular quanto ao Contrato M, que registrou baixas de 5 pontos, altas de 25 pontos, e vendas de 58 lotes.

Durante a semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou altas de 8 a 113 pontos, num total de 359 lotes vendidos, e o Contrato M rgistrou altas de 100 a 145 pontos num total de 233 lotes vendidos.

Outras notas: O Serviço de Agricultura Estrangeira do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos publicou em fins do mês passado um longo artigo sôbre a produção e as necessidades mundiais de café, tratando ainda mais a fundo o assunto do que o seu artigo anterior publicado na edição de 28 de novembro de 1956 da revista "Foreign Crops and Markets". Suas conclusões principais são as seguintes: Calcula em 36,5 milhões de sacas a produção

mundial do café exportável em 1956/57, em comparação com 43,5 milhões em 1955/56, e 33,8 milhões em 1954/55. A redução na produção de 56/57 se atribui principalmente ao declínio ocorrido na safra do Estado do Paraná, Brasil, conquanto também fôsse menor a safra do Estado de São Paulo e de outras áreas produtoras, devido a condições desfavoráveis do tempo.. Com algumas raras exceções, o restante das nações cafeeiras tem mantido ou aumentado o seu nível de produção nesta temporada. A cifra de 36,5 milhões de sacas calculada pelo Departamento de Agricultura como o total da produção mundial exportável, é mais elevada do que as estimativas geralmente feitas pelos países produtores e por numerosos elementos do comércio do café nos EE. UU. (de 32,5 a 34,5 milhões de sacas). O mesmo Departamento calcula ser de 32,7 a 35,7 milhões a necessidade mundial do café em 1956/57, sendo essas cifras também inferiores às estimadas por outras fontes. Tomando em consideração os dados preliminares referentes às importações em 1956, a redução antecipada nos estoques até o fim do ano, e o aumento ocorrido no consumo geral do produto, a procura mundial no ano agrícola de 1956/57 deveria aproximar-se mais da cifra de 36 a 37 milhões de sacas.

Mercado de físicos: A acentuada procura verificada nesta semana firmou os preços em todos os tipos do produto. O Santos 4 foi vendido a 60,50 cents e mais por lb., e os colombianos a 72,50 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu de inalterado a 5 pontos mais baixo, e o Contrato M abriu irregular, com baixas de 20 pontos e altas de 5 pontos A posição aberta era de 1.406 lotes no Contrato B e de 870 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos principais			
		U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	29-12-56	202,000	96,000	19,000	317,000
	22-12-56	279,000	169,000	11,000	459,000
	31-12-55	193,000	141,000	27,000	361,000
COLÔMBIA (")	29-12-56	68,036	28,765	2,723	99,524
	22-12-56	67,746	22,584	2,683	93,013
	31-12-55	77,478	41,058	1,575	120,111

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem			
	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
29-12-56				
22-12-56	91,158	313,782	214,562	619,502
31-12-55	132,637	110,081	172,932	415,650

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	29-12-56	22-12-56	31-12-55
BRASIL (*)	Santos	2,881,000	2,881,000	2,732,000
	Rio	692,000	714,000	895,000
	Vitória	238,000	274,000	63,000
	Paranaguá	1,082,000 (°)	1,171,000 (%)	2,386,000 (&)
	Pernambuco	6,000	15,000	23,000
	Bahia	24,000	31,000	22,000
	Angra dos Reis	58,000	61,000	68,000
	TOTAL	4,981,000	5,147,000	6,189,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	24,339	26,875	14,622
	Cartagena	26,858	24,608	51,574
	Buenaventura	87,656	91,276	73,346
	Cúcuta	29,595	29,618	120,335
	TOTAL	168,448	172,377	259,877

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 1,051,000 livre e 31,000 retidos.
(%) 1,087,000 livre e 84,000 retidos.
(&) 768,000 livre e 1,618,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do café: Em sua campanha nacional durante os meses de novembro e dezembro, o Bureau Pan-Americano do Café fez referência especial ao "Ponche de Café". É uma nova forma de servir o popular "punch" americano, tradicional nas festividades do Natal e Ano Bom. Para dar maior ênfase ao seu objetivo, o Bureau publicou um expressivo artigo acompanhado de atraente ilustração da bebida na sua "Carta Semanal do Café" que circulou amplamente entre as redatoras das páginas femininas dos jornais diários no país inteiro, e comentaristas do rádio e televisão. O artigo referia-se a duas receitas do ponche — uma com álcool, e outra sem álcool. Exemplo típico da publicidade resultante dessa iniciativa do Bureau, foi o artigo publicado pouco antes das festividades pelo ''New York Daily Mirror'', jornal cuja circulação excede a 875.000 leitores. Sob a epígrafe "Inovação numa velha tradição" aquele diário estampou a ilustração da bebida sugerida pelo Bureau, acentuando: "Algo deliciosamente novo para servir êste ano na sua bela poncheira de prata ou de cristal, é o irresistível ''Ponte de Café'', do qual lhe oferecemos não uma, mas duas receitas''. E dava em seguida duas receitas especialmente preparadas pelos técnicos do Bureau.

Êsse tópico é uma demonstração de como se pode introduzir no mercado novos métodos de consumir café, e de como os trabalhos de propaganda e publicidade do Bureau se suplementam e complementam entre si.

Análise da situação geral do café: Por considerar de interêsse para os nossos leitores, transcrevemos algumas apreciações a cêrca da situação geral do café, constantes da "Carta Circular do Café", editada pela firma Volkart Brothers Co., de Nova York:

"Ao analisar o mercado do café durante o ano findo, e aquilatar o movimento dos preços nos próximos meses, convém primeiro considerar que temos atravessado um período dos mais estáveis na história contemporânea do café, e também dos mais satisfatórios para os produtores. Os preços predominantes na maior parte do ano parecem ter sido justos e equitativos, devendo considerar-se igualmente satisfatório o apreciável aumento no consumo e importação mundial a um nível de preços geralmente mais elevado. O marcante aumento nos preços, verificado durante a primeira metade do ano findo, após a grande baixa que predominou em 1955, como consequência da debacle do verão de 1954, tendeu a manter-se com escassas variações através de tôdo o segundo semestre. Sòmente depois de saber-se realmente do volume das safras da América Central, com o seu movimento, em alguns casos, iniciado antes do costume, é que começaram os preços a enfraquecer. O Brasil, que iniciou o ano com um considerável remanescente da safra de 1955/56, e enfrentou também uma colheita substancialmente reduzida para 1956/57, de qualidade admitidamente inferior à usual, poude manter um preço básico médio de 0,56 cents FOB, dêsde junho, quando essa base foi alcançada, e, ao mesmo tempo, conseguiu aumentar materialmente as suas exportações. Não resta dúvida que, em fins de junho de 1957, os excedentes do café brasileiro serão muito mais reduzidos, em comparação com os existentes em junho de 1956. Demais, deve-se levar em conta que os 3,7 milhões de sacas compradas e retiradas do mercado pelo Instituto Brasileiro do Café estão se deteriorando ràpidamente, devendo ser, portanto, descontadas como um fator de importância no mercado. Tomando por base o movimento geral do mercado, e não obstante a momentânea debilidade demonstrada pelos cafés suaves, ao considerar-se as favoráveis estatísticas do consumo e também os váários esforços dos principais países produtores no sentido de uma estabilidade de preços, é difícil entrever qualquer série deterioração na estrutura dos preços durante os próximos meses. Os fatores que afetam o futuro mais imediato são a atual pressão centro-americana no mercado, e a espectativa de voltarem os torradores e distribuidores e refazer seus estoques, já certamente escassos devido a uma prolongada inercia, e enfrentando ainda três meses de considerável consumo. Outro ponto a lembrar é a possível recorrência da gréve portuária ameaçada para fevereiro próximo, quando termina o período conciliatório, mas sem haver, até agora, sinal algum de solução amigável. Quanto ao futuro mais distante, temos uma maior produção em perspectiva, especialmente do Brasil, sem nos esquecermos da safra intermediária colombiana, de maio, junho e julho, assim como da habitual quéda no consumo durante o verão. Finalmente, será a situação econômica das principais áreas consumidoras o maior fator a afetar o consumo. Nos Estados Unidos, proeminentes economistas esperam que as atuais atividades favoráveis continuem pela primeira parte de 1957, mas expressam dúvidas quanto a acontecimentos

posteriores. Na Europa, os recentes acontecimentos no Oriente Médio resultaram em severa escassez de petróleo, fato que, justamente com uma contínua ameaça de guerra, poderá perturbar mais tarde o progresso e a atividade econômica."

N.º 1 018 CARTA SEMANAL 11 de Janeiro de 1957

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

As notícias de várias fontes durante a semana última continuaram realçando os pronunciamentos otimistas dos líderes do comércio e da indústria relativamente à perspectiva econômica de 1957.

Grande parte da atenção geral parece centralizar-se nas possibilidades referentes à indústria automobilística e na de construção civil, dois importantes setores que revelaram um declínio nas suas atividades em 1956. Em conjunto, as previsões quanto à indústria de automóveis são da ordem de uma maior produção no ano que se inicia. Várias alterações no estilo dos carros, e novos melhoramentos mecânicos introduzidos nos modêlos de 1957, são de esperar que atraiam mais compradores, estimando-se que a produção passe para 6,5 milhões de unidades, em confronto com 5,8 milhões no ano passado. Êsse total seria ainda considerado bastante inferior ao de 8,0 milhões produzidos durante 1955.

Como, naturalmente, um prolongado declínio em novas construções poderia causar sérias repercussões políticas, espera-se que o Congresso passe alguma legislação no sentido de possibilitar maiores fundos a uma taxa de juros menor, sobretudo, no que se refere às construções de casas de baixo custo. Alguns analistas econômicos são de opinião que a estrutura na economia do país está bastante firme para suportar um maior declínio nas obras de construção civil de caráter popular, porisso que a diferença será suficientemente compensada pelas atividades noutros setores; mas o fato é que existem outras considerações que evidentemente sobrelevam a simples questão do equilíbrio econômico.

As inversões de capitais na expansão e re-equipamento industrial continuam marcando recordes, conquanto se aguarde a sua redução mais tarde, êste ano. Várias indústrias informam que a sua capacidade produtiva é suficiente para enfrentar qualquer maior procura de seus produtos, não havendo, porisso mais necessidade de cogitar de expandir os seus recursos atuais. Uma das maiores expansões, que se vai verificando em longo e ativo período de produção total, e sem alteração alguma em vista, é a que se refere aos pedidos acumulados de certos tipos de aço.

As despesas antecipadas dos governos federal, estadual e municipal, às quais já aludimos em carta anterior, serão um dos grandes suportes da economia, em 1957. A crescente tensão política que se registra, em outras áreas do mundo, irá induzir o govêrno a dispor de maiores fundos. O programa do Presidente Eisenhower, divulgado recentemente, referente à assistência econômica às nações do Oriente Médio, irá criar na economia, encargos adicionais que até agora não haviam sido tomados em consideração.

No que concerne ao custo de vida, várias têm sido as expressões de receio relativamente a aumento nos preços, redundando em maior pressão inflacionária. Nesta semana, registrou-se a comunicação de que dois itens básicos iriam ter seu preço acrescido: o óleo crú, de uma das maiores firmas petroleiras, teria o preço aumentado de 12 por cento, e o papel de jornal sofreria um aumento de quase 3 por cento.

No Mercado de Valores a situação manteve-se firme. As ações bancárias revelam-se em excelentes condições, segundo a demonstração nos relatórios de 1956. No setor do petróleo e dos seguros, a procura continuou em visível atividade.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana foi um período de preços mixtos no mercado a têrmo e de preços mais firmes no mercado de físicos. O volume no mercado a têrmo declinou sem revelar tendência definitiva em qualquer direção para as posições mensáis tanto no Contrato B como no Contrato M. No mercado de físicos, entretanto, é evidente que certa proporção dos torradores estão em atividade numa base de dia a dia, apenas para atender às suas necessidades imediatas. A perspectiva da greve dos estivadores entra novamente como um fator, porisso que os 90 dias do período conciliatório, imposto em virtude da Lei Taft-Hartley, findará no próximo dia 12 de fevereiro. Até êste momento, não há indício algum de se acharem as partes diretamente interessadas na controvérsia — portuários e operadores das dócas, mais perto de um acôrdo do que se achavam antes de começar o período conciliatório. Após três meses de reduzidas importações, de outubro até dezembro, é agora evidente que as importações de janeiro atingirão um total de 1.800.000 a 2 milhões de sacas.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira verificou-se um restrito movimento, que terminou com resultados mixtos. O Contrato B fechou com perdas de 9 a 25 pontos, em 110 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 25 pontos na posição de março, inalterado nas de maio, julho e setembro, e com declínio de 15 pontos na de dezembro. As vendas nêsse contrato foram de 66 lotes.

Na segunda-feira, os resultados foram similares aos de sexta-feira, mas com atividade mais reduzida. O Contrato B fechou novamente com perdas, desta vez, variando de 5 a 25 pontos, em vendas de 71 lotes. O Contrato M fechou com preços mixtos, variando dêsde uma perda de 10 pontos, até altas de 5 pontos, com dois meses inalterados, e volume de vendas reduzidos a apenas 32 lotes.

Na têrça-feira, continuou restrita a atividade; o Contrato B fechou com altas de 2 a 7 pontos, e posição de dois meses inalterada. O Contrato M revelou altas na posição de todos os meses, variando de 5 a 35 pontos. Os respectivos volumes de vendas foram de 97 a 61 lotes (250 sacas para cada um).

Na quarta-feira, os preços mostraram-se mais firmes na posição de todos os meses. O Contrato B alcançou altas de 13 a 29 pontos, em 65 lotes vendidos. O Contrato M continuou em suas reduzidas altas do dia anterior, desta vez, de 15 a 22 pontos, em 48 lotes vendidos.

Ontem, quinta- feira, o Contrato B fechou com altas de 7 a 39 pontos, em 127 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 13 pontos e altas de 16 pontos, em 51 lotes vendidos.

Durante a semana ora em revista, o Contrato B fechou com baixas de 14 pontos e altas de 34 pontos, em 470 lotes vendidos. o Contrato M fechou com altas de 12 a 80 pontos, em 258 lotes vendidos.

Mercado de físicos: As compras intermitentes realizadas por alguns torradores causaram ligeiras mas firmes altas no mercado de físicos. Os cafés tipos suaves, particularmente, revelaram-se mias firmes esta semana. O Santos 4, na quinta-feira foram cotados a 60,50 cents, e os colombianos a 73,50 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 11 a 30 pontos, e o Contrato M com baixas de 19 pontos e altas de 10 pontos. A posição aberta era de 1.396 lotes no Contrato B, em confronto com 1.406 lotes na semana passada; a posição no Contrato M era de 858 lotes, em confronto com 870 lotes na sexta-feira última pela manhã.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais*			
		U. S. A.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	5-1-57	182,000	106,000	2,000	290,000
	29-12-56	202,000	96,000	19,000	137,000
	7-1-56	136,000	51,000	33,000	220,000
COLÔMBIA (")	5-1-57	77,953	14,000	2,392	94,345
	29-12-56	68,036	28,765	2,723	99,524
	7-1-56	75,915	6,851	4,055	86,821

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem*			
	BRASIL	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
5-1-57				
29-12-56	83,911	322,353	219,824	626,088
7-1-56	130,207	108,779	175,397	414,383

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 5-1-57		29,12-56		7-1-56	
BRASIL (*)	Santos	2,910,000		2,881,000		2,761,000	
	Rio	698,000		692,000		865,000	
	Vitória	261,000		238,000		49,000	
	Paranaguá	1,035,000	(°)	1,082,000	(%)	2,388,000	(&)
	Pernambuco	10,000		6,000		18,000	
	Bahia	24,000		24,000		21,000	
	Angra dos Reis	56,000		58,000		67,000	
	TOTAL	4,994,000		4,981,000		6,169,000	

COLÔMBIA (")	Barranquilla	23,008	24,339	20,830
	Cartagena	33,126	26,858	47,743
	Buenaventura	73,126	87,656	61,753
	Cúcuta	29,372	29,595	116,677
	TOTAL	158,632	168,448	247,003

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(o) 1,002,000 livre e 33,000 retidos.
(%) 1,051,000 livre e 31,000 retidos.
(&) 796,000 livre e 1,592,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do café: Não resta dúvida que um dos meios mais práticos de interessar o público em consumir mais café, e apreciá-lo com maior conhecimento do produto, é informar o consumidor acêrca das diversas maneiras de preparar a rubiácea. Porisso, uma das fases mais ativas da propaganda que o Bureau Pan-Americano do Café faz tanto nos Estados Unidos como no Canadá, consiste precisamente em divulgar êsse gênero de informação.

Pouco antes da temporada do Natal, em sua edição dominical, o "New York Times" publicou um interessante artigo devidamente ilustrado, em duas páginas do seu suplemento, alongando-se nos dados que, sôbre o assunto, lhe fornecêra o Bureau Pan-Americano. O artigo, sob a epígrafe "Preparo de um cafèzinho", dizia, em parte:

"A satisfação que tantos dentre nós sentimos ao tomar um café, se intensifica durante esta temporada de Festas, quando, depois de saborear os suculentos pratos próprios das comemorações, parece-nos que uma fumegante e deliciosa "demi-tasse" de café é exatamente aquilo que nos receitou o médico. E êsse ''diamante negro'', que corôa regiamete a sobremesa, e, em verdade, todo um banquete, está ao alcance de tôda casa que conte com alguém que saiba preparar com maestria essa tradicional bebida."

E o artigo prossegue referindo-se ao Bureau, e aludindo às suas receitas para o bom preparo do café, reproduzindo oito bastante ilustrativas de diferentes maneiras de alcançar o mágno objetivo, sendo que algumas receitas são transcritas do popular livreto editado pelo Bureau sob o título "Fun with Coffee". O Bureau, naturalmente, preparou uma especialmente destinada à apreciação do "New York Times", cuja circulação dominical atinge a mais de 1 milhão de exemplares com leitores no país inteiro..

O café e as máquinas automáticas: Em sua edição de 14 de dezembro último, o diário "Wall Street Journal", de Nova York, elucida sôbre a crescente popularidade das máquinas de vendas automáticas, e aqui transcrevemos alguns tópicos da interessante notícia:

"Calcula-se que, êste ano, o valor das vendas feitas "automàticamente" atingirá, nos Estados Unidos, à soma recorde de 1 bilhão e 900 milhões de dólares. Os fabricantes dessas máquinas, bem como os comerciantes que as utilizam para a venda de enorme variedade de bebidas e produtos alimentícios,

acham que essa verdadeira "mina" comercial está apenas começando a render. Um novo campo para essas máquinas é o referente a alimentos e bebidas quentes, até agora ainda não exploradas em grande escala.

Na exposição dêste ano, da National Automatic Merchandising Association, de Chicago, foram exibidos 14 novos modêlos de máquinas automáticas para produtos quentes, em comparação com apenas 2 existentes no ano anterior. Foram também expostas 25 máquinas para o café preparado, em confronto com 13 em 1955.

A venda do café por êsse meio moderno acha-se na vanguarda dos demais produtos quentes. E assim se expressa, nêsse sentido, o Sr. Lloyd Rudd, presidente da firma Rudd-Melikian: "Até agora, só alcançamos 10% do nosso mercado potencial nos Estados Unidos. O café é uma bebida mais popular que os refrescos, mas atualmente existem mais de 800.000 máquinas automaticas para refrescos, contra apenas umas 50.000 para o café."

É possível que os consumidores de café através dessas máquinas se vejam beneficiados com uma novidade: em vez de contarem apenas com o café preparado com o tipo solúvel, muitas das novas máquinas produzem o café pelo sistema clássico de torração, e preparado na hora.

As máquinas automáticas de vender café, que nem existiam há 7 anos, penetraram num campo de atividade atualmente que rendeu, nêste ano, 109 milhões de dólares."

N.º 1 019 CARTA SEMANAL 18 de Janeiro de 1957

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

O Presidente Eisenhower apresentou ao Congresso, esta semana, a sua mensagem anual, na qual acentuou que a nação se "encontra num auge de prosperidade econômica sem precedentes." Mas, em seu otimismo, lembrava a conveniência de se harmonizarem os elementos do comércio e indústria, e do trabalho, para continuarem alertas contra os excessos inflacionários. Pedia aos homens de negócios que evitassem a ascenção nos preços, e aos trabalhistas, que mantivessem os pedidos de aumentos salariais em proporção com a melhoria na produtividade.

Entretanto, as circunstâncias existentes forçam a indagações diretamente ligadas ao momento econômico: Até quando continuará o presente auge de prosperidade? As tendências inflacionárias, agora evidentes, serão contidas? Que fará o govêrno quanto à restrita situação da moeda, que é um reflexo do esfôrço para manter os preços sob contrôle, através do próprio contrôle da moeda e do crédito? De um modo geral, pouco há quem indique que o auge já ultrapassou o seu limite. De acôrdo como o Federal Reserve Board, o índice de produção industrial, alcançou, no mês passado, um recorde de 147 por cento da média de 1947-49. A situação atual é promissora, a despeito de certa fraquesa no setor das construções civis, e do fato de a indústria automobilista não haver revelado a esperada expansão nas vendas. O total do número de empregados, entretanto, está novamente atingindo cifras elevadas, permanecendo

por volta de 65 milhões. Em geral, os salários também revelam uma notável ascendência, sendo a média da mão de obra industrial, de $2.05 por hora, e 84.85 por semana. Na lavoura, em Dezembro, verificou-se a maior redução nos emprêgos para êsse mês, na última década, fato que é mais uma indicação da contínua evasão do braço agrícola para as áreas urbanas.

Os Estados Unidos dispõem agora de $1.9 bilhões em moeda estrangeira, acumulados pelas vendas dos seus produtos excedentes agrícolas em vários países. Mais de 55 por cento dêsse total tem sido devolvido aos países compradores, em forma de empréstimos. Aquele total representa quase 3 bilhões de dólares, pagos pelo govêrno americano, de acôrdo com a Lei N.º 480, por produtos da lavoura então garantidos sob o sistema de valorização. A diferença nas cifras representa a importância paga pelo govêrno ao encapar os produtos, e a importância que foi possível alcançar no mercado mundial. Até 31 de Dezembro de 1956, as vendas haviam se extendido a 36 nações, sendo que as de maior volume foram as efetuadas com a Índia e o Brasil.

Apesar de terem sido os lucros geralmente elevados, em 1956, a sua média declinou consideràvelmente. Na indústria, o lucro por dólar, nas vendas, foi de 4,9% em confronto com 5,4% em 1955. O aumento no volume de vendas compensou a diminuição da margem de lucros e explica o alcance total. O nível atual do índice do Federal Reserve de produção industrial, de par com as condições do crédito nêste momento, indicam que será difícil expandir o volume total de vendas, dos altos níveis em que se encontra. Mas isso ainda está para ser confirmado pelos fatos. Não obstante, alguns economistas são de opinião que a indústria deve alargar a sua margem de lucro e reduzir o curso de produção, por meio de uma maior eficiência nas operações.

No Mercado de Valores, a atividade manteve-se esta semana sem destaque algum. O interêsse dos compradores mostrou-se novamente inclinado a seleções, e as flutuações nos preços foram geralmente pequenas. Julgava-se que, uma vez afastada a pressão verificada, no mês passado, da taxa sôbre vendas, muitas as ações no setor da borracha, automóveis e produtos químicos, por exemplo, ações industriais e de petróleo começariam a subir novamente. Mas, até agora, continuam em baixa média.

MERCADO DO CAFÉ

Os torradores começaram o ano demonstrando um visível interêsse no mercado do café, conquanto o volume das transações ainda permaneça em escala moderada. Quanto aos físicos, os preços têm se mantido firmes. No mercado a têrmo verificou-se firmeza no começo da semana, e, na maioria dos contratos, novas altas, próprias da temporada, foram assinaladas. Em fins da semana, contudo, houve certa reversão na tendência altista do mercado. A firmeza notada ao iniciar a semana foi atribuida, em parte, à divulgação da notícia de haver o Banco do Brasil estabelecido novas bases quanto ao financiamento aos cafeicultores, com aumentos de 100 a 200 cruzeiros por saca. Apesar de terem essas bases sido anunciadas há um mês, em vários circulos do comércio do café considera-se a medida como fortalecedora, nos contratos a têrmo.

A safra mexicana: Em declaração à imprensa, o sr. Miguel Angel Cordero, Presidente da Comissão Nacional Mexicana do Café, declarou que a presente safra do México atingiria total recorde de 1.754.000 sacas. Como o consumo interno mexicano é de quase 250.000 sacas, tem-se que ficarão.... 1.500.000 para o mercado de exportação. Ao preço corrente de 63.50 cents por libra, o Sr. Cordeiro calculou ser a renda em moeda estrangeira, da safra de 1956/57, de 120 milhões de dólares. O café é atualmente o segundo maior ítem de exportação, e espera-se que ganhe em importância, a medida que novos plantios comecem a produzir, e o uso de fertilizantes seja feito em escala mais ampla. A safra em questão confronta com o total de 1.600.000 sacas da safra de 1954/55, e de 1.400.000 da safra de 1955/56. Embora sejam os Estados Unidos ainda o maior comprador do café mexicano, a Europa está importando maiores quantidades, e a Ásia é agora considerada como um bom mercado potencial.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o Contrato B esteve forte, com altas de 35 a 56 pontos, em 212 lotes vendidos. O Contrato M esteve irregular, fechando com baixas de 10 pontos, e altas de 55 pontos, em 58 lotes vendidos.

Na segunda-feira, o mercado esteve geralmente alto, e a maioria das posições atingiram altas próprias da temporada, durante o correr do dia. O Contrato B teve altas de 10 a 45 pontos. O Contrato M fechou com altas de 25 a 35 pontos. O volume das vendas foi de 161 lotes no Contrato B, e de 41 no Contrato M.

Na têrça-feira, o Contrato B revelou mais fraqueza, e fechou com altas de 5 pontos e baixas de 20 pontos, e o Contrato M continuou firme, fechando com altas de 19 a 35 pontos. Foram vendidos 59 lotes do Contrato B, e 43 do Contrato M.

Na quarta-feira, os cafés a têrmo declinaram, e o Contrato B perdeu de 50 a 65 pontos, e o Contrato M fechou com baixas de 5 a 40 pontos. As transações montaram a 106 lotes vendidos no Contrato B, e 82 no Contrato M.

Ontem, quinta-feira, o Contrato M fechou com baixas de 45 a 74 pontos, em 132 lotes vendidos, e o Contrato B cerrou o dia com baixas de 5 a 41 pontos, em 120 lotes vendidos.

No curso da semana ora em revista, o Contrato M fechou com altas de 3 pontos e baixas de 42 pontos, num total de 356 lotes vendidos. O Contrato B fechou com altas de 21 pontos e baixas de 43, em 658 lotes vendidos.

Relatório anual da Bôlsa: No relatório anual da Bôlsa do Café e Açúcar de Nova York, referente ao ano passado, verifica-se que as transações de café durante 1956 montaram a 59,975 lotes, ou quase 15 milhões de sacas, contra 67.304 contratos (16.800.000 sacas) vendidas em 1955. O movimento de transações em 1955 foi o mais alto em 42 anos. O primeiro ano de vendas para o Contrato M resultou num total de 5.500.000 sacas. Esse contrato tem demonstrado ser de especial vantagem para a indústria.

Mercado de físicos: Os preços estiveram firmes, notando-se o aumento quanto ao interêsse dos torradores. O volume de negócios foi de moderado a ativo. Na quinta-feira o Santos 4 foi cotado a cents, e o colombiano a cents.

Última hora: Esta manhã o Contrato B abriu com baixas de 10 a 15 pontos, e o Contrato M com baixas de 31 a 38 pontos. A posição aberta era de 1,387 lotes no Contrato B e de 934 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais* *U. S. A.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	1-12-57	220,000	71,000	10,000	301,000
	1-5-57	182,000	106,000	2,000	390,000
	14-1-56	143,000	156,000	6,000	305,000
COLÔMBIA (*)	1-12-57	86,682	9,881	4,575	101,138
	1-5-57	77,953	14,000	2,392	94,345
	14-1-56	63,942	21,025	817	85,784
	Data mensal:				
BRASIL (*)	Dez. 1956 (&)	898,000	621,000	65,000	1,584,000
	Novembro 1956	700,000	566,000	60,000	1,326,000
	Dezembro 1955	657,000	384,000	85,000	1,126,000
COLÔMBIA (")	Dezembro 1956	331,406	93,042	15,852	440,300
	Novembro 1956	290,060	40,185	11,967	342,212
	Dezembro 1955	426,322	96,815	18,897	542,034

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem* *BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
1-12-57				
11-5-57	78,678	325,337	226,395	630,410
14-1-56	108,273	105,694	171,852	385,819

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 1-12-57	1-5-57	14-1-56
BRASIL (*)	Santos	2,905,000	2,910,000	2,776,000
	Rio	712,000	698,000	853,000
	Vitória	261,000	261,000	89,000
	Paranaguá	1,008,000 (º)	1,035,000 (%)	2,371,000 (")
	Pernambuco	9,000	10,000	16,000
	Bahia	28,000	24,000	20,000
	Angra dos Reis	58,000	56,000	65,000
	TOTAL	4,981,000	4,994,000	6,190,000

COLÔMBIA ('')	Barraquilla	18,898	23,008	17,620
	Cartagena	32,699	33,126	53,184
	Buenaventura	56,504	73,126	77,693
	Cúcuta	28,392	29,372	113,685
	TOTAL	136,493	158,632	262,182

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
('') Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(&) Data preliminar.
(o) 996,00 livre e 12,000 retidos.
(%) 1,002,000 livre e 33,000 retidos.
('') 771,000 livre e 1,600,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do café: a fim de focalizar a atenção do público no fato de ser o café um fator de grande utilidade prática na redução de acidentes nas rodovias, o Bureau Pan-Americano do Café, através do seu Instituto de Preparo do Café, está fazendo proceder a estudos e pesquisas científicas sôbre a eficácia do produto no combate à fadiga e aos efeitos resultantes do álcool.

O Dr. Leon Greenberg, da Universidade de Yale, e uma das maiores autoridades no campo da fisiologia aplicada, está atualmente se dedicando a êsses estudos, e, segundo os dados preliminares já obtidos por êle, verifica-se que o café atúa favoràvelmente contra certos efeitos danosos do álcool sôbre o organismo humano. O Bureau comunicou êsse fato ao diretor científico da United Press, que, por sua vez, preparou um interessante artigo sôbre o assunto, publicado em centenas de jornais diários em todo o país, precisamente antes da temporada do Natal e Ano Bom. Êsse autorizado artigo, divulgando os esclarecimentos científicos de um reconhecido técnico, constituiu uma valiosa publicidade para o café, e, ao mesmo tempo, um inestimável apôio jornalístico ao programa de ''segurança nas rodovias'' promovido pelo Bureau sob o lema: "Fique alerta, fique vivo, tome café quando guiar", campanha que estava então obtendo ampla publicidade em todo o território dos Estados Unidos.

O artigo, difundido pela United Press, tinha a epígrafe — "O café ajuda a guiar com mais segurança". E entre outras coisas, dizia:

"Sugere um cientista especializado no estudo dos efeitos do álcool sôbre o organismo humano, que, quando, depois de uma festa, temos de dirigir um automóvel de volta à casa, é melhor fazer do último gole, uma xícara de café Trata-se do professor Dr. Leon Greenberg, da Universidade de Yale, que, em suas experiências já demonstrou que duas xícaras de café fazem que um motorista possa guiar com maior segurança um carro, depois de haver tomado dois ou três "drinks" a mais.

Não alude êle a um ébrio, porque a êste, nem o café nem qualquer outra bebida o remediará. Mas convém lembrar que não são os verdadeiros ébrios aqueles que ocasionam acidentes nas rodovias durante a temporada de Festas e Ano Bom, mas principalmente aqueles sob a influência de um ou dois goles além do limite.

O Dr. Greenberg está pesquisando sôbre até que ponto pode o álcool perturbar as funções físicas que nos permitem guiar normalmente um automóvel — o tempo de reação, a visão lateral e a fusão visual, assim como até onde é possível estancar tais perturbações.

A fusão visual é a ação do cérebro reunindo as imagens captadas pelos olhos, separadamente, e fundindo-as numa só. É assim que o cérebro pode avaliar as distâncias, instantâneamente, e com absoluta precisão. O Dr. Greenberg acentúa que tal função não se verifica numa pessôa embriagada, daí resultando a visão dupla. Conforme verificações realizadas no seu laboratório, conclui-se que, numa pessôa normal, a fusão se realiza em 5 centésimos de segundo, após haverem ambos os olhos focalizados um objeto. Verifica-se também que três "drinks" aumentam o tempo de focalização de 1½ segundo, e que nêsse tempo, um veículo correndo a 50 milhas por hora, avança 30 metros. Suas experiências provam que depois de ingerir três xícaras de café, o tempo de fusão em pessoas que hajam sorvido três "drinks" alcoolicos, se reduz novamente para 7,8 ou 9 centésimos de segundo, isto é, quase o tempo normal.

As pesquisas por êle feita sôbre o problema álcool-café, ainda não adiantam o suficente para dar medidas mais concretas; visam apenas indicar até agora, que o café também serve para restaurar a visão lateral, reduzida pelos efeitos do álcool. Segundo suas observações, mesmo após um só trago, o campo visual se estreita, e não preciso que uma pessôa fique em completo estado de intoxicação para perder a acuracidade da visão lateral. Seus estudos também revelam que o café acelera o tempo de reação perturbado pelo álcool. As investigações do Dr. Greenberg deverão ser publicadas na íntegra como relatório científico, logo que estiverem concluidas.

Os resultados preliminares foram por êle dados à publicidade apenas com o objetivo de prestar um serviço especial a tôdos quantos se vêem na necessidade de guiar automóvel, depois de, despreocupadamente, sorver alguns tragos de bebidas intoxicantes. Contudo, vale lembrar que o corretivo "café", não deve animar ninguém a contar arbitrariamente com êsse recurso — nem justifica a imprudência dos excessos.

"Qualquer pessôa que demonstre uma desordem total em sua maneira de proceder, está intoxicada, e deve ser tratada como tal", afirma o professor Greenberg.

N.º 1 020 — CARTA SEMANAL — 25 de Janeiro de 1957

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Surgem novos rumores sôbre uma possível atuação do Federal Reserve Board no sentido de reforçar a sua restritiva política creditícia, através de mais um aumento na taxa de juros. Consoante as expressões de membros daquela entidade, recentemente, conclue-se haver certa preocupação relativamente a uma tendência ascendente na escala dos preços; e que as características inflacionárias têm se alastrado suficientemente para não deixar dúvida quanto à presença das fôrças que estão impulsionando a espiral naquele sentido. O

rápido crescimento da produção e do número de empregados ocorrido nos últimos dezoito meses, tem ocasionado a alta nos preços de uma vasta variedade de produtos de consumo, verificando-se também a intensificação dos pedidos para maiores salários. O crescente aumento no custo material e da mão-de-obra não pode mais ser absorvido pelos produtores e distribuidores, passando agora às mãos do consumidor. O custo de vida tem subido consideràvelmente nêstes últimos meses, à medida que o custo de produção vai se refletindo no custo de venda. Por sua vez, o custo ascendente dos artigos e serviços de primeira necessidade vai resultando na urgência de salários mais altos, ativando assim, e sensìvelmente, a espiral inflacionária.

Por outro lado, alguns analistas abalizados julgam que o presente surto econômico já alcançou a maturidade, e, que, atingido o ponto máximo, é de esperar a conclusão do cíclo habitual. Nêsse caso, recomendam o maior cuidado na aplicação dos contrôles monetários, de maneira a sustar qualquer participação na contração das atividades nos negócios. Por essa razão, já se tornaram evidentes certas atitudes de precaução nos centros financeiros, e, particularmente, entre os interessados nas atividades no mercado de valores. Muitos são os que estão se retraindo e consolidando suas posições, em face de uma possível moderação nas atividades econômicas, conforme o comentário de proeminentes homens de negócios.

Na indústria siderúrgica, os fornos têm estado pràticamente em operação total há vários meses, e, de acôrdo com previsões anteriores, essa atividade continuaria pelo menos até meados do ano; mas, há duas semanas que se vem notando certa redução nos pedidos de importantes indústrias consumidoras de aço, e, porisso, é natural que os centros siderúrgicos tenham de diminuir a atividade um pouco antes do que se antecipava. Como um fator maior, é a retração observada na indústria de automóveis, que, geralmente, absorve um quinto da produção total do aço. O fato de se haver antecipado que a siderurgia seria um dos principais esteios do corrente surto econômico, transformou-se agora em incerteza, em face dêsses acontecimentos. E atribue-se a êsse desapontamento o declínio verificado recentemente nas transações de venda dos títulos de aço na Bôlsa de Valores.

As exportações dos Estados Unidos para a América Latina, em 1956, subiram para $3,72 bilhões, quase alcançando o volume recorde de $3,74 bilhões de 1951. Os embarques do trigo subsidiado devem contribuir, em 1957, para elevar ainda mais a cifra total. Os mercados latino-americanos têm aumentado a sua importação de um visto número de produtos industriais dos Estados Unidos. Os investimentos particulares norte-americanos nos países ao sul montaram a $199 bilhões durante o primeiro semestre de 1956, em confronto com $155 milhões em idêntico período de 1955. Os dados estatísticos indicam que as firmas americanas, em geral, melhoraram a sua posição de concorrentes nos mercados latino-americanos. Em 1956, as exportações europeias para essa área estiveram um pouco abaixo do movimento de 1955. O México manteve-se como o principal freguês dos Estados Unidos, com suas compras durante os primeiros nove meses acima 15% em comparação com 1955. Vieram em seguida Venezuela, Cuba, Colômbia e Brasil, êste revelando um aumento de 20 por cento.

No Mercado de Valores notou-se uma contínua propensão baixista nas ações em geral. Aço e automóveis foram as indústrias cujos títulos se mostraram mais fracos, em face da inversão das estimativas otimisticas feitas semanas

antes. Por tudo isso, predomina no mercado uma atmosfera de hesitação, no sentido de se ver em que param as modas

MERCADO DO CAFÉ

O mercado do café em Nova York parece estar indeciso esta semana, quanto ao prognóstico de vários informes relativos ao café. Já em meados da semana, a firma Atlantic & Pacific, o mais importante dos grupos de armazéns associados nos Estados Unidos, anunciava uma redução de 4 cents por libra nas suas diferentes marcas de café. Alguns torradores seguiram o exemplo, reduzindo seus preços. E, de acôrdo com um reputado órgão da imprensa financista, essa redução de 4 cents por libra no café torrado e moido, ''atinge em cheio a crescente popularidade dos cafés mais baratos solúveis".

Enquanto isso, a situação da esperada greve dos portuários continua pràticamente na mesma do ano passado. E até consta que as recentes nègociações para um ansiado acôrdo fracassaram completamente; de sorte que, ao fim do período conciliatório impôsto pelo govêrno, isto é, no dia 12 de Fevereiro próximo, a greve poderá vir a ser uma séria possibilidade.

Consta que a Federal Trade Comission tem estado investigando as atividades na indústria do café no mercado norte-americano, e procura determinar as causas da alta do café a varejo ocorrida em 1956. Esta semana, na Câmara dos Representantes, foi apresentado um projeto de lei estabelecendo a regulação das transações do café a têrmo. Se tal projeto se transformar em lei, a Bôlsa do Café e Açúcar de Nova York talvez fique sujeita às determinações da Commodity Exchange Authority, tal como acontece com várias outras bôlsas de produtos alimentícios.

Enquanto que vários torradores diminuiram suas compras durante esta semana, em comparação com as atividades das semanas anteriores, torna-se evidente que as importações e as torrações de café durante o mês de janeiro, que o volume dos estoques de café em grão, êste mês, mostre muita diferença alcançarão um total de quase 2 milhões de sacas. Porisso, não é de esperar do baixo nível de mais de 2 milhões verificado em fins de 1956.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o mercado reagiu contra as perdas verificadas na semana anterior, revelando avanços apreciáveis na maioria das posições, com as atividades, em sua maioria, concentradas no Contrato M. O Contrato B encerrou o dia com altas de 25 a 45 pontos, em 74 lotes vendidos. As variações no Contrato M foram dêste 1 mês inalterado, até altas de 4 a 42 pontos, em 107 lotes vendidos.

Na segunda-feira, a atividade diminuiu, e tôdas as posições acusaram perdas para o dia. O Contrato B fechou com baixas de 1 a 10 pontos, em 47 lotes vendidos, e o Contrato M declinou mais acentuadamente, com baixas de 15 a 60 pontos, em 66 lotes vendidos.

Na têrça-feira, a atividade no Contrato M continuou em declínio, com apenas 25 lotes vendidos. Os preços no Contrato M, durante essas escassas transações, mantiveram-se, entretanto, firmes, com altas de 9 a 25 pontos. O Contrato B teve preços mixtos, variando dêsde baixas de 25 pontos até a altas de 6 pontos, em 74 lotes vendidos.

Na quarta-feira, o Contrato B decresceu de 1 a 30 pontos, em 75 lotes vendidos. O Contrato M também declinou de 35 a 60 pontos, em 83 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 11 pontos e baixas de 6 pontos, em 59 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 10 a 25 pontos,em 63 lotes vendidos.

No decurso da semana ora em revista, o Contrato B fechou com altas de 20 pontos e baixas de 12 pontos, em 329 lotes vendidos. O Contrato M fechou a semana com perdas de 50 a 96 pontos, em 344 lotes vendidos.

Registrou-se esta semana uma notável abstenção de numerosos torradores nas atividades dêste mercado, como que aguardando melhores indicações quanto à marcha dos acontecimentos. Os preços mantiveram-se bàsicamente inalterados. Na quinta-feira, o Santos 4 foi cotado a 60.75 cents, o colombiano a 82,25 cents.

Última hora: Esta manhã o Contrato B abriu com baixas de 5 a 19 pontos, e de 10 a 20 pontos no Contrato M. A posição aberta era de 1.388 lotes no Contrato B, e de 915 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais* U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	19-1-57	137,000	104,000	36,000	277,000
	12-1-57	220,000	71,000	10,000	301,000
	21-1-56	209,000	36,000	10,000	255,000
COLÔMBIA (")	19-1-57	98,204	8,386	3,530	110,120
	12-1-57	86,682	9,881	4,575	101,138
	21-1-56	92,436	18,616	3,634	114,686

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem* BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
19-1-57				
12-1-57	72,709	317,365	210,506	600,580
21-1-56	96,994	127,222	178,181	402,397

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 19-1-57	12-1-57	21-1-56
BRASIL (*)	Santos	2,925,000	2,905,000	2,756,000
	Rio	743,000	712,000	800,000
	Vitória	264,000	261,000	67,000
	Paranaguá	969,000 (º)	1,008,000 (%)	2,361,000 (&)
	Pernambuco	6,000	9,000	17,000
	Bahia	25,000	28,000	16,000
	Angra dos Reis	57,000	58,000	63,000
	TOTAL	4,989,000	4,981,000	6,080,000

COLÔMBIA (")	Barraquilla	24,908	18,898	7,844
	Cartagena	36,135	32,699	61,105
	Buenaventura	91,326	56,504	95,834
	Cúcuta	26,815	28,392	105,909
	TOTAL	179,184	136,493	270,692

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Safra	Nov. 1956	Out. 1956	Nov. 1955
1955-56	—	—	6,152,000
1956-57	3,830,000	4,287,000	—
	3,830,000	4,287,000	6,152,000

DESPACHOS DE CAFÉ POR E. DE FERRO: 1 DE JULHO DE 1956 A 30 DE NOVEMBRO DE 1956 DESTINADO A:

Santos	5,257,000
Rio	191,000
Angra dos Reis	28,000
Outros (")	797,000
TOTAL	6,273,000

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(o) 963,000 livre e 6,000 retidos.
(%) 996 000 livre e 12,000 retidos.
(&) 787,000 livre e 1,574,000 retidos.
(") Incluido Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do café: O Bureau Pan-Americano do Café tem recebido numerosas e expressivas demonstrações de apreço por motivo da passagem do XX Aniversário da sua fundação. As felicitações começaram a chegar dêsde Outubro último, porque foi em Outubro de 1936 que se realizou a Primeira Conferência Pan-Americana do Café, da qual surgiu o Bureau, em caráter definitivo.

Dentre as felicitações recebidas, destacam-se as enviadas pelos Departamentos de Estado e de Agricultura dos Estados Unidos; da Organização dos Estados Americanos da Natonal Coffee Assocation of the U. S. A.; Tea and Coffee Association of Canada, e dos presidentes das Comissões de Agricultura do Senado e da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, bem como de

várias associações cafeeiras, e de firmas do Comércio do café nos Estados Unidos, Canadá, outros paíse americanos e Europa, além de diversas companhias de navegação de várias nacionalidades.

O Secretário de Estado americano, em significativa carta, congratula-se com o Bureau pela sua obra de fomento comercial e das boas relações entre os Estados Unidos e os países produtores de café no importante e proveitoso comércio entre as Américas.

A National Coffee Association, em simbólico pergaminho oferecido ao Bureau, acentua o inestimável valor da obra dessa agremiação pan-americana, obra ''que se manifestam amplamente nos grandes esforços realizados em prol do seu duplo objetivo — promover o aumento do consumo do café nos Estados Unidos, e manter as melhores relações entre produtores e consumidores."

Do Canadá, a Tea and Coffee Association felicita o Bureau pela brilhante concepção dos estadistas que o fundaram, e acentua que "o café, como bebida favorita, é um símbolo de amizade e sociabilidade, um produto de expressiva magnitude no vasto e florescente comércio entre o Canadá e as nações latino-americanas."

Em Novembro último, o Bureau fez uma emissão de cinco milhões de sêlos comemorativos, para uso durante o ano do seu XX Aniversário, pelos países membros e pelo comércio e indústria do café na América do Norte. Três milhões e meio dêsses sêlos foram impressos em inglês, destinados aos Estados Unidos e Canadá, com o lema: "Café — a taça da amizade". Em português foram impressos 500.000 sêlos comemorativos, e em espanhol, um milhão.

Em 30 de Dezembro de 1956, em sua edição dominical, o ''New York Times" diário cuja circulação nos Estados Unidos excede a 1.100.000 de exemplares, publicou um artigo sôbre o XX Aniversário do Bureau, essa organização única no mundo, pondo em foco as distintas atividades referentes ao anúncio, promoção, publicidade e relações públicas realizadas pelo Bureau em prol do café; a importante e valiosa criação da "Pausa para o café", e ainda o fato de haver o Bureau contribuido para que o consumo do café, no mercado americano, passasse de 13 milhões de sacas, que era antes da segunda guerra mundial, para o volume atual de mais de 20 milhões de sacas. "O Bureau Pan-Americano do Café, diz o "New York Times", merece crédito por uma grande parte dêsse feito."

Outro grande símbolo do jornalismo americano, "The New York Herald Tribune", em sua edição de domingo, 20 dêste mês, publicou um artigo ilustrado com uma fotografia da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café — "que comemora êste ano o seu XX Aniversário e ao qual se deve o fato de estarem, atualmente, muito mais pessoas bebendo café".

E acrescenta: "Dentre os resultados alcançados pela propaganda do café feita pelo Bureau nos Estados Unidos, destacam-se: um maior consumo agora de café pela manhã, do que o consumo de há 20 anos, e também um maior consumo entre as refeições. Hoje, o Bureau Pan-Americano do Café insentiva o consumo do produto, valendo-se de um completo programa de promoção, no qual entram como elementos essenciais, os anúncios de escôpo nacional, a publicidade e o material de propaganda, além da ampla cooperação do comércio varejista."

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XXII	SÃO PAULO, 31 DE JANEIRO DE 1957	Número 373

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1956/1957

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	Julho Novembro	1.ª dezena Dezemb.	2.ª dezena Dezemb.	3.ª dezena Dezemb.	TOTAL
Santos a Jundiaí	151 976	3 288	7 109	10 221	172 594
Sorocabana	571 717	17 156	25 389	12 350	626 612
Paulista	2.012 022	13 587	15 862	9 343	2 050 814
Mogiana	495 331	6 782	8 487	9 737	520 337
Araraquara	946 987	3 720	3 706	2 774	957 187
Noroeste do Brasil	1.022 408	4 075	3 612	2 158	1 032 253
Central do Brasil	1 273	—	—	—	1 273
Estrada de Rodagem	54 055	7 772	5 387	2 155	69 369
Total	**5 255 769**	**56 380**	**69 552**	**48 738**	**5 430 439**

Nota : Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. Não foram recebidos os dados referentes aos mêses de Novembro e Dezembro da Estrada de Ferro São Paulo e Minas.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DESPACHADO	RIO DE JANEIRO		ANGRA DOS REIS	TOTAL
	FERROV.	RODOV.	RODOV.	
	Comum	Comum	Comum	
Julho/Novembro	17 984	173 064	28 064	219 112
1.ª dezena Dezembro	914	5 645	301	6 860
2.ª dezena Dezembro	2 913	4 436	434	7 783
3.ª dezena Dezembro	220	1 641	664	2 525
Total	**22 031**	**184 786**	**29 463**	**236 280**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIES

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho/Novembro	4 912 161	551 216	11 504	5 474 881
1.ª Dezembro	42 445	20 778	17	63 240
2.ª »	55 106	42 229	—	77 335
3.ª »	36 319	14 544	400	51 263
Total	5 046 031	608 767	11 921	5 666 719

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

DEZENAS	PARANÁ					MINAS GERAIS						GOIÁS		TOTAL
	Ferroviário			Rodoviário		Ferroviário			Rodoviário			Ferrov. º Rodov.		
	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	
Julho/Novembro	393 663	11 357	5 882	210	4 894	56 230	123 675	2 587	440	36 509	430	162 687	730	799 294
1.ª Dezembro	9 137	—	925	—	441	1 276	3 995	—	—	3 709	—	x —	—	19 481
2.ª »	9 352	475	1 462	—	1 433	3 355	15 781	—	—	4 560	—	x —	—	28 418
3.ª »	3 094	927	—	—	1 021	1 669	16 090	—	—	3 124	—	x 207	—	15 132
Total	415 246	12 759	8 267	210	7 789	62 530	138 541	2 587	440	47 902	440	162 894	730	860 325

NOTA: Até a presente data, não foram registrados despachos de café procedente do Estado de Mato Grosso
(x) Incompleto

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1957

VIAS	PROCEDÊNCIAS									TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraiba	
E. F. C. do Brasil	5.386	4.023	—	—	—	—	—	—	—	9.409
E. F. Leopoldina	—	5.142	196	28.706	—	—	—	—	—	34 014
Cabotagem	—	—	—	—	1.476	7.703	—	1.838	—	11.017
Rodoviário	8 090	165.157	15.867	43.271	42.828	7.273	2.415	5.584	20	290.505
Total	13.476	174.322	16.063	71.977	44.304	14.976	2.415	7.422	20	344.975

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1957

MESES	Entradas	Embarques
1956		
julho	181.197	212.775
agôsto	230.615	193.423
setembro	345 646	197.248
1.º trimestre:	757.458	603.446
outubro	453.806	227.081
novembro	321.268	226.692
dezembro	267.053	335.016
2.º trimestre:	1.042.127	788.789
1.º semestre:	1.799.585	1.392.235
1957		
janeiro	344.975	281.928

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

JANEIRO DE 1957

(Em cents por libra (peso) 453,60)

	SANTOS				RIO	
DIAS	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 4	Tipo 7
2	N/cotado	N/cotado	61.75	60.50	N/cotado	47.00
3	"	"	62.00	60.75	"	47.00
4	"	"	62.00	60.75	"	47.00
7	"	"	62.00	60.75	"	47.00
8	"	"	62.00	60.75	"	47.25
9	"	"	62.25	61.00	"	47.25
10	"	"	62.50	61.25	"	47.25
11	"	"	62.50	61.25	"	47.25
14	"	"	62.50	61.25	"	47.25
15	"	"	62.50	61.25	"	47.25
16	"	"	62.25	61.00	"	47.25
17	"	"	62.25	61.00	"	47.25
18	"	"	62.25	61.00	"	47.25
21	"	"	62.25	61.00	"	47.25
22	"	"	62.25	61.00	"	47.25
23	"	"	62.25	61.00	"	47.25
24	"	"	62.25	61.00	"	47.25
25	"	"	62.25	61.00	"	47.25
28	"	"	62.25	61.00	"	47.25
29	"	"	62.25	61.00	"	47.25
30	"	"	62.25	61.00	"	47.25
31	"	"	62.25	61.00	"	47.25
Mínima	—	—	61.75	60.50	—	47.00
Média	—	—	62.23	60.98	—	47.20
Máxima	—	—	62.50	61.25	—	47.25

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

JANEIRO DE 1957

(Em cents. por libra (pêso) 453,60

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA	SOMA
	3	9	16	23	30		
COLÔMBIA							
Medelim Excelso	2) 72.50	2) 73.00	2) 74.00	2) 72.50	2) 71.50	72.70	363.50
Armenia	2) 72.50	2) 73.00	2) 74.00	2) 72.50	2) 71.50	72.70	363.50
Manizales	2) 72.50	2) 73.00	2) 74.00	2) 72.50	2) 71.50	72.70	363.50
COSTA RICA							
Hard	2) 69.50	2) 70.00	2) 69.25	2) 71.00	2) 70.00	69.95	349.75
Atlantic Fino	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
EQUADOR							
Lavado	2) 65.00	2) 65.00	2) 65.00	2) 65.00	2) 65,00	65.00	325.00
Extra não lavado	2) 50.00	2) 50.00	2) 50.00	2) 50.00	2) 52.00	50.40	252.00
GUATEMALA							
Antigua	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Bourbon	2) 70.00	2) 70.00	2) 70.00	2) 70.00	2) 69.00	69.80	349.00
Extra primeira	2) 67.00	2) 67.00	2) 68.00	2) 68.00	2) 67.00	67.40	337.00
Lavado bom	2) 66.50	2) 66.50	2) 67.00	2) 67.00	2) 66.00	66.60	333.00
HAITI							
Lavado bom mole	2) 65.00	2) 66.50	2) 67.50	2) 67.50	2) 67.50	66.80	334.00
Catado á mão	2) 53.00	2) 55.00	2) 54,50	2) 54.50	2) 54.50	54.30	271.50
HONDURAS							
Lavado bom	N/cot.	N/cot.	2) 64.00	N/cot.	N/cot.	64.00	64.00
T.5-Comum duro	"	"	N/cot.	"	"		
MÉXICO							
Coatepec	2) 66.50	2) 66.50	2) 67.25	2) 67.00	2) 66.00	66.65	333.25
Tapachula 1.ª	2) 66.25	2) 66.25	2) 67.00	2) 66.25	2) 65.50	66.25	331.25
NICARAGUA							
Matagalpa	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Lavado bom	"	"	"	"	"		
EL SALVADOR							
Lavado 1.ª	2) 65.50	2) 66.00	2) 66.50	2) 67.00	2) 66.50	66.30	331.50
S. DOMINGOS							
Lavado bom mole	2) 63.00	2) 63.50	2) 64.00	2) 63.50	2) 63.50	63.50	317.50
Fino	2) 67.00	2) 67.50	2) 66.50	2) 67.00	2) 67.00	67.00	335.00
VENEZUELA							
Maracaibo	N/cot.	N/cot.	2) 67.50	2) 66.50	2) 66.50	66.83	200.50
CONGO BELGA							
Lavado robusta	2) 67.00	2) 67.00	2) 68.00	2) 67.00	2) 68.00	67.40	337.00
Natural robusta	2) 35.00	2) 35.50	2) 36.00	N/cot.	N/cot.	35.50	106.50
MÓCA							
Móca Arabia	2) 69.00	2) 69.00	2) 68.00	2) 68.00	2) 68.50	68.50	342.50
JAVA e N.E.I.							
Ger. Java lavado	2) 79.00	2) 80.00	2) 81.00	2) 80.00	2) 80.00	80.00	400.00
UGANDA							
Lavado	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
ETIÓPIA							
Harrar	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Djima	"	"	2) 59.00	2) 60.00	"	59.50	119.00

Observações: 2) Desembarcado à vista líquido

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JANEIRO DE 1957

Em Cr$ por 10 quilos

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
2	455,00	408,50	375,50	—	—
3	460,00	410,00	376,50	320,00	260,00
4	460,00	410,00	376,50	320,00	260,00
5	—	—	—	—	—
7	458,50	410,00	376,50	320,00	260,00
8	458,50	410,00	376,50	320,00	260,00
9	458,50	410,00	378,50	320,00	260,00
10	458,50	410,00	376,50	320,00	260,00
11	458,50	410,00	376,50	320,00	260,00
12	—	—	—	—	—
14	460,00	411,50	380,00	325,00	260,00
15	460,00	411,50	380,00	327,00	260,00
16	460,00	411,50	380,00	330,00	260,00
17	460,00	411,50	381,50	330,00	260,00
18	458,50	411,50	380,00	330,00	260,00
19	—	—	—	—	—
21	458,50	411,50	380,00	330,00	260,00
22	458,50	411,50	380,00	330,00	260,00
23	455,00	410,00	378,50	330,00	260,00
24	455,00	410,00	378,50	330,00	260,00
25	—	—	—	330,00	260,00
26	—	—	—	—	—
28	456,00	410,00	380,00	330,00	260,00
29	455,00	410,00	380,00	330,00	260,00
30	453,50	410,00	380,00	330,00	260,00
31	455,00	410,00	380,00	327,00	—
Mínima	**453,50**	**408,50**	**375,50**	**320,00**	**260,00**
Média	**457,74**	**410,43**	**378,64**	**326,14**	**260,00**
Máxima	**460,00**	**411,50**	**381,50**	**330,00**	**260,00**

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1957

DATA	Europa	América Norte	América Sul	América Central	África	Ásia	Cabotagem	Total
2	1.247	—	—	—	—	—	—	1.247
4	875	4.550	—	—	—	—	—	5.425
5	5.663	7.770	—	—	3.935	—	—	17.368
7	5.791	—	—	—	—	—	—	5.791
9	3.273	7.130	—	—	125	—	—	10.528
10	17.526	—	300	—	—	—	—	17.826
11	3.172	250	4.391	—	—	—	—	7.813
12	5.750	—	1.450	—	—	—	—	7.200
14	9.040	21.250	650	50	—	400	—	31.390
15	—	—	2.950	—	—	—	—	2.950
16	—	—	350	—	—	—	—	350
19	20.448	—	4.652	—	—	8.332	—	33.432
21	1.217	—	—	—	—	1.133	—	2.350
22	—	26.080	—	—	—	—	—	26.080
23	500	—	—	—	—	—	—	500
25	6.500	4.327	3.200	35	3.482	—	—	17.544
26	5.804	36.381	—	—	—	—	—	42.185
28	905	18.650	—	—	—	—	—	19.555
29	3.073	6.100	—	—	—	—	—	9.173
30	—	5.250	—	—	—	—	—	5.250
31	10.286	4.250	3.435	—	—	—	—	17.971
Total	101.070	141.988	21.378	85	7.542	9.865	—	281.928

CÂMBIO EM NOVA YO

JANEI

(Valor das div

DIAS	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	Pa: fra
2	2,78 13/16	1,04 3/16	0,01 55	0,02 65	0,26 62	0,002
3	2,79 00	1,04 5/32	0,01 55	0,02 67	0,26 75	0,002
4	2,79 1/8	1,04 1/16	0,01 55	0,02 67	0,26 75	0,002
7	2,79 3/8	1,03 15/16	0,01 55	0,02 72	0,26 25	0,002
8	2,79 5/16	1,03 27/32	0,01 55	0,02 72	0,26 25	0,002
9	2,79 1/4	1,03 7/8	0,01 54	0,02 65	0,25 95	0,002
10	2,79 1/2	1,03 15/16	0,01 55	0,02 65	0,25 70	0,002
11	2,79 3/4	1,03 31/32	0,01 54	0,02 64	0,25 75	0,002
14	2,79 7/8	1,04 1/32	0,01 54	0,02 67	0,26 00	0,002
15	2,79 15/16	1,04 5/32	0,01 55	0,02 72	0,25 87	0,002
16	2,79 7/8	1,04 1/4	0,01 55	0,02 65	0,25 87	0,002
17	2,79 13/16	1,04 3/32	0,01 54	0,02 64	0,26 12	0,002
18	2,79 13/16	1,04 3/32	0,01 54	0,02 64	0,26 12	0,002
21	2,79 13/16	1,04 3/32	0,01 54	0,02 65	0,26 00	0,002
22	2,80 1/16	1,04 3/32	0,01 54	0,02 67	0,26 25	0,002
23	2,80 00	1,04 7/32	0,01 54	0,02 67	0,26 15	0,002
24	2,79 15/16	1,04 9/32	0,01 55	0,02 67	0,26 10	0,002
25	2,79 13/16	1,04 9/32	0,01 57	0,02 69	0,26 12	0,002
28	2,79 15/16	1,04 9/32	0,01 57	0,02 69	0,26 12	0,002
29	2,79 7/8	1,04 9/32	0,01 56	0,02 69	0,26 12	0,002
30	2,79 13/16	1,04 11/32	0,01 56	0.02 69	0,26 12	0,002
31	2,79 13/16	1,04 3/8	0,01 57	0,02 69	0,26 12	0,002
Mínima ...	**2.78 13/16**	**1,03 27/32**	**0,01 54**	**0,02 64**	**0,25 75**	**0,002**
Média	**2,79 21/32**	**1,04 1/8**	**0,01 55**	**0,02 67**	**0,26 14**	**0,002**
Máxima ...	**2,80 1/16**	**1,04 3/8**	**0,01 57**	**0,02 72**	**0.26 75**	**0,002**

RK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

RO DE 1957

ersas moedas em dólar)

ris nco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil Cr$ Oficia
3 19/32	0,2333 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2334	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2334	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2332 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2333	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 12	0,05 5
3 19/32	0,2332 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2332 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2333	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2332 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2332 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2333	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/16	0,26 13	0,05 5
3 19/32	0,2333	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 13	0,05 5
3 19/32	**0,2332 3/4**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0199 1/8**	**0,26 12**	**0,05 5**
3 19/32	**0,2333 1/4**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 03**	**0,0199 1/4**	**0,26 12**	**0,05 5**
3 19/32	**0,2334**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0199 1/4**	**0,26 13**	**0,05 5**

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Janeiro, de 1957

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	20.392	
	Áustria	1.120	
	Belgo-Luxemb. U.E.	2.655	
	Dinamarca	7.840	
	Espanha	3.000	
	Finlândia	10.125	
	França	19.625	
	Grã-Bretanha	4.250	
	Grécia	13.476	
	Holanda	1.991	
	Itália	3.008	
	Noruéga	225	
	Polônia	3.333	
	Suíça	30	
	Tchecoslováquia	10.000	101.070
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	3.230	
	Estados Unidos	138.758	141.988
AMÉRICA DO SUL	Argentina	14.826	
	Chile	1.102	
	Uruguai	2.450	21.378
AMÉRICA CENTRAL	Curaçáo	85	85
ÁFRICA	Marrocos Francês	125	
	Moçambique	120	
	Sudoeste Africano	25	
	U. S. Africana	7.272	7.542
ÁSIA	Chipre	600	
	Jordânia	100	
	Síria	833	
	Turquia	8.332	9.865
Total para o exterior			281.928
CABOTAGEM		—	—
Total geral			281.928

Consumo de bordo - 1 sc.

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — JANEIRO DE 1957

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugál escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Chile peso	Suécia corôa	Holanda florin
2	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	N/cotado	5.01 20	N/cotado	3.64 02	4.94 86
3	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	5.01 20	”	3.64 02	4.94 97
4	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	5.00 53	”	3.64 02	4.94 62
5	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	5.01 20	”	3.64 02	4.94 68
7	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.94 61	”	3.64 02	4.94 68
8	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.89 47	”	3.64 02	4.94 62
9	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.85 68	”	3.64 02	4.94 57
10	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.85 68	”	3.64 02	4.94 39
11	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.72 27	”	3.64 02	4.94 45
12	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.72 27	”	3.64 02	4.94 34
14	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.90 74	”	3.64 02	4.94 36
16	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.84 74	”	3.64 02	4.94 28
17	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.88 20	”	3.64 02	4.94 04
18	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.90 74	”	3.64 02	4.94 19
19	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.89 47	”	3.64 02	4.94 19
21	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.89 47	”	3.64 02	4.94 28
22	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.90 74	”	3.64 02	4.94 13
23	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.92 67	”	3.64 02	4.94 02
24	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	”	4.92 67	”	3.64 02	4.94 07
25	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.89 47	”	3.64 02	4.94 02
26	52.96 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.90 10	”	3.64 92	4.94 07
28	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.90 10	”	3.64 02	4.94 13
29	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.89 47	”	3.64 02	4.94 13
30	52.96 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.90 10	”	3.64 02	4.93 96
31	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	”	4.90 74	”	3.64 02	4.94 13
Mínima	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	—	4.72 27	—	3.64 02	4.94 94
Média	52.69 60	18.82 00	4.42 60	0.66 07	—	4.90 14	—	3.64 02	4.95 26
Máxima	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	—	5.01 20	—	3.64 02	4.95 67

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

JANEIRO DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
3	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	N/cotado	4.83.16	N/cotado	3.55.13	4.82.76
4	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.83.16	”	3.55.13	4.82.87
5	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.82.52	”	3.55.13	4.82.53
7	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.83.16	”	3.55.13	4.82.59
8	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.76.88	”	3.55.13	4.82.59
9	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.71.98	”	3.55.13	4.82.53
10	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.68.37	”	3.55.13	4.82.48
11	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.68.37	”	3.55.13	4.82.31
12	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.67.18	”	3.55.13	4.82.37
14	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.67.18	”	3.55.13	4.82.25
15	51.40.90	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.73.20	”	3.55.13	4.82.28
16	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.67.47	”	3.55.13	4.82.19
17	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.70.77	”	3.55.13	4.81.97
18	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.73.20	”	3.55.13	4.82.11
19	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.71.98	”	3.55.13	4.82.11
21	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.71.98	”	3.55.13	4.82.19
22	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.73.20	”	3.55.13	4.82.05
23	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.75.03	”	3.55.13	4.81.94
24	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	”	4.75.03	”	3.55.13	4.82.00
25	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.71.98	”	3.55.13	4.81.94
26	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.72.59	”	3.55.13	4.82.00
28	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.72.59	”	3.55.13	4.82.05
29	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.71.98	”	3.55.13	4.82.05
30	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.72.59	”	3.55.13	4.81.89
31	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	”	4.73.20	”	3.55.13	4.82.05
Mínima	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	—	4.67.18	—	3.55.13	4.81.89
Média	51.40.80	18.36.00	4.28.25	0.63.28	—	4.73.55	—	3.55.13	4.82.24
Máxima	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	—	4.83.16	—	3.55.13	4.82.87

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 453,60 — Contrato "B"

JANEIRO DE 1957

DIA	MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	VENDAS SACAS
1											
2	58.25	58.30	58.10	58.20	57.65	58.10	55.85	56.20	54.95	55.40	31.750
3	58.50	58.00	58.40	58.20	58.15	57.96	56.50	56.15	55.90	55.45	47.500
4	58.00	58.91	58.20	57.95	58.00	57.80	56.20	56.00	55.75	55.25	27.500
7	57.75	57.73	57.80	57.80	57.75	57.62	56.00	55.90	55.10	55.00	17.750
8	57.75	57.80	57.80	57.80	57.70	57.62	56.10	55.97	55.40	55.00	24.250
9	58.00	57.95	58.20	58.09	58.00	57.75	56.15	56.19	55.30	55.20	16.250
10	58.05	58.34	57.90	58.25	57.80	57.82	56.20	56.40	55.35	55.30	31.750
11	58.50	58.90	58.35	58.79	58.00	58.30	56.59	56.75	55.50	55.75	53.000
14	59.00	59.20	58.95	59.11	58.75	58.40	57.00	57.20	56.10	56.16	40.250
15	59.09	59.25	58.60	59.00	58.40	58.30	N/cot.	57.05	56.00	55.95	14.750
16	59.25	58.60	58.25	58.50	59.50	57.75	57.00	56.41	N/cot.	55.30	26.500
17	58.40	58.55	58.25	58.25	57.70	57.45	56.31	56.00	55.20	54.90	30.000
18	58.75	59.00	58.40	58.60	57.30	57.75	55.90	56.20	54.80	55.21	18.500
21	59.10	58.95	58.75	57.59	57.95	57.65	56.55	56.25	55.55	55.12	11.750
22	59.04	59.00	58.65	58.65	57.77	57.71	56.50	56.10	54.90	54.95	8.500
23	58.76	58.80	58.50	58.45	57.71	57.70	56.10	55.80	54.70	54.70	18.750
24	58.90	58.74	58.60	58.45	57.90	57.65	55.90	55.88	54.78	54.88	54.750
25	58.50	58.70	58.40	58.55	57.59	57.76	55.75	56.18	54.60	54.90	19.250
28	59.00	58.50	58.70	58.49	57.95	57.69	56.10	56.20	55.00	54.55	12.000
29	58.85	56.90	58.25	57.85	57.60	57.15	55.95	55.70	54.60	54.50	15.250
30	57.90	58.10	57.70	58.09	57.00	57.58	55.70	55.70	54.40	54.90	17.000
31	58.45	58.20	58.15	58.38	57.20	57.68	55.70	55.95	54.55	54.90	13.750
Mínima	57.75	57.73	57.70	57.80	57.00	57.15	55.70	55.70	54.45	54.50	
Média	58.54	58.47	58.38	58.36	57.84	57.77	56.19	56.19	55.16	55.16	
Máxima	59.10	59.25	59.25	59.11	58.75	58.40	57.00	57.20	56.10	56.10	

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Livre**, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de JANEIRO DE 1957.

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Holanda	Uruguai	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Belgica	França	Itália
2....	181,0000	—	66,3167	—	—	15,4566	—	—	—	2,3611	—	—	0,1063
4....	181,8082	69,9100	66,7790	17,5501	18,7204	15,5912	15,6645	12,0155	8,0186	2,3414	1,3600	0,1974	0,1104
5....	181,9996	69,9428	66,6154	17,6578	18,0000	15,8529	15,5705	-	8,0623	2,3393	1,3311	0,1930	0,1086
7....	182,0052	—	66,7794	—	17,5000	15,8000	15,9005	—	8,0000	2,3354	1,3000	0,1911	0,1045
8....	181,6853	69,5882	66,3952	17,5952	18,8821	15,4756	15,4836	11,6132	8,2000	2,3535	1,3370	0,1869	0,1049
9....	181,1005	—	66,4736	-	—	15,4691	15,6832	—	7,9259	2,3232	1,3500	0,1850	0,1062
10....	181,8752	—	66,4092	—	—	15,5018	15,5161	11,8044	—	2,3228	1,2900	0,1900	0,1050
11....	182,0039	69,5000	66,3509	17,4000	-	15,4999	15,5979	11,9425	8,0801	2,3457	1,3309	0,1850	0,1054
12....	182,5397	69,3000	66,6847	—	—	15,4568	15,7143	11,8813	—	2,3312	—	0,1925	0,1087
14....	185,7684	—	66,7253	—	—	16,2051	15,5300	-	8,4000	2,3293	—	—	0,1051
15....	183,6291	69,3000	66,3926	17,4000	19,0000	15,6128	15,4667	12,1200	—	2,3388	—	0,1850	0,1072
16....	182,6657	—	66,4407	17,4956		15,5535	15,5429	—	—	2,3336	1,3500	0,1840	0,1052
17....	182,1023	—	67,0444	17,2641	—	15,7471	15,5138	11,8172	—	2,3331	1,3100	0,1910	0,1045
18....	182,4961	69,5000	66,3885	—	18,0000	15,6003	15,6000	11,8874	8,2024	2,3366	—	0,1891	0,1047
19....	183,1341	70,0000	67,1237	17,5957		15,5561	15,5024	—	8,2000	2,3280	—	—	0,1060
21....	183,5113	—	66,4463	17,4523	18,0000	15,9970	—	—	—	2,3205	—	—	0,1051
22....	182,7625	69,5000	66,3696	17,4619	—	15,5368	15,9133	12,0695	8,2000	2,3502	1,3300	0,1870	0,1055
23....	183,3273	—	66,2697	17,4000	18,7000	15,5705	15,6091	11,8832	7,9188	2,3244	—	0,1906	0,1051
24....	182,3849	—	66,3823	17,2651	17,9385	15,5995	15,5007	11,8700	—	2,3283	—	0,1887	0,1066
26....	184,0000	—	65,4514	—	—	15,4034	—	—	—	2,3174	—	0,1910	0,1050
28....	183,3862	—	66,9517	17,1000	—	16,0000	15,3400	—	—	2,3138	1,3100	—	0,1049
29....	180,5332	68,7812	65,6595	17,3000	—	15,3029	15,3005	—	—	2,3245	1,3100	0,1850	0,1049
30....	180,6746	68,8030	66,8869	—	—	15,4205	15,4186	11,8967	7,9543	2,3092	1,2900	0,1926	0,1052
31....	181,0625	—	65,9240	16,5059	—	15,3316	15,4433	12,0000	8,0000	2,3158	1,3200	0,1871	0,1048
Md...	**182,8106**	**69,4659**	**66,4691**	**17,3629**	**18,3045**	**15,6903**	**15,5638**	**11,9077**	**8,1448**	**2,3315**	**1,3230**	**0,1890**	**0,1057**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de **Janeiro** 1957

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França	Itália
2	52,6960	18,82	—	4,4988	4,4278	—	—	—	—	0,0536	0,0301
4	52,6960	18,82	4,9486	4,4987	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3751	0,0538	0,0301
5	52,6960	18,82	4,9533	4,4978	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3760	0,0535	0,0300
7	—	—	4,9462	4,4934	—	—	—	—	—	—	—
8	52,6960	18,82	4,9468	4,4919	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3749	0,0535	0,0301
9	52,6960	18,82	4,9468	4,4895	4,4278	—	2,7499	0,6607	0,3755	0,0535	0,0299
10	52,6960	18,82	—	4,4907	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3757	0,0535	0,0300
11	52,6960	18,82	4,9457	4,4895	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3757	0,0535	0,0300
12	52,6960	18,82	—	4,4895	—	3,6402	2,7499	—	0,3757	0,0535	0,0300
14	52,6960	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0535	—
15	52,6960	18,82	4,9433	4,4876	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3762	0,0535	0,0299
16	52,6960	18,82	4,9451	4,4879	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3754	0,0535	0,0301
17	52,6960	18,82	4,9428	4,4852	—	3,6402	2,7499	—	0,3754	0,0535	0,0299
18	52,6960	18,82	4,9406	4,4829	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3751	0,0535	0,0299
19	52,6960	18,82	4,9684	4,4845	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3751	0,0535	0,0301
21	—	18,82	—	—	—	3,6402	—	—	0,3754	—	0,0299
22	52,6960	18,82	4,9426	4,4872	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3754	0,0534	0,0299
23	52,6960	18,82	4,9413	4,4874	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3754	0,0535	0,0299
24	52,6960	18,82	4,9402	4,4874	—	3,6402	2,7499	—	0,3751	0,0534	0,0299
26	52,6960	18,82	—	4,4864	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3751	0,0534	0,0299
28	—	18,82	—	—	—	—	—	—	—	0,0535	—
29	52,6960	18,82	4,9439	4,4879	—	3,6402	2,7499	—	0,3750	0,0535	0,0300
30	52,6960	18,82	4,9439	4,4833	4,4238	3,6402	2,7499	0,6607	0,3750	0,0535	0,0301
31	52,6960	18,82	4,9419	4,4868	4,4254	3,6402	2,7499	—	0,3747	0,0534	0,0299
Média	**52,6960**	**18,82**	**4,9456**	**4,4894**	**4,4278**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3753**	**0,0535**	**0,0299**

CÂMBIO

— 1957 —

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante o mês de JANEIRO

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Alemanha	Marco	4.122.368	3.920.408
Argentina	Pêso	133.719	136.414
Áustria	Shelling	600	—.—
Bélgica	Franco	4.823.294	3.761.493
Canadá	Dóllar	45.296	73.983
Colômbia	Pêso	100	—.—
Cuba	Pêso	46	46
Dinamarca	Corôa	367.537	176.893
Espanha	Peseta	123.671	91.711
Est. Unidos	Dóllar	10.082.549	10.410.203
França	Franco	112.477.705	102.516.523
Holanda	Florin	142.380	166.822
Inglaterra	Libra	451.720	458.720
Itália	Lira	103.823.404	114.829.340
México	Pêso	600	600
Paraguai	Guarani	600	5.000
Perú	Sol	3.710	1.440
Portugal	Escudo	9.797.999	8.639.089
Suécia	Corôa	493.885	528.329
Suiça	Franco	1.216.625	1.358.830
Uruguai	Pêso	24.522	12.988
Venezuela	Bolivar	150	—.—

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Argentina	13.913	14.118
US$ Chile	6.281	2
US$ Espanha	35.657	10.394
US$ Finlândia	16.842	15.125
US$ Grécia	1.233	52
US$ Hungria	4.555	3.978
US$ Iugoslávia	1.746	745
US$ Japão	48.261	16.257
US$ Noruega	25.380	51
US$ Polônia	25.355	—.—
US$ Portugal	69	—.—
US$ Tchecoslováquia	23.269	—.—
US$ Turquia	20	—.—
US$ Uruguai	2	—.—

CÂMBIO

— 1957 —

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pela Bolsa Oficial de Valores durante o mês de JANEIRO.

PAÍSES	MOEDAS		QUANTIDADE
Alemanha	Marco	Cr$	127.159.376
Argentina	Pêso	”	180
Bélgica	Franco	”	19.916.690
Canadá	Dollar	”	1.350.000
Dinamarca	Corôa	”	26.263.089
Estados Unidos	Dollar	”	1.481.607.502
Holanda	Florin	”	15.260.985
França	Franco	”	45.642.026
Inglaterra	Libra	”	154.428.854
Itália	Lira	”	21.620.752
Portugal	Escudo	”	6.653.599
Suécia	Corôa	”	48.981.831
Suiça	Franco	”	13.170.677
Uruguai	Pêso	”	113.285
Total de moedas		Cr$	1.962.168.846

CONVÊNIOS

US$ Alemanha	Cr$	435.045
US$ Argentina	”	5.222.335
US$ Áustria	”	147.988
US$ Bolívia	”	1.306.423
US$ Chile	”	9.053.109
US$ Espanha	”	8.970.206
US$ Finlândia	”	7.020.001
US$ Grécia	”	258.257
US$ Holanda	”	11.451
US$ Hungria	”	5.233.450
US$ Itália	”	1.136.952
US$ Iugoslávia	”	2.588.307
US$ Japão	”	10.317.479
US$ Noruega	”	5.821.335
US$ Polônia	”	6.121.463
US$ Portugal	”	80.947
US$ Tchecoslováquia	”	7.921.299
US$ Turquia	”	19.852
US$ Uruguai	”	3.887.609
US$ Israel	”	371.021
Total de convênios	Cr$	76.274.529

QUADRO COMPARATIVO

Total das operações realizadas em Janeiro de 1956	Cr$	1.552.174.799
Total das operações realizadas em Dezembro de 1956	”	2.125.731.245
Total das operações realizadas em Janeiro de 1957	”	2.038.443.375

CÂMBIO

- 1957 -

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

Resumo das Operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de JANEIRO

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Alemanha	Marco	11.336.876	14.997.036
Bélgica	Franco	38.322.335	36.568.474
Dinamarca	Corôa	5.957.409	6.374.842
Estados Unidos	Dólar	17.098.673	13.276.795
França	Franco	315.860.366	367.184.322
Holanda	Florin	1.720.406	1.690.012
Inglaterra	Libra	1.198.605	1.055.599
Itália	Liras	674.433.273	710.343.322
Portugal	Escudo	13.037	40.502
Suécia	Corôa	6.443.698	5.386.612
Suiça	Franco	7.562	55.273

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Alemanha	30	2.904
US$ Argentina	1.352.033	1.236.805
US$ Áustria	56	64
US$ Bolívia	56.310	41.539
US$ Chile	63.225	702.206
US$ Espanha	850.326	776.596
US$ Finlândia	412.359	609.913
US$ Grécia	494	403
US$ Hungria	279.723	281.117
US$ Holanda	12	12
US$ Israel	13.115	13.091
US$ Itália	28.957	33.686
US$ Iugoslávia	71.164	55.553
US$ Japão	591.270	631.457
US$ Noruega	523.532	637.929
US$ Polônia	1.028.731	594.549
US$ Portugal	60.161	95.689
US$ Tchecoslováquia	649.516	775.959
US$ Turquia	2.311	2.260
US$ Uruguai	222.964	235.770
£'s Islândia	9.643	9.666

ÍNDICE

COLABORAÇÃO

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS: